

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

VERA REGINA ALVES VALERIM

A CURA DAS ALMAS :

PADRE JOÃO RETZ E A COMUNIDADE DA PARÓQUIA DE SOMBRIO (1938-1963)

Dissertação apresentada ao curso de
Pós-Graduação em História do Centro
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial à obtenção do
grau de Mestre em História.

FLORIANÓPOLIS - SC

1996

A CURA DAS ALMAS:
.PADRE JOÃO REITZ E A COMUNIDADE DA PARÓQUIA DE SOMBRIO
(1938 -1963)

VERA REGINA ALVES VALERIM

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do
título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

BANCA EXAMINADORA



Orientador - Prof. Dr. Carlos Humberto P. Corrêa



Co-orientador Prof. Dr. Valberto Dirksen



Profª . Drª. Marly Anna Fortes B. Mira

**Para o Arli, meu marido, que já foi
coroinha do padre João.**

AGRADECIMENTOS

- Ao professor Carlos Humberto pela orientação e pela confiança.
- Ao professor Valberto Dirksen pelas sugestões e críticas.
- Ao professor Artur Cesar Isaia pelas dicas e pelos textos.
- Ao Padre José Artulino Besen pelas conversas, pelos livros doados e por ter me posto em contato com o arquivo da Mitra Metropolitana de Florianópolis.
- Ao senhor Enio de Oliveira Matos, responsável pelo acervo da Mitra Metropolitana de Florianópolis, por permitir a consulta nos documentos do arquivo pessoal de padre João Adão Reitz. E, principalmente, por ter doado uma valiosa documentação à paróquia e ao município de Sombrio, que trouxe informações inéditas para este trabalho.
- Às bibliotecárias do Arquivo Público do Estado e do Instituto Teológico de Santa Catarina, sempre tão prestativas.
- Às paróquias Santo Antônio de Pádua de Sombrio e Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá pela gentileza no atendimento e por concederem a pesquisa nos seus arquivos.
- À bibliotecária Maria Aparecida Batistella, por me possibilitar o acesso ao Arquivo da Prefeitura Municipal de Sombrio.
- Aos meus pais por sempre terem apoiado meus estudos.
- Ao Arli, meu companheiro paciente e afetuoso, pelo incentivo.
- Aos meus sobrinhos pela ternura e carinho.
- Enfim, a todos que colaboraram de forma direta ou indireta com este trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
JOÃO REITZ : A FAMÍLIA E A TRADIÇÃO RELIGIOSA	16
1.1 NETO DE IMIGRANTES	16
1.2 ISOLAMENTO DOS COLONOS	20
1.3 CATOLICISMO DE IMIGRAÇÃO	24
CAPÍTULO II	
JOÃO REITZ : FORMAÇÃO RELIGIOSA E AS PRIMEIRAS ATIVIDADES PASTORAIS	33
2.1 A IGREJA CATÓLICA NA ÉPOCA DA FORMAÇÃO RELIGIOSA DE PADRE JOÃO REITZ	33
2.2 ANAUÊ ! PADRE JOÃO REITZ NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA	45
2.3 PADRE JOÃO REITZ : CURA DA CATEDRAL	62
CAPÍTULO III	
A PARÓQUIA DE SOMBRIÓ	73
3.1 SOMBRIÓ	73
3.2 A VIDA RELIGIOSA	77
CAPÍTULO IV	
A CURA DAS ALMAS : O TRABALHO PASTORAL DE PADRE JOÃO REITZ NA PARÓQUIA DE SOMBRIÓ	87

4.1 A ADMINISTRAÇÃO DA PARÓQUIA E O CONTROLE DO CULTO-----	88
4.2 A DOCTRINA CRISTÃ-----	92
4.3 AS ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS-----	94
4.4 AS SANTAS MISSÕES-----	101
4.5 A BOA IMPRENSA-----	108
4.6 O CENTRO MONSENHOR TOPP-----	110
4.7 AS ESCOLAS-----	118
4.8 O HOSPITAL DOM JOAQUIM-----	121
4.9 GUERRA AOS BAILES E OUTRAS GUERRAS-----	125
4.10 A CONSTRUÇÃO DA IGREJA MATRIZ-----	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	143
FONTES -----	147
BIBLIOGRAFIA -----	150

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. -Fotografia dos pais de padre João Adão Reitz, Nicolau Adão Reitz e Ana Wilvert Reitz, fotografados em 1925. -----	21
Figura 2. -Fotografia do padre João Adão Reitz, recém-ordenado sacerdote em Roma, a 26 de outubro de outubro de 1930.-----	43
Figura 3. -Fotografia do padre Afonso Reitz, no dia da festa de sua ordenação, juntamente com alguns integralistas.-----	47
Figura 4. -Mapa de paróquia de Sombrio em 1948-----	86
Figura 5. -Fotografia das associadas do Apostolado da Oração de Sombrio-----	97
Figura 6. -Fotografia dos sócios fundadores da Congregação Mariana para moços de Sombrio, em 08- de dezembro de 1949.-----	99
Figura 7. -Fotografia de lembrança da visita dos missionários em Sombrio, em março de 1948.--- -----	103
Figura 8. -Fotografia de lembrança da visita dos missionários em Sombrio, em março de 1949.--- -----	104
Figura 9. -Fotografia da conferência dos moços, nas missões de 1949 em Sombrio.-----	105
Figura 10. -Fotografia do padre João Reitz com os missionários em Sombrio.-----	106
Figura 11. -Fotografia do padre João Reitz com um missionário e alguns paroquianos durante um almoço no galpão de festas.-----	107
Figura 12. -Fotografia do padre João Reitz discursando durante um almoço com os missionário em Sombrio.-----	107
Figura 13. -Capa do livro “Paróquia de Sombrio”.-----	135

RESUMO

VALERIM, Vera Regina Alves. A cura das almas: padre João Reitz e a comunidade da paróquia de Sombrio (1938-1963). Florianópolis, 1996. 153p. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Humberto P. Corrêa

Defesa: 27/08/1996

Estudo do trabalho pastoral de [padre João Reitz] na [paróquia de Sombrio] desde 1938 até 1963. Aborda inicialmente períodos da infância e juventude de padre João Reitz quando ele sofreu influência do [catolicismo de imigração] e do [catolicismo romanizado], cujas práticas diferem em muitos aspectos, das pertinentes ao [catolicismo popular] dos luso brasileiros. Analisa a participação do padre na [Ação Integralista Brasileira] e no curato da Catedral de Florianópolis. Esta contextualização tem por finalidade compreender melhor a ação pastoral de padre João Reitz em Sombrio.

RÉSUMÉ

VALERIM, Vera Regina Alves. **A cura das almas: padre João Reitz e a comunidade da paróquia de Sombrio (1938-1963).** Florianópolis, 1996. 153p. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade federal de Santa Catarina.

Ditrecteur de Recherche: Prof. Dr. Carlos Humberto P. Corrêa

Soutenue le: 27/08/1996

Etude du travail pastorale du [Père João Reitz] dans la [paroisse de Sombrio] de 1938 jusqu'à 1963. Tout d'abord, on examine des periodes dans l'enfance et jeunesse du curé quand il a eu l'influence soit du [catholicisme de l'immigration] soit du [catholicisme romain] lesquels ont des pratiques differents, sous quelques aspects, de ces du [catholicisme populaire] luso-brésilien. On analyse. Aussi la participation du Père dans l' [Action Integraliste Brésilienne] et dans la Cure de Florianópolis. Cet étude a pour sujet bien comprendre l'activité pastorale du Père João Reitz dans la paroisse de Sombrio.

INTRODUÇÃO

Este estudo fala do padre João Adão Reitz e de seu trabalho pastoral junto à comunidade da paróquia Santo Antônio de Pádua de Sombrio. Não é uma biografia detalhada deste padre, embora dê grande ênfase a sua pessoa e tente reconstituir muitos períodos de sua vida, porque são importantes para compreender suas atividades em Sombrio. Quando criada, em 1938, a paróquia de Sombrio era bastante extensa, abrangendo toda a parte sul do território paroquial de Araranguá, do qual foi desmembrada, configurando-se como a mais meridional do Estado de Santa Catarina, fazendo divisa com o Rio Grande do Sul. Padre João Reitz passou a ser encarregado de organizá-la e lá viveu durante os últimos 47 anos de sua vida, desenvolvendo intensa ação pastoral.¹

Buscando entender como era a pastoral da Igreja Católica na época da infância e da juventude de padre João Reitz, utilizou-se de trabalhos de alguns autores que estudam o catolicismo. Deles extraíram-se três conceitos a seguir apresentados. “Catolicismo Popular” Caracteriza-se pela prática católica dos luso-brasileiros, predominante na Colônia e no Império. Nestes dois períodos, o clero brasileiro, além de ter uma formação precária, era reduzido. Tal situação favoreceu a atuação dos leigos nas manifestações religiosas. O culto aos santos, as festas, as novenas e procissões são mais importantes do que os sacramentos e as missas. Os leigos têm grande autonomia, e o clero e o Episcopado exercem um papel secundário.

¹ Segundo João Batista LIBANIO, o termo pastoral pode ser definido como “o agir da Igreja no mundo”, mas na sua opinião este “agir”, a “Igreja” e o “mundo” mudam no decorrer do tempo, condicionados pelas circunstâncias sociais, políticas e culturais de cada momento histórico, dando origem a diferentes tipos de pastoral. LIBANIO, João Batista. O que é pastoral. São Paulo : Brasiliense, 1982.

“Catolicismo de Imigração” Consiste na prática católica transplantada para o Brasil, no século XIX, pelos imigrantes europeus não-portugueses. Estes vivenciavam um catolicismo que havia acompanhado as reformas do Concílio de Trento. Neste modelo, prevalecem a prática dos sacramentos, a frequência à missa e à catequese, e a obediência à autoridade eclesiástica. Mas nos primeiros tempos da imigração no Brasil a carência de sacerdotes e a situação da Igreja Católica levaram os imigrantes a incorporarem elementos do catolicismo popular como, por exemplo, a atuação destacada dos leigos na vida religiosa.

“Catolicismo Romanizado” Designa-se o catolicismo de modelo romano, com base na mesma doutrina do Concílio de Trento, promovido no Brasil a partir de meados do século XIX pela hierarquia eclesiástica nacional, a fim de reformar o catolicismo popular. O Episcopado tomou uma série de medidas para reestruturar a Igreja Católica brasileira. Fundou e reformou seminários, incentivou as vocações sacerdotais, instalou no Brasil várias ordens religiosas européias, possibilitando um significativo aumento do clero com formação tridentina.

Esse processo de reformas embasado no modelo romano, ainda multiplicou o número de dioceses e paróquias, realizou visitas pastorais, incentivou a prática dos sacramentos e a catequese e promoveu novas devoções e associações de origem européia, dirigidas por padres. Deste modo, aos poucos, o Episcopado e o clero ocuparam o lugar dos leigos na esfera religiosa e imprimiram o catolicismo de molde romano, hierárquico e centralizado.

As características desses dois últimos modelos apresentados indicam que Padre João por descender de imigrantes alemães, sofreu influência do catolicismo de imigração e do romanizado. Em decorrência dessas práticas religiosas assimiladas, nelas pautou suas ações, não medindo esforços para cumpri-las e divulgá-las durante anos.

Quanto à periodização desta dissertação, o ano de criação da paróquia de Sombrio, 1938, quando padre João Reitz foi nomeado para ser seu Vigário, é o marco temporal inicial. A inauguração do templo da igreja matriz em 1963 é o marco temporal final. As obras da construção da matriz iniciaram em 1940 e foram interrompidas várias vezes. Os trabalhos de sua edificação envolveram os primeiros 25 anos de paróquia de padre João em Sombrio com diretrizes romanas. A década de 60 também é caracterizada pela crise do catolicismo romanizado.

O Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, provocou reformas significativas na organização e na doutrina da Igreja Católica, procurando adaptá-la ao mundo moderno, tornando-a mais descentralizada e menos hierárquica, mudando a liturgia e apresentando uma nova teologia com um cristianismo secularizado. Por sua vez a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano no ano de 1968, em Medellín, tentou ajustar a Igreja à realidade latino americana, atendo-se à miséria e à exploração de seus povos. As mudanças propostas por estes Concílios puseram em cheque as práticas do catolicismo romanizado.²

Neste trabalho, contudo, os três capítulos iniciais não seguem essa cronologia (1938-1963). O primeiro trata da infância do menino João Reitz abordando aspectos do meio onde viveu, da sua família e da religiosidade local.

O segundo capítulo procura situar as diretrizes da Igreja Católica na época dos estudos de padre João no seminário e no curso de Teologia em Roma. Em seguida, discorre sobre as suas primeiras atividades pastorais depois da ordenação e a sua participação no movimento da Ação Integralista Brasileira. Fala ainda do período em que padre João Reitz assumiu o Curato da

² Cf. BEOZZO, José Oscar. *O que é Igreja?* São Paulo: Brasiliense, 1981.p.130-141.; SALEM, Helena (org.). *A Igreja dos oprimidos*. São Paulo: Brasil Debates, 1981.p.37-42.

Catedral Metropolitana de Florianópolis, quando teve desentendimentos com o Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Investiga os motivos que o levaram a perder o cargo de Cura e a ser transferido para o extremo sul do Estado de Santa Catarina, com a incumbência de organizar a paróquia de Sombrio.

No terceiro capítulo são abordadas algumas características da região da paróquia e da vila Sombrio, sua localização, economia, vida religiosa e etnia da população.

Esses três capítulos são uma introdução ao último, que trata do objeto principal deste estudo: o trabalho pastoral de padre João Reitz na paróquia de Sombrio. Expõe a forma pela qual o padre buscava administrar a paróquia, controlar o culto nas capelas e o comportamento dos paroquianos. Fala das associações religiosas, das escolas e do hospital que fundou, da visita das Santas Missões na paróquia e da construção da igreja matriz.

O interesse pelo estudo sobre padre João Reitz partiu de uma motivação pessoal da autora, que é natural de Sombrio e morou próximo da Igreja Matriz. Depois de ler o verbete biográfico de padre João, publicado em 1988, a autora pôde perceber a dimensão do trabalho dele em Sombrio. As suas atividades não ficaram restritas ao campo religioso. Ele atuou também na área social, cultural, econômica e política exercendo uma influência determinante no desenvolvimento da paróquia e do município de Sombrio. Esta dissertação pretende ser apenas a primeira parte de um trabalho mais abrangente a respeito de padre João Reitz, porque se restringe mais especificamente à esfera religiosa.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram de extrema importância as informações de Cônego Raulino Reitz, irmão de padre João Reitz. Cônego Raulino (1919-1990) não ficou limitado ao sacerdócio, doutorado-se em Ciências na Universidade de Campinas, UNICAMP, exercendo

muito mais a função de cientista e professor. Durante a sua vida, filiou-se a várias sociedades científicas, no Brasil e no exterior, e recebeu muitos prêmios e distinções. Ocupou cargos como Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Diretor do Parque Botânico Morro do Baú de Santa Catarina, entre outros. Publicou cerca de 148 obras de sua autoria, especialmente sobre botânica e história.

Nesta dissertação foram utilizadas três obras de Cônego Raulino. Em 1963 ele escreveu “Frutos da Imigração”³, uma genealogia da família Reitz onde também relata fatos da Alemanha e do Brasil, envolvendo os avós e outros familiares. Já “Alto Biguaçu”⁴ diz respeito ao município de Antônio Carlos, sua terra natal, que antes se denominava Alto Biguaçu. No final do livro existem verbetes biográficos de alguns antonio-carlenses e entre eles estão o do seu avô paterno, do seu pai e dos irmãos, padre João Adão Reitz e padre Afonso Reitz.

Em 1948 publicou o “Paróquia de Sombrio”⁵, no aniversário dos 10 anos desta paróquia, demonstrando as realizações religiosas e sociais de padre João durante uma década de paróquio. Apresenta ainda um histórico das capelas bem como alguns aspectos físicos e econômicos do território paroquial. Estes escritos são preciosos, pois o fascínio que cônego Raulino tinha por sua família, a grande admiração pelo irmão João Reitz, a forma como escreve os seus conceitos e preconceitos revelam muito da vida e da mentalidade dos Reitz e boa parte do trabalho de padre João na paróquia sombriense.

Além dessas obras citadas, consultaram-se as fontes disponíveis de alguns arquivos⁶. Em Sombrio: na Prefeitura Municipal, no Museu Municipal e na Paróquia Santo Antônio de Pádua; e Araranguá: na Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens; e Florianópolis: na Cúria

³ REITZ, Raulino. Frutos da imigração: história e genealogia da família Reitz [Blumenau]: Tipografia Blumenauense, 1963.

⁴ REITZ, Raulino. Alto Biguaçu: narrativa cultural e tetrarracial. Florianópolis. Lunardelli, 1988.

⁵ REITZ, Raulino. Paróquia de Sombrio. Brusque: [s.e.], 1948.

Metropolitana, no Arquivo Público do Estado e no IBGE. Muitos documentos da paróquia de Sombrio já se perderam, mas alguns estavam juntos do arquivo pessoal de padre João Reitz, no acervo da Cúria Metropolitana de Florianópolis. Com eles foram encontradas várias fichas intituladas: "Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio 1931-1948". Estas fichas foram elaboradas pelo professor Evaldo Pauli, sobrinho do padre João, quando ainda era seminarista e trabalhava com o tio. Pauli e recolheu informações para o livro "Paróquia de Sombrio" de Cônego Raulino, através dos documentos paroquiais, de anotações pessoais e de consultas à população. Mas nem todo o conteúdo das fichas está no citado livro e muitos de seus dados são inéditos e ajudaram a elucidar muitos pontos obscuros para a realização deste trabalho.

Cabe salientar também que, durante o seu sacerdócio, padre João ocupou diversos cargos e recebeu alguns títulos: procurador do seminário de Brusque, entre 1932 e 1934, e encarregado da administração dos seus bens temporais em 1940; no dia 17 de maio de 1949, recebeu o título de Cônego Catedrático do Cabido Metropolitano de Florianópolis; em 31 de março de 1953, indicado Vigário Forâneo⁷ das paróquias de Araranguá, Sombrio, Turvo e Praia Grande; e, aos 15 de agosto de 1955, nomeado membro do Conselho Diocesano de Administração de Tubarão. Neste estudo, ele é tratado apenas como Padre João, porque assim era conhecido em Sombrio. A designação Cura serve somente para o período em que esteve no Curato da Catedral, ou apenas João Reitz para as épocas anteriores a sua ordenação.

⁶ No decorrer do texto desta dissertação, as citações dos documentos mantêm a grafia original da época em que foram produzidas.

⁷ Vigário Forâneo: delegado do bispo para um grupo de paróquias.

CAPÍTULO I

JOÃO REITZ : A FAMÍLIA E A TRADIÇÃO RELIGIOSA

1.1 NETO DE IMIGRANTES

Ana Wilvert Reitz, mãe de padre João Reitz, costumava dizer: *“(...) o maior ornamento de uma igreja é o padre, pois pouco valeriam os adornos, ricos altares, muitas flores, sem a presença do sacerdote para celebrar o Santo Sacrifício.”* Ana teve onze filhos, cinco mulheres e seis homens, e três ordenaram-se padres. Nada melhor para uma mãe católica fervorosa que muito rezou para poder oferecer à igreja ao menos um sacerdote.⁸

O primeiro a seguir o sacerdócio foi João Adão Reitz. Ele veio à luz, em 8 de novembro de 1904, na casa dos avós paternos onde Ana e seu marido, Nicolau Adão Reitz, residiram por sete anos. A casa ficava no lugar denominado Alto Biguaçu, localidade que hoje pertence ao município de Antônio Carlos em Santa Catarina. Lá o casal teve também os filhos: Clara, a mais velha, e Afonso, nascido em 1906, o segundo a ordenar-se padre. Os demais já nasceram na residência construída nas terras que compraram perto do Rio Biguaçu, a dois quilômetros do atual

⁸ REITZ, Raulino. Alto Biguaçu: narrativa cultural e tetrarracial. Florianópolis: Lunardelli, 1988. p.518-519.

centro de Antônio Carlos.⁹ Na nova morada, o menino João Reitz viveu com os familiares até completar 14 anos quando, então, foi estudar no seminário.

Por ter saído de casa ainda muito jovem, João teve pouca participação na infância dos irmãos mais novos,¹⁰ principalmente com o caçula, Raulino Reitz, que nasceu em 1919, ano de sua partida. Porém quando adultos, tiveram mais oportunidades de convivência, inclusive trabalharam juntos na paróquia de Sombrio. E como ele, Raulino ordenou-se padre e foi nomeado cônego, mas também ocupou uma posição de destaque no ramo das Ciências Naturais. Defendeu tese de doutoramento em Botânica Sistemática e seus estudos o tornaram um cientista com reconhecimento internacional. Além de seus artigos e livros na área de Zoologia e Botânica, Cônego Raulino ainda escreveu a respeito da paróquia de Sombrio, sobre sua terra natal e uma genealogia dos Reitz. Estas obras trouxeram muitas luzes para este trabalho.

A família Wilvert-Reitz descende de imigrantes que povoaram o Estado de Santa Catarina no século XIX. O estabelecimento de europeus não-portugueses em terras catarinenses iniciou a partir de 1929. Até as primeiras décadas do século XIX a população branca em Santa Catarina era muito escassa; concentrava-se no planalto interiorano, dedicando-se à pecuária e, na faixa litorânea, a atividades econômicas de pouco destaque. O estabelecimento de europeus visava a colonização de áreas não ocupadas por brancos, abrindo assim vias de comunicação, e ainda a implementação da produção agrícola em pequenas propriedades.¹¹ Os imigrantes foram fixados

⁹ REITZ, Alto... p.518.

¹⁰ Nome e data de nascimento dos filhos de Ana e de Nicolau Reitz: Clara Maria Reitz n. 02-04-1902; João Adão Reitz n. 08-11-1904; Afonso Vidal Reitz n. 30-10-1906; Domingos Humberto Reitz n. 04-08-1908; Apolônia Reitz n. 21-04-1911; Marta Gertrudes Reitz n. 30-01-1913; Laurentina Paula Reitz n. 08-11-1914; Bertino Reitz n. 10-8-1916; Martinus José Reitz n. 08-03-1918; Raulino Adelino Reitz n. 19-09-1919; Maria Reitz n.28-09-1922.

¹¹ GERTZ, René. O fascismo no sul do Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 20-22.

em áreas chamadas de “colônia”¹² Na etapa inicial, o principal contingente imigratório foi de famílias de alemães camponeses e pequenos artesãos.

Os Reitz pertenciam à linha germânica. Os bisavós paternos de Padre João, Anna Catharina Klein e Johannes Reitz, eram naturais da aldeia de Hirschfeld, situada no planalto alemão conhecido por Hünseruck, uma zona agrícola. Johannes possuía uma propriedade de 12 hectares onde trabalhava com agricultura e marcenaria. Eles imigraram para o Brasil em 1846 junto com os filhos; entre eles estava o avô de João, Johannes Adam Reitz, com apenas 4 anos. Em Santa Catarina os Reitz e mais 28 famílias foram os pioneiros da Colônia Santa Isabel, fundada em 1847 pelo governo provincial nas margens da estrada Desterro-Lages, no vale do Rio Cubatão. Este núcleo obteve certa prosperidade; no entanto, algumas famílias por não estarem satisfeitas com os seus lotes, mudaram-se para colônias vizinhas. Johannes Reitz se transferiu para São Pedro de Alcântara.¹³

Quanto ao lado materno a avó de Padre João, Margarida Nau, era descendente de imigrantes suíços e alemães. Já o avô, Joseph Wilvert, saiu com 18 anos de Luxemburgo e fixou-se na colônia São Pedro de Alcântara.¹⁴ Este foi o primeiro núcleo de colonização alemã de Santa Catarina fundado, em março de 1829, com o estabelecimento dos primeiros colonos alemães nas terras situadas às margens do rio Marum, no município de São José. Porém a Colônia não teve grande êxito, porque parte dos terrenos eram montanhosos, o que levou alguns imigrantes a

¹² Segundo Giralda SEYFERTH “o termo ‘colônia’ designa tanto uma região colonizada ou área colonial demarcada pelo governo em terras devolutas, como também é sinônimo de rural. Ou seja, uma área de um município é chamada, hoje, de colônia, e seus habitantes são colonos - uma categoria que sobreviveu ao longo do tempo e que designa o camponês. O termo ‘colônia’ também é usado para designar a propriedade do colono.” SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UNB, 1990. p.25.

¹³ REITZ, Raulino. *Frutos da imigração: história e genealogia da família Reitz*. [Blumenau]: Tipografia Blumenauense, 1963. p.13, 21-23.

¹⁴ *Ibid.* p.119.

abandonarem o local.¹⁵ De acordo com João KLUG *"São Pedro de Alcântara, se não progrediu, teve um efeito disseminador do elemento germânico"*¹⁶, pois colonos desta área povoaram várias outras regiões.

A localidade de Antônio Carlos, terra natal de Padre João, situa-se quase no centro-leste do Estado de Santa Catarina, integrando a região da Grande Florianópolis. Tendo sido povoada por colonos oriundos de São Pedro de Alcântara e da Colônia Leopoldina. Esta última começava perto das margens do rio Biguaçu, à altura da atual área urbana de Antônio Carlos. Os terrenos foram medidos em 1847, entretanto, devido à demora do estabelecimento de imigrantes alemães, foi povoada primeiro por brasileiros. Estes, de modo geral, compravam grandes propriedades onde estabeleciam fazendas mantidas com o trabalho escravo. Mais tarde muitos acabaram vendendo as terras para os imigrantes alemães. Adão Reitz, o avô paterno do menino João Reitz, foi um dos compradores.¹⁷

O município foi instalado somente em 1963, quando desmembrou-se da cidade de Biguaçu. Por muito tempo o que hoje é o perímetro urbano foi apenas uma área rural que contou com diversos nomes: Rio Biguaçu, Biguaçu do Meio, Alto Biguaçu, Encruzilhada, Coração de Jesus e Antônio Carlos. Por volta de 1915, José Luiz Hoffmann construiu 6 casas e alugou-as para comerciantes e artesãos dando início à futura cidade. Também a construção da primeira capela em 1925, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, ocasionou uma concentração de moradores perto do templo e deu uma feição de povoado à atual sede municipal.¹⁸

¹⁵ PIAZZA, Walter F. *A colonização de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1988. p.92-95.

¹⁶ KLUG, João. *Imigração e luteranismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1994. p.35.

¹⁷ PAULI, Evaldo. *Evolução Histórica de Antônio Carlos*. In: *A comunidade de Antônio Carlos*. [S.l. : s.e.], 1983. p.2.

¹⁸ REITZ, *Alto...* p.165, 178-182. Este livro de Cônego Raulino, apesar de tratar do município de Antônio Carlos, intitula-se "Alto Biguaçu". Segundo o autor, Alto Biguaçu é um nome geral também para todo o Alto Vale do Rio Biguaçu e atualmente ainda é usado pelas pessoas mais idosas do local. O nome Antônio Carlos homenageia o ex-

1.2 ISOLAMENTO DOS COLONOS

A capela Coração de Jesus e as escolas públicas no Alto Biguaçu não foram contemporâneas da infância do menino João Adão Reitz. Em 1925 seus pais posaram para uma fotografia (figura 1) em que Nicolau Reitz aparece com um livro na mão, o que provavelmente procurava demonstrar sua preocupação com a cultura e a educação. Apesar de os imigrantes e seus descendentes darem grande importância à escolarização, o poder público por muito tempo se omitiu do dever de fornecer escolas às regiões de colonização. Os colonos, então, ensinavam uns aos outros, pagavam escolas particulares ou fundavam escolas paroquiais. Estas últimas, bastante comuns nas colônias, eram organizadas pelos padres e população local e objetivavam fornecer instrução primária e transmitir a doutrina católica.¹⁹

No caso do menino João Reitz, para que ele pudesse estudar seus pais pagaram aulas particulares: primeiro, à rigorosa professora Gertrudes Müller, que lecionava em uma casa na localidade de Louro junto a um estabelecimento comercial; mais tarde, a um famoso professor ambulante da região, o poeta e músico alemão Fernando Knoll.²⁰ Como a família Reitz era tenazmente católica e Fernando Knoll luterano, ao que parece, preferiam deixar o filho nas mãos de um professor de uma outra confissão religiosa a deixá-lo sem instrução.

Governador do Estado de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, e foi colocado por decreto, de dezembro de 1930, dando novo nome ao distrito. Na época, não foi bem aceito pela população. Aqui nesta dissertação, se utiliza tanto o nome Alto Biguaçu como Antônio Carlos para designar a área do atual município.

¹⁹ Giralda SEYFERTH faz a seguinte abordagem sobre as escolas nas regiões de colonização: "(...) Na verdade as áreas de colonização, durante todo o século XIX, não receberam maior atenção das autoridades provinciais, e mesmo o ensino primário foi descuidado, ou melhor, foi deixado sob a responsabilidade dos imigrantes. Coube aos padre e pastores e aos próprios colonos a construção das escolas - muitas vezes identificadas com a capela, que servia como local de culto e sala de aula. Esta situação só vai se modificar muito depois, com a progressiva instalação de escolas públicas, principalmente após 1937, quando o ensino em língua estrangeira foi proibido no país. (...)” SEYFERTH, op. cit. p.50.

²⁰ Cônego Raulino REITZ fala a respeito deste professor: “ (...) Os Knoll, desde suas raízes, eram professores, poetas e músicos, exatamente como Fernando e professavam o credo católico-romano. Fernando Knoll, por exceção professava o protestantismo de confissão luterana. Exerceu o cargo de professor de primeiras letras contratado em diversas localidades da paróquia de São Pedro de Alcântara, pertencentes aos municípios de São José e de Antônio Carlos. Homem erudito de formação aprimorada no ginásio alemão, (Gymnasial'studium), lecionava português, alemão, aritmética, desenho, ao nível de primeiro grau (escola primária). Cultivava a música e



Figura 1.

Os pais de padre João Reitz, Nicolau Adão Reitz e Ana Wilvert Reitz, fotografados em 1925.

O livro na mão de Nicolau Reitz provavelmente procurava demonstrar cultura.

Na época, se era difícil para o pequeno João frequentar escolas, pela quase total ausência delas na região, frequentar missas era, no mínimo, distante. A igreja matriz de São Pedro de Alcântara ficava a sete quilômetros da casa de seus pais, e a família percorria esta distância a cavalo, de charrete ou a pé no intuito de assistir à missa dominical. As crianças sempre faziam o mesmo trajeto que, a propósito, tratava-se de subidas e descidas da serra Santa Filomena, para assistirem à doutrina.²¹

Percorrer longas distâncias pode ser prática comum na vida rural, mas a falta de infraestrutura básica em muitas colônias devia-se ao descaso do governo. A precariedade das vias de comunicação e a pouca assistência levava muitos grupos de imigrantes a se isolarem. Padre José Artulino Besen, natural de Antônio Carlos, fez a seguinte observação sobre os colonos alemães de Alto Biguaçu: *"Viviam numa ilha alemã cercada pelo Brasil. O próprio processo migratório favorecera isto: jogados ao abandono pelo Governo imperial primeiro, depois pelo republicano, pouco sentiam dever aos homens de cá...."*.²² Por outro lado, conforme assinala AZZI, os imigrantes alemães em geral procuravam manter o isolamento. Mantendo-se isolados, podiam preservar melhor suas tradições religiosas e culturais, por isso dificilmente se casavam com membros de outras etnias.²³

Quanto aos casamentos interétnicos em Antônio Carlos, Cônego Raulino Reitz no seu livro "Alto Biguaçu" comenta que o município foi povoado na sua grande maioria por alemães, contando também com contingentes de luso-brasileiros, afro-brasileiros e ainda alguns libaneses. Afirma igualmente que o povo de Antônio Carlos é um cadinho de convivência e fusão dessas quatro "raças" formando, no seu entender, um "cadinho tetrarracial". Procura mostrar que desde o

²¹ REITZ, Raulino... p.45.

²² BESEN, José Artulino; PAULI, Evaldo. *A comunidade de Antônio Carlos*. [S.l. ; s.e.], 1983. p.22.

²³ AZZI, Riolando. O catolicismo de imigração. In: *Estudios Migratorios Latino-Americanos*. Buenos Aires: CEMLA, 1990. p.21.

início da colonização do município sempre houve miscigenação e pouco preconceito racial, e para comprová-los, cita casos de casamentos entre pessoas de etnias diferentes na comunidade.²⁴

Mas o seu livro “Alto Biguaçu: narrativa cultural e tetrarracial” retrata exatamente o contrário. Nele, percebe-se o tempo todo o preconceito e a discriminação do autor para com as outras etnias. Cônego Raulino procura demonstrar -- tanto no “Alto Biguaçu” como no livro: “Frutos da imigração: genealogia da família Reitz”-- como os alemães são superiores aos outros grupos étnicos. Os teuto-brasileiros aparecem sempre como os mais trabalhadores, os que têm a alimentação mais variada, os filhos mais saudáveis, as melhores casas. Invariavelmente estes relatos são acompanhados de fotografias das belas casas dos descendentes de alemães e de suas crianças “bonitas saudáveis e viçosas”.

Cabe notar que essas fotos muitas vezes são de parentes do autor. Portanto, o preconceito que ele revela certamente se fazia presente entre os membros da sua família, incluindo o irmão João Reitz. Os textos de Cônego Raulino ainda podem estar evidenciando o sentimento de discriminação de muitos teuto-brasileiros de Antônio Carlos. Giralda SEYFERTH observa que *“Nas colônias indivíduos da mesma origem nacional estavam isolados da população brasileira; nas cidades, apesar do contato imediato, nem sempre o convívio foi fácil”*.²⁵

Já padre BESEN, no seu livro sobre Antônio Carlos, afirma que os colonos teutos da região cultivam um certo desprezo pelas outras etnias, principalmente pelos luso-brasileiros: *“Desprezava-se o ‘brasileiro’, no qual se via apenas preguiça e safadeza. Pais aconselhavam às filhas: ‘para viver bem, case-se com um alemão ; para não morrer de fome, com um italiano; nunca, porém, com um*

²⁴ REITZ, Alto...p. 49-57.

²⁵ SEYFERTH, op. cit. p.80-81.

*brasileiro, pois é o mesmo que morrer na miséria' ".*²⁶ Logo, parece que a fusão das quatro "raças" de Antônio Carlos, como argumenta Cônego Raulino, não ocorria em grande número.

A crença na superioridade germânica aliada à carência de comunicações e ao abandono das Colônias acabava levando esses colonos teutos do Alto Biguaçu ao isolamento. Nas suas "ilhas alemãs", como notou padre BESEN, viviam em um mundo onde cultivavam os valores trazidos pelos antepassados: as longas jornadas de trabalho, a economia, o espírito de sacrifício, a língua alemã, as músicas, as histórias da velha Europa e principalmente o apego à fé católica.²⁷

1.3 CATOLICISMO DE IMIGRAÇÃO

Dos alemães que imigraram para o Brasil apenas parte deles professava o catolicismo, já que muitos eram evangélicos. Entretanto os que se fixaram na região do Alto Biguaçu eram, em sua maioria, católicos.

Na casa do menino João Reitz a religião permeava a vida familiar. No sítio onde moravam, apesar das grandes jornadas de trabalho dedicadas à agricultura, aos engenhos de farinha e açúcar e à destilaria de aguardente que possuíam, não dispensavam a oração. Na sala de visitas da casa, em meio a belas folhagens e palmas bentas, a mãe mantinha um oratório com o Sagrado Coração de Jesus. No mês de junho, todas as noites faziam devoção a esta imagem, e em outubro rezavam o terço. Na semana santa, a mãe levava água, velas e ramos até a matriz para

²⁶ BESEN, *A comunidade...* op. cit. p. 22.

²⁷ Ibid.

receberem a bênção no Domingo de Ramos. Quando chegava a quarta-feira de cinzas, ela queimava os ramos bentos e fazia o sinal na testa dos filhos que não podiam receber as cinzas na igreja. Durante a sexta-feira santa, também em casa, beijavam a imagem de Jesus crucificado.²⁸ Este era o ambiente religioso na casa da família dos Wilvert-Reitz no Alto Biguaçu, a qual herdou o catolicismo dos seus antepassados.

Segundo Cônego Raulino, a família Reitz é católica desde os troncos mais antigos. No século XVI, após a Reforma Religiosa na Europa, a região alemã do Hünseruck, local de origem dos avós do ramo paterno, ficou sob o comando de príncipes protestantes. Com o Tratado de Augsburgo (1555), que reconheceu o luteranismo oficialmente, os príncipes poderiam escolher a religião que desejassem e seus súditos deveriam seguir esta mesma religião, caso contrário, perderiam os direitos civis e poderiam sofrer perseguições. Entretanto a família Reitz permaneceu fiel ao catolicismo e muito mais arraigada à sua fé, legando este credo até as gerações contemporâneas.

O avô paterno, Johannes Adam Reitz, sem dúvida influenciou os hábitos religiosos de sua família. Todos os seus descendentes no Brasil, filhos, netos e tataranetos abraçaram o catolicismo.²⁹ Johannes saiu do Hünseruck ainda criança. Com 25 anos estabeleceu-se no Alto Biguaçu, onde era conhecido como Adão Reitz. Lá foi presidente do conselho administrativo da capela de Rachadel durante toda a sua vida.³⁰ Quando ele morreu, o jornal “O Apóstolo” de Florianópolis, em 15 de março de 1940, editou o seguinte artigo:

²⁸ REITZ, Frutos... p.21.

²⁹ Essa afirmação tem como base o recenseamento da família Reitz feito por Cônego Raulino e publicado no livro Frutos da Imigração em 1963. Os dados referentes à instrução e à vida religiosa (que se referem à descendência do bisavô Johannes Reitz e do avô Johannes Adan Reitz) dizem o seguinte: Instrução: Primária- todos; Secundária- 22; Superior- 8. Vida Religiosa: Católicos- todos; Sacerdotes- 8; Freiras- 18; Seminaristas- 8. REITZ, Frutos... p.51-52.

³⁰ REITZ, Alto... p. 512-517.

João Adão Reitz morreu em 28 de fevereiro, e foi enterrado no dia seguinte em presença de talvez mil pessoas, na igreja de Rachadel (paróquia de São Pedro de Alcântara). Adão Reitz que merece por muitos títulos uma gratíssima memória dos católicos e mesmo perante a história da terra catarinense.

Atingiu a idade de 98 anos, 2 meses e 10 dias, tendo nascido em 17 de dezembro de 1842. Ainda com 90 anos ia cada dia ao trabalho, às plantações. Nos últimos anos quando as pernas não davam mais, o Rev. P. Vigário trazia-lhe às vezes a S. Comunhão e na derradeira doença recebeu todos os confortos da S. Igreja: viveu e morreu como um católico íntegro.

Fora ele um dos primeiros desbravadores daquela zona de Rachadel, que com machado e facão abriram uma picada pelas densas matas e deram início à povoação que hoje é uma colônia bela, fértil e abastada. Sem medo de errar pode-se afirmar que Adão Reitz foi o maior benfeitor de Rachadel. Quando se tratou de construir a primeira igreja aí, ele era lá, e foi toda a vida, o fabriqueiro dedicado. Pronta a igreja, pagou logo com seu próprio dinheiro os operários, reembolsando aos poucos a contribuição dos colonos.

(...)

A família Adão Reitz — Maria Reinert está e ficará para sempre diante da humanidade como um argumento insofismável e como uma apoteose grandiosa e sublime da verdade divina sobre o matrimônio: 'é grande este sacramento, mas digo em Cristo e na igreja' (Efésios, 5,32). Esta família Reitz — Reinert era um santuário em que se observava a rigor a sagrada lei de Deus sobre a família cristã; por isso qual poderoso rio desceram e descem as bênçãos celestes sobre os filhos e os netos e bisnetos, "até a terceira e quarta geração".³¹

³¹ Citado por REITZ, Alto... p. 512.

Pode-se notar que “O Apóstolo”, jornal da Congregação Mariana Nossa Senhora do Desterro, considerava Adão Reitz um católico exemplar, pois dedicou-se à igreja e à comunidade, preocupou-se com a recepção dos sacramentos, soube preservar a instituição familiar e seguir os princípios cristãos.

Riolando AZZI fez um estudo sobre os imigrantes alemães, italianos e poloneses de credo católico no sul do Brasil, onde afirma que eles desenvolveram o “catolicismo de imigração”. Para o autor, a prática religiosa vivida pelos imigrantes católicos em sua região de origem foi transplantada para o Brasil como parte constitutiva da sua identidade cultural. Este catolicismo já havia passado na Europa pelo movimento da Reforma Religiosa do século XVI. Apoiava-se na doutrina elaborada pelo Concílio de Trento e ainda na perspectiva ultramontana do Concílio Vaticano I.³² Adão Reitz provavelmente recebeu uma educação religiosa com base na doutrina Trento, visto que seus pais teriam transplantado do Hünseruck o espírito tridentino.

De acordo com AZZI nessa prática religiosa inspirada em Trento, a salvação somente podia ser assegurada mediante a recepção dos sacramentos da confissão e da comunhão. A presença do padre era essencial, pois apenas ele podia celebrar estes sacramentos e, por conseguinte, fornecer a salvação para os fiéis. O papel relevante que o padre desempenhava junto aos católicos das áreas de imigração européia levava as famílias a se preocuparem com o cultivo

³² AZZI, *O catolicismo...* p. 7.; DE BONI também analisa o catolicismo de imigração, mas concentra seu estudo principalmente nos imigrantes italianos do Rio Grande do Sul. Conforme este autor, no século XIX a Igreja católica na Europa perdia terreno, pois muitos fiéis abandonavam a religião devido aos efeitos da Revolução Industrial. Grande número de camponeses deixavam o campo e tornavam-se operários nas indústrias urbanas. A troca da vida rural pela urbana acabou alterando as relações familiares e religiosas. Enquanto nas colônias do Rio Grande do Sul, os imigrantes preservavam sua cultura ao redor das igrejas e construíam uma sociedade sacral, distante das transformações do continente de origem. DE BONI, Luís Alberto. *O catolicismo de imigração: do triunfo à crise*. in: LANDO, Aldair Marli (org.) *Rio Grande do Sul: imigração e colonização*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1980. p.241.

das vocações sacerdotais. Os padres gozavam de prestígio entre os colonos e, além do mais, enviar os filhos para o seminário era uma forma de garantir-lhes educação e instrução superior.³³

É conveniente lembrar, conforme registro feito no início deste capítulo, que a mãe de padre João Reitz considerava o padre como o “maior ornamento da igreja” e cultivava o desejo de ter filhos sacerdotes. João Reitz foi o primeiro antonio-carlense a entrar no seminário e o primeiro a ordenar-se sacerdote. Posteriormente em Antônio Carlos houve incentivo às vocações religiosas, pois dezenas de jovens naturais da localidade tornaram-se padres e freiras.³⁴

Padre BESEN fez algumas anotações a respeito da religiosidade dos teutos estabelecidos na região de Antônio Carlos: *“O imigrante alemão, além de grande amor ao trabalho, trazia como componente vital a vivência religiosa católica. Natural que ao lado das casas surjam capelinhas e oratórios. Uma vivência religiosa bem diferente daquela aqui formada pela imigração açoriana: menos aparato externo e mais oração. O padre é figura central nesta religiosidade que se traduz por intensa participação na vida sacramental”*.³⁵

O estímulo às vocações sacerdotais, o padre como figura central, a ênfase aos sacramentos e uma preocupação maior com a oração do que com os aparatos externos aparecem como práticas correntes na região de Antônio Carlos, as quais eram características do catolicismo de imigração. Por sua vez estas práticas diferiam das do catolicismo brasileiro.

Conforme se afirmou anteriormente, desde o início da colonização, os portugueses transplantaram para o Brasil o catolicismo de Portugal. Na Colônia ele sofreu a influência

³³ AZZI, op. cit. p. 18-19.

³⁴ BESEN, op. cit. p. 18-19.

religiosa das crenças indígenas e africanas, dando origem ao sincretismo religioso. Ainda, somase a estes fatores o Direito de Padroado³⁶, concedido pelo Papa à Coroa Portuguesa deixou como consequência um clero reduzido e desestruturado. A carência de padres acabou propiciando a atuação dos leigos em diversas manifestações e associações religiosas. Esta prática católica, denominada por muitos autores de catolicismo popular,³⁷ predominou no Brasil até a segunda metade do século XIX, quando começou paulatinamente o processo do catolicismo de imigração e do romanizado.

Pedro A. Ribeiro de OLIVEIRA refere-se ao catolicismo popular como: *"O conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção da autoridade eclesiástica para serem adotadas pelos fiéis."* E acrescenta que se pode chamar de catolicismo popular *"(...) as representações e práticas relativas ao culto dos santos e à transação com a natureza e não os sacramentos e a catequese formal".*³⁸

Para AZZI este catolicismo, dominante no período colonial, tem a característica de ser: Luso-brasileiro e Medieval - porque o catolicismo português de tradição medieval foi transplantado para o Brasil com a colonização, e no seu processo de adaptação sofreu influência indígena e africana. Leigo - devido ao fato de grande parte das manifestações religiosas ser controlada por leigos: as devoções, os oratórios, as capelas e as associações religiosas como as irmandades e confrarias, enquanto os eclesiásticos ocupavam um lugar secundário. Social e

³⁵ BESEN, op. cit. p. 12.

³⁶ "Por direito de padroado entende-se o conjunto de privilégios com certa incumbência que, por concessão da Igreja Romana, correspondem aos fundadores de uma Igreja, capela ou benefícios. Entre os privilégios destaca-se o direito de apresentação de arcebispos e bispos." Citado por WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987. p. 18.

³⁷ Élio SERPA ao analisar alguns conceitos de catolicismo popular, deixa registrado que muitos autores discutem a criação de uma tipologia do catolicismo brasileiro, sendo que um não concorda com a tipologia do outro. SERPA, Élio Cantalicio. *Igreja e catolicismo popular no planalto serrano catarinense. 1891-1930*. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989. p. 37.

³⁸ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e dominação de Classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis; Vozes, 1985. p. 113.

Familiar - já que no Brasil colonial praticamente inexistiam manifestações sociais por causa do isolamento do mundo rural, as festas e atividades religiosas ocupavam este espaço. Nas fazendas coloniais, as famílias patriarcais contavam com oratórios familiares, capelas e muitas vezes um padre capelão. Desta forma as manifestações religiosas muitas vezes ficavam restritas à esfera familiar.³⁹

O catolicismo de imigração, ao contrário do popular dá grande importância à presença do padre e aos sacramentos. Muitos padres de ordens religiosas européias transferiram-se para o Brasil a fim de atenderem as colônias. No entanto, nos primeiros tempos da imigração, a falta de sacerdotes para atender as famílias levou os imigrantes a praticarem uma religião familiar e comunitária assemelhando-se, assim, ao catolicismo popular.⁴⁰ As imagens de santos cultuadas no interior das casas, assim como acontecia na casa do menino João Reitz, a construção de capelas onde a comunidade se reunia para rezar sob o comando de algum leigo são elementos do catolicismo popular luso-brasileiro que fizeram parte da primeira etapa do catolicismo de imigração. Contudo, convém observar que o padroeiro da capela de Antônio Carlos, que também era o santo cultuado na casa dos Reitz, é o Sagrado Coração de Jesus. Segundo Augustin WERNET, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus era fomentada na Europa pelos “católicos ultramontanos”.⁴¹ Este santo é símbolo da hierarquia eclesiástica e estimula a prática dos sacramentos.

O catolicismo de imigração também dava ênfase ao ensino do catecismo. Para frequentar a doutrina era necessário que as crianças fossem alfabetizadas; daí a preocupação dos pais com a

³⁹ AZZI, Rioldo. Elementos para a história do catolicismo popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v.36, n.141, 1976. p.95-103.

⁴⁰ AZZI, *O catolicismo...* p. 9-10.

escolarização dos filhos. Inicialmente os leigos ministravam o ensino e aos poucos passaram a ser substituídos pelos membros das ordens religiosas masculinas e femininas, os quais atuavam em institutos religiosos ou em escolas paroquiais.⁴²

AZZI também assevera que a presença dos religiosos nas áreas de colonização propiciou a formação de uma ética puritana. A moral religiosa valorizava o celibato e a virgindade e também apregoava a proibição de divertimentos como os bailes considerados como um atentado à virtude.⁴³ Cônego Raulino Reitz deixou registrado alguns aspectos da religiosidade da sua família e um conselho do seu pai: *“Tanto o pai como a mãe viviam a religião e educavam os filhos com base teológica, longe de qualquer sentimentalismo. As benzeduras dos curandeiros, os amuletos, as crendices não tinham vez; eram tidas como diabólicas. No dizer do pai no assoalho da casa em que se dançava era chão do baile infernal dos demônios. Nunca houve em nossa casa, desde 1915, quando a casa foi construída, um aniversário, um casamento uma festa familiar com baile”*.⁴⁴

Falando de uma religião com “base teológica” e a afirmação de não haver “sentimentalismo” e “crendices” nos ensinamentos dos pais, provavelmente ele procura salientar a diferença entre a prática religiosa vivida por eles e a religiosidade dos luso-basileiros da região de Antônio Carlos. Quanto ao baile ser considerado pelo pai como uma manifestação “infernal dos demônios”, este comportamento parece estar de acordo com a ética puritana própria de muitas regiões de colonização européia à qual se refere AZZI.

⁴¹ WERNET, op. cit. p.48.; Cf. o NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. 2 ed. p.1735. Ultramontanismo: “1. Doutrina e política dos católicos franceses (e outros) que buscavam inspiração e apoio além dos montes, os Alpes, i. e, na Cúria Romana. 2. Sistema dos que defendem a autoridade absoluta do Papa em matéria de fé e disciplina.

⁴² AZZI, *O catolicismo...* p. 11.

⁴³ Ibid. p.14.

⁴⁴ REITZ, *Frutos...* p.47.

Os institutos religiosos na área de Antônio Carlos são relativamente recentes e a comunidade, por muito tempo, sentiu a ausência de padres, contando somente com o Vigário de São Pedro de Alcântara. Mesmo assim, pode-se notar características do catolicismo de imigração na localidade bem como na residência da família de padre João Reitz, demonstrando que muito do catolicismo vivido pelos imigrantes alemães na sua pátria foi transmitido para os seus descendentes em Antônio Carlos. Por outro lado, o ambiente genuinamente rural em que viviam juntamente com o catolicismo de imigração podiam propiciar uma rigidez moral.

Por fim, o exposto leva a crer que João Reitz, descendente de alemães católicos, conviveu com os pais e avós em um ambiente religioso com características do catolicismo de imigração: valorizavam a presença do padre, a missa e os sacramentos. A vida em uma área rural onde os teuto-brasileiros procuravam isolar-se e manter as tradições culturais e religiosas em detrimento das outras etnias e, ainda, a ênfase na moral religiosa dentro do seu lar também fizeram parte de sua infância.

É provável que esses aspectos tenham contribuído para João Adão Reitz alimentar o desejo de seguir o sacerdócio desde menino. Desta forma, depois de completar seus estudos com os professores particulares, aos 14 anos de idade abandonou o trabalho na lavoura e deixou o Alto Biguaçu, para ir estudar no seminário em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

CAPÍTULO II

JOÃO REITZ : FORMAÇÃO RELIGIOSA E AS PRIMEIRAS ATIVIDADES PASTORAIS

2.1 A IGREJA CATÓLICA NA ÉPOCA DA FORMAÇÃO RELIGIOSA DE PADRE JOÃO REITZ

Quando em 1919 João Reitz ingressou no seminário, já fazia 30 anos que o Brasil respirava os ares da República. O regime republicano de tendência laica, através do Decreto 119-A de 7 de janeiro de 1890 trouxe a separação entre a Igreja e o Estado,⁴⁵ o que ocasionou mudanças na organização eclesiástica brasileira. A formação de João Reitz estava inserida neste contexto de reorganização da Igreja e de implantação do catolicismo romanizado. Desta forma, primeiro serão abordados alguns aspectos da história da Igreja para que se compreenda um pouco melhor o momento em que padre João Reitz se educou.

⁴⁵ PIAZZA, Walter F. A constituição de 1891 e a separação entre Igreja e Estado. In: Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. 11, Anais, São Paulo, 1981, p. 34-42.

Com a separação entre Igreja e Estado o catolicismo deixou de ser a religião oficial. A Igreja católica foi nivelada às outras confissões religiosas e ainda teve a supressão de alguns privilégios. Entretanto a República suprimiu também o Regime do Padroado, o que proporcionou ao Episcopado brasileiro uma autonomia antes desconhecida.⁴⁶

O Regime do Padroado, que vigorava no Brasil desde o seu período de Colônia, permitia à Coroa Portuguesa controlar a Igreja Católica do Brasil. O Rei de Portugal era quem controlava as comunicações entre as autoridades eclesiásticas, nomeava os padres e bispos, criava dioceses e paróquias, autorizava a edificação de igrejas e conventos. O monarca também tinha o direito de receber o dízimo de seus súditos brasileiros para sustentar o clero, os colégios e as obras religiosas.

Mesmo com a Independência do Brasil estes privilégios continuaram. O Império procurou manter a união entre a Igreja e o Estado, declarando na Constituição o catolicismo como religião oficial do País. Os direitos do Padroado foram transferidos para o Imperador do Brasil. Ana Maria CORREIA comenta algumas das consequências do controle da religião católica pelo Estado, durante o período colonial e imperial:

Esta instituição, o padroado, juntamente com a do Placet, que consistia no requisito da sanção pela Coroa para a aplicação das normas pontificiais no Brasil, fomentaram a assimilação no próprio clero do regalismo e de suas influências secularizantes, afastando-os crescentemente da disciplina romana. Deve-se considerar ainda que a falta de um vínculo hierárquico direto e mais efetivo, sem a intermediação do poder temporal, também somou para este afastamento.

⁴⁶ ALVES, Márcio Moreira. A igreja e a política no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1979. p.29.

*Por outra parte o Estado intervinha diretamente na formação do clero secular, examinando os programas dos seminários e condicionando a aceitação dos mesmos a sua prévia licença. Todos esses compromissos de natureza política, administrativa e sócio-cultural prejudicavam o desempenho teórico prático e espiritual do sacerdócio.*⁴⁷

Mas, na República, sem a dependência do Estado, os bispos vincularam-se diretamente à Santa Sé, seguindo as diretrizes ditadas por Roma para reestruturar a religião católica no Brasil. Segundo OLIVEIRA, devido à forte influência da Santa Sé nesse processo -- pois Roma envia agentes religiosos para o Brasil e fornece o modelo religioso a ser implantado --, ele tem sido chamado de “romanização”.⁴⁸

No século XIX o Brasil teve uma fase típica de europeização, iniciada com o estabelecimento da família real e da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro. Continuou com a abertura dos portos, as visitas de cientistas europeus como também com a imigração europeia. O Episcopado nacional também começa a estreitar seus laços com a Cúria Romana. Neste período, por um lado, os imigrantes europeus transplantaram da Europa o catolicismo de imigração, calcado na doutrina do Concílio de Trento. Por outro, a hierarquia eclesiástica, sustentada nos mesmos fundamentos teológicos, promovia a romanização do catolicismo brasileiro⁴⁹ que não tinha acompanhado as reformas tridentinas ocorridas na Europa.

⁴⁷ CORREIA, Ana Maria Martins Coelho. A expansão da Igreja em Santa Catarina, a reação anticlerical e a questão do clero nacional (1892-1920). Dissertação (Mestrado em História) Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1988. p. 2-3.

⁴⁸ OLIVEIRA, Pedro Ribeiro A. de. Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985. p.12

⁴⁹ AZZI, Riolando. O catolicismo de imigração. In: Estudios Migratorios Latino-Americanos. Buenos Aires: CEMLA, 1990. p. 6-7.

Os traços essenciais do catolicismo romanizado, conforme afirma Oliveira, são: “(...) a *espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e o senso da hierarquia eclesiástica; o bom católico, segundo esse modelo, é aquele que frequenta regularmente os sacramentos e obedece incondicionalmente à autoridade eclesiástica*”. Todavia, a influência romanizadora durante o Império limitava-se ao corpo clerical sem chegar à grande massa de fiéis. É somente na República, com a separação entre a Igreja e o Estado, que as reformas se desenvolvem.⁵⁰

O processo de romanização no Brasil acompanha um conjunto de reformas da Igreja Católica em nível mundial promovidas pela Santa Sé, as quais iniciaram com o pontificado de Pio IX (1846). A aproximação do Episcopado brasileiro com a Cúria Romana teve início ainda no Segundo Império através de alguns bispos reformadores. Em 1899, na cidade de Roma, realizou-se o Concílio Plenário Latino-Americano convocado pelo Papa Leão XIII. Das decisões tomadas neste Concílio resultou uma legislação para a Igreja da América Latina fornecida pela Santa Sé que seguia o modelo de organização eclesiástica romana, não levando em conta a realidade dos diferentes países da América Latina.⁵¹

No Brasil os decretos do Concílio Plenário Latino-Americano foram discutidos em várias conferências episcopais, recebendo sua redação final na Pastoral Coletiva de 1915 dos arcebispos e bispos das províncias meridionais. As recomendações da Pastoral passaram a valer como uma Constituição a ser seguida pelo clero. O documento versa sobre a fé, os sacramentos, o culto, a disciplina do clero e os costumes do povo.⁵²

⁵⁰ OLIVEIRA, op. cit. p. 283 - 284.

⁵¹ SERPA, Élio Cantalício. Igreja e catolicismo popular no planalto serrano catarinense, 1891-1930. Dissertação (Mestrado em História) Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989. p. 15 - 20.

⁵² OLIVEIRA, op. cit. p. 297 - 299.

Implantar o modelo romano significava combater o catolicismo popular tradicional.⁵³ Para isso o Episcopado precisou reestruturar a organização eclesiástica brasileira. Com o apoio da Cúria Romana, em 1892, o território brasileiro foi dividido em duas províncias eclesiásticas. Conjuntamente iniciou-se a criação de dioceses que se proliferaram rapidamente. Em 1889 o País contava com apenas 11 dioceses e em 1920 já tinha 58.⁵⁴ Para a formação de um clero diocesano numeroso e disciplinado muitos seminários foram criados e outros reformados. A colaboração de ordens e congregações religiosas européias, que passaram a estabelecer-se no Brasil, foi essencial para a implementação das reformas. Os religiosos estrangeiros assumiram escolas, paróquias e hospitais. Em cada diocese os bispos promoveram visitas pastorais, publicação de cartas pastorais, retiros para o clero e a imprensa católica com o intuito de divulgar as idéias do catolicismo romano.

Como se registrou anteriormente o catolicismo popular tinha sua base nas organizações e lideranças leigas, praticando largamente o culto aos santos. Visando inverter esta ordem, o trabalho pastoral do episcopado e do clero passou a incluir a substituição das tradicionais organizações dos leigos – as Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras existentes no Brasil desde a Colônia – por novas associações religiosas paroquiais, como o Apostolado da Oração e a Congregação Mariana. Estas, apesar de serem destinadas aos leigos, são dirigidas por padres e seus membros ficam sob a tutela clerical. Por outro lado, as devoções populares aos santos da cultura lusa (como São Sebastião e São Benedito) também passaram a ser substituídas por devoções em evidência na Europa.⁵⁵

⁵³ Segundo OLIVEIRA: "Na realidade o enfraquecimento do aparelho eclesiástico durante o século XIX tinha favorecido o desenvolvimento do catolicismo popular, cujos agentes de base -- beatos, beatas, rezadores, 'monges', capelães, etc. gozavam de grande prestígio sobretudo entre as massas rurais. Para o episcopado e o clero, especialmente devido à renovação decorrente do Concílio Vaticano I, este catolicismo popular era uma negação prática do catolicismo romano e não uma forma popular de praticar o catolicismo." OLIVEIRA op. cit. p. 277.

⁵⁴ SERPA, op. cit. p. 26 - 27.

⁵⁵ OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v.36, n.141, 1976. p 137-138.

Acrescenta-se a essas providências que, com o objetivo de moldar as práticas do catolicismo popular tradicional aos padrões do catolicismo romano, o Episcopado brasileiro ainda tomou outras medidas, tais como: a intensificação da catequese, tanto para adultos como a doutrina para crianças; o incentivo à prática dos sacramentos; as missões religiosas para aumentar a fé católica e atrair candidatos ao sacerdócio; o combate às religiões concorrentes, que tiveram maior desenvolvimento depois da separação entre Igreja e Estado, como o protestantismo, o espiritismo e várias formas de sincretismos afro-brasileiros.⁵⁶

Assim, com essas medidas e a criação de novas dioceses, a romanização expandiu-se de forma crescente por todo o País. No sul a Diocese de Curitiba, com jurisdição sobre os territórios do Paraná e Santa Catarina, criada em 27 de abril de 1892, teve como primeiros titulares os Bispos Dom José de Camargo e Barros e Dom Duarte Leopoldo e Silva. Em 19 de março de 1908, pelo Decreto Consistorial do Papa Pio X, foi criada a Diocese de Florianópolis com jurisdição em todo o território do Estado de Santa Catarina.

O primeiro Bispo da nova Diocese foi Dom João Becker. Nas suas cartas pastorais Dom João definiu as funções da hierarquia da Igreja, do Papa, dos bispos e do clero; apontou caminhos para a ação clerical e enfatizou o importante papel das escolas paroquiais. Durante o seu mandato foram criadas várias destas escolas, além de colégios com o curso Normal para a formação de professores. Tentou criar um seminário e não o conseguiu devido a dificuldades de ordem financeira e falta de pessoal docente. Porém instalou muitas comarcas e paróquias e aumentou sensivelmente o número de religiosos e sacerdotes em Santa Catarina. Programou diversas visitas pastorais e deu grande incentivo à pregação das Santas Missões.⁵⁷

⁵⁶ SERPA, op. cit.

⁵⁷ CORREIA, op. cit. p. 34 - 35.

Ao ser criada a Arquidiocese de Porto Alegre, 1912, Dom João Becker foi nomeado para organizá-la, Ficando, então, como governador e provisor do Bispado Catarinense Monsenhor Francisco Xavier Topp. Este permaneceu no cargo até 1914, quando tomou posse o segundo Bispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, exercendo o cargo até 1967.⁵⁸ Tanto Dom Joaquim como Dom José de Camargo e Barros passaram pelo Seminário Episcopal de São Paulo. Este seminário, fundado em 1856 pelo Bispo Dom Antônio Joaquim de Melo, foi o primeiro da província de São Paulo a ter como linha reguladora as orientações do Concílio de Trento. Formou, portanto, um clero moralizado e com educação tridentina.⁵⁹

Também se faz necessário ressaltar que Monsenhor Topp prestou grandes serviços para a organização da Igreja em Santa Catarina. Ele nasceu em Walford, na Alemanha, em 19 de setembro de 1854. Estudou Filosofia e Teologia em Eichstätt, onde ordenou-se padre em 1877, iniciando seus trabalhos na diocese de Münster. Em fins de 1889 viajou para o Brasil, a fim de atender os imigrantes alemães estabelecidos no Estado de Santa Catarina. Chegando nas terras catarinenses, logo constatou a desorganização eclesiástica e a falta de sacerdotes. Entrando em contato com o bispo de Münster, paulatinamente consegue trazer ordens e congregações religiosas da Alemanha para Santa Catarina e instalar vários colégios religiosos. Seus trabalhos lhe deram prestígios junto ao Bispo de Curitiba, Dom José de Camargo e Barros. Este bispo encarregou-o de tomar as medidas necessárias para instalar uma diocese em Santa Catarina e dar início à formação do seu patrimônio. Após a criação desta Diocese, em 1908, Monsenhor Topp assumiu diversos cargos no Bispado até 1925, quando veio a falecer.⁶⁰

⁵⁸ BESEN, José Artulino. *A Arquidiocese de Florianópolis*. [S.l. ; s. e.], 1983. p. 48-53.

⁵⁹ Augustin WERNET no seu livro: *A Igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática. 1987; faz um estudo sobre a reforma do clero paulista empreendida por Dom Antônio Joaquim de Melo.

⁶⁰ BESEN, José Artulino. *Monsenhor Francisco Xavier Topp: o institucionalizador da Igreja Catarinense*. In: *Encontros Teológicos*. Florianópolis. IOESC. n. 2, p. 27 - 32, 1990.

E foi nesse contexto que se deu a formação religiosa do jovem João Adão Reitz, quando a Igreja Católica em Santa Catarina e no Brasil estava em pleno processo romanizador, como se registrou no início deste capítulo. Monsenhor Topp, também grande promotor das vocações sacerdotais, incentivou João Reitz a seguir o sacerdócio. Este passou a estudar com os outros alunos catarinenses no Rio Grande do Sul, no seminário da Imaculada Conceição, sediado na cidade de São Leopoldo.⁶¹ Muitos institutos religiosos estrangeiros foram criados nas regiões de imigração, como no caso de São Leopoldo, primeira colônia alemã do sul. Nelas, o número de jovens candidatos às vocações religiosas era bem mais expressivo do que nas áreas de povoamento de luso-brasileiros onde predominava o catolicismo popular tradicional.⁶² Conforme padre BESEN, em Santa Catarina a Igreja, apesar de ter tido experiências de seminários em Blumenau (1877) e São Ludgero (1911), dependia do Estado do Rio Grande do Sul para a formação dos seus padres. Em 11 de fevereiro de 1927, depois de um retiro do clero na capital catarinense, decidiu-se abrir um Seminário Arquidiocesano.⁶³

Nos seminários religiosos a disciplina era extremamente rígida, com horários determinados para as diversas atividades cotidianas como: refeições, aulas, estudos, orações e exercícios físicos. As visitas dos familiares eram escassas e sofriam restrições. A Bula “Universas Orbis Ecclesias” de 27 de abril de 1892, do Papa Leão XIII, fazia recomendações aos bispos quanto à instituição dos seminários: “(...) que os bispos empreguem todo o cuidado e vigilância em promover a disciplina e o aproveitamento dos alunos do seminário no qual sejam recebidos e formados, conforme prescreve o Concílio de Trento (...)”.⁶⁴

⁶¹ REITZ, Raulino. Alto Biguaçu. Florianópolis: Lunardelli, 1988. p. 519.

⁶² AZZI, op. cit. p. 14.

⁶³ BESEN, José Artulino.(org.) Dom Jaime de Barros Câmara. Revista Pastoral de Conjunto. Tubarão: Dehon, 1984. p. 18.

⁶⁴ Citado por SERPA, op. cit. p. 28.

Em 1890, anteriormente a essa Bula Papal, o documento redigido pelo Arcebispo da Bahia, D. Macedo Costa, intitulado “Pontos de reforma na Igreja do Brasil”, tratava no artigo II sobre os seminários: *“Que os seminários sejam destinados exclusivamente a candidatos ao sacerdócio, que os seminaristas recebam um ensino rigoroso e ortodoxo, e que a disciplina seja assegurada. Para mais estimular os seminaristas, os melhores devem ser enviados a continuarem sua formação em Roma”*.⁶⁵

No Seminário da Imaculada Conceição, o jovem João Reitz cursou 5 anos de ginásio e colégio. Em 1924 iniciou os estudos no curso de Filosofia e neste mesmo ano o “carijó” (apelido que João recebeu de seus colegas seminaristas em alusão ao nome dos indígenas que habitavam o litoral de Santa Catarina) foi escolhido entre os demais seminaristas da Diocese de Florianópolis para continuar seus estudos em Roma.⁶⁶ Provavelmente João Reitz era aplicado e seguidor incondicional da disciplina seminarística, distinguindo-se dos demais, porque para fazer esta seleção o bispo catarinense devia considerar que os “melhores” fossem enviados à Roma.

Em Roma, João Reitz instalou-se no Pontifício Colégio Pio Latino-Americano, criado para abrigar jovens da América Latina. Este colégio foi fundado em 1854 pelo Papa Pio IX que estava preocupado com a formação romanizada do seu clero. Durante os 7 anos em que esteve lá, João cursou Teologia e Filosofia na Universidade Gregoriana, dirigida pelos Jesuítas.

É importante lembrar que João morou na Europa no período entre-guerras, e na Itália vigorava o regime fascista de Benedito Mussolini. Em 1929 o governo fascista assinou com o Papa Pio XI o Tratado de Latrão, criando o Estado do Vaticano e reconhecendo sua independência.

⁶⁵ Síntese de OLIVEIRA, *Religião e...* p. 281. O autor ressalta que no documento de Dom Macedo Costa, um dos principais líderes eclesiais do início da República, encontram-se as grandes linhas da reforma por ele propostas ao episcopado brasileiro.

⁶⁶ REITZ, *Alto...* p. 519.

Este Tratado ainda proclamou o catolicismo como religião oficial do Estado e estabeleceu que o governo faria respeitar as leis da Igreja. Este acordo provocou em muitos religiosos católicos simpatia pelo fascismo. Não se sabe, porém, qual foi a posição do estudante João Reitz em relação a este fato.

João viveu em Roma até 1930, tendo sido ordenado sacerdote em 26 de outubro deste mesmo ano, celebrando em seguida a sua primeira missa. Pretendia continuar os estudos e fazer pós-graduação, mas poucos dias antes da ordenação, recebeu uma correspondência do Vigário Geral da Arquidiocese de Florianópolis. A carta informava: *"As necessidades do Arcebispo não permitem esperar V. Revma. pela recepção do doutorado"*.⁶⁷

Além dessas "necessidades do Arcebispo" os gastos da Arquidiocese também iriam continuar. A família de Padre João Reitz pagou durante um tempo ao Colégio Pio Latino as despesas correspondentes ao seminário de São Leopoldo. As demais despesas, incluindo os custos da viagem, ficavam por conta da Arquidiocese. Ocorreu que nos últimos anos os Reitz tiveram dificuldades para continuar remetendo o dinheiro necessário e a Arquidiocese assumiu todos os custos.⁶⁸ Mas mesmo sem frequentar o doutorado, a temporada de padre João na Universidade Gregoriana foi suficiente para proporcionar-lhe uma boa formação.

Sobre esses estudos em Roma, Cônego Raulino teceu este comentário: *"Padre João trouxe do Vaticano, residência dos Papas e, de Roma, da tradicional Universidade Gregoriana, uma sólida formação filosófica, humanística e religiosa, um acendrado amor e respeito ao Papa, um fervor pela Obra Pontifícia de Propagação da Fé, pela Obra das Vocações Sacerdotais, associações que criou e incentivou em suas atividades pastorais."*⁶⁹

⁶⁷ Citado por REITZ, *Alto...* p.522.

⁶⁸ Ibid. p. 550 - 551.; Dezenove anos mais tarde, Ana Wilvert Reitz quitou com a Cúria a dívida dos estudos de padre João Reitz feitos em Roma.

⁶⁹ Ibid. p. 523.



Figura 2.

Padre João Reitz recém-ordenado sacerdote em Roma, a 26 de outubro de 1930.

Vestido de batina, ao lado de uma cadeira em estilo romano, parece estar pronto para começar o seu trabalho pastoral.

Após ter retornado ao Brasil, Padre João foi visitar Antônio Carlos, sua terra natal, onde familiares e a população o recepcionaram em uma festa com direito a ornamentos, fogos e declamação de poesia em sua homenagem. Além das festividades, ele celebrou a primeira missa da Capela do Sagrado Coração de Jesus, construída enquanto esteve ausente. Estes eventos foram descritos por Cônego Raulino Reitz,⁷⁰ registrando que a recepção contou “*com grande afluência popular*”. Deve-se levar em conta que Cônego Raulino tinha grande admiração e carinho por seu irmão mais velho, podendo ter exagerado com a expressão. De qualquer forma, é provável que tenha comparecido um grande número de pessoas para prestigiar o primeiro padre nascido em Antônio Carlos, pois, como foi visto no capítulo anterior, a população local valorizava a figura do padre.

O trabalho pastoral de padre João começou em 1931, quando exerceu a função de padre coadjutor da Catedral de Florianópolis. No ano seguinte, foi nomeado professor e procurador do Seminário Metropolitano de Azambuja, na cidade de Brusque, onde trabalhou nos cursos Ginásial e de Filosofia. No primeiro curso lecionou Latim, Italiano, Alemão, Francês, Religião, Matemática e História Universal; e no segundo, Hebraico,⁷¹ revelando a erudição adquirida nos seus anos de estudo.

Enquanto trabalhou no Seminário, padre João substituiu por alguns meses o Vigário de São Pedro de Alcântara. É importante destacar a sua participação, em 1933, no grupo de padres pregadores das Santas Missões na paróquia de Camboriú. Ainda assumiu a direção do Apostolado da Oração no Santuário de Nossa Senhora de Azambuja e organizou, no Santuário e no Seminário, a Obra Pontifícia da Propagação da Fé e a Obra Missionária da Santa Infância. Em novembro de 1934 realizou um Congresso Missionário para promover a obra das Missões, contando com um

⁷⁰ Ibid. p. 522.

público de sacerdotes e caravanas de paróquias vizinhas. Preocupou-se ainda com as vocações sacerdotais, instituindo uma bolsa de estudos para seminaristas.⁷² Todas estas atividades mostram o quanto se dedicou às medidas romanizadoras já no início da carreira pastoral.

Em fevereiro de 1935 padre João Reitz recebeu uma nomeação de maior destaque: Cura da Catedral Arquidiocesana de Florianópolis. Depois de exercer este cargo por dois anos, foi afastado para o sul do Estado catarinense.

2.2 ANAUÊ ! PADRE JOÃO REITZ NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

Padre João Reitz foi um dentre os muitos catarinenses que participou da Ação Integralista Brasileira (A.I.B.), também denominada de integralismo. Este movimento político de direita, fundado pelo escritor Plínio Salgado após a Revolução de 30, inspirava-se nos modelos fascistas europeus. Com a implantação do Estado Novo em 1937, a A I B. foi extinta pelo governo de Getúlio Vargas.⁷³

De acordo com TRINDADE, a doutrina integralista apóia-se em dois postulados: o do humanismo espiritualista e o da harmonia da vida em sociedade. Na ética integralista de base cristã, o valor do homem é mensurado através de seu trabalho e de seu sacrifício em defesa da família, da pátria e da sociedade. Partindo de tal humanismo espiritualista, elaborou-se uma

⁷¹ Ibid. p. 523.

⁷² Ibid. p. 523.

⁷³ O governo Vargas não só extinguiu a AIB como perseguiu muitos integralistas; mas isto não significa que tenha conseguido acabar com seus adeptos. Com o fim do Estado Novo, Plínio Salgado, que havia exilado-se em

concepção de vida que desejava uma volta ao ideal medieval de sociedade harmoniosa. Propunha-se uma sociedade integralista onde a harmonia social seria consequência da organização hierárquica da sociedade, porque existem diferenças naturais entre os homens. O integralismo tinha o objetivo de modelar o homem, a sociedade, a nação e a humanidade de uma maneira integral. Ao Estado totalitário integral caberia dirigir todas as atividades do país. Para isto, determinava-se a combater alguns inimigos: o comunismo, o capitalismo internacional e as sociedades secretas vinculadas ao judaísmo e à maçonaria.⁷⁴

No discurso integralista também estava inserido o nacionalismo. A idéia nacionalista sintetizava-se na palavra de ordem: “Despertemos a Nação”, que alertava para a valorização de todos os elementos nacionais. Os participantes do movimento integralista cumprimentavam-se com o braço erguido verticalmente (parecido com os nazistas que erguiam o braço na horizontal) e pronunciavam a palavra tupi “anauê” que quer dizer: Salve! Usavam como uniforme camisa verde e gravata preta. Na manga esquerda da camisa ficava o emblema com o mapa do Brasil e dentro dele a letra “Sigma” do alfabeto grego, que em matemática significa a integral da soma ou do produto.

Além disso, é importante anotar uma passagem da conclusão do trabalho de TRINDADE sobre o integralismo brasileiro: *“(...) a ideologia integralista se elabora num período de crise na evolução político-econômica e cultural da sociedade política brasileira. Não é obra de um só homem (mesmo que fosse visionário), mas nasce do processo de convergência das idéias autoritárias de direita numa sociedade em transição, sob o impacto da nova situação internacional, marcada pela revolução soviética e a contra-revolução fascista”*.⁷⁵

Portugal, regressou ao Brasil. Fundou o Partido da Representação Popular (P R P) e elegeu-se deputado quatro vezes: em 1958, 1962, 1966 e 1970.

⁷⁴ TRINDADE, Héglio. Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difel, 1979. p. 119-201,226

⁷⁵ Ibid. p. 277.

No Estado de Santa Catarina, os primeiros núcleos integralistas começaram a organizar-se em 1934. Neste mesmo ano, padre João já teve contato com o integralismo, pois como se pode observar, no dia 4 de novembro ele fotografou o irmão, Afonso Reitz, na festa de sua ordenação, juntamente com alguns integralistas vestidos com o uniforme das camisas-verdes (Figura 3).

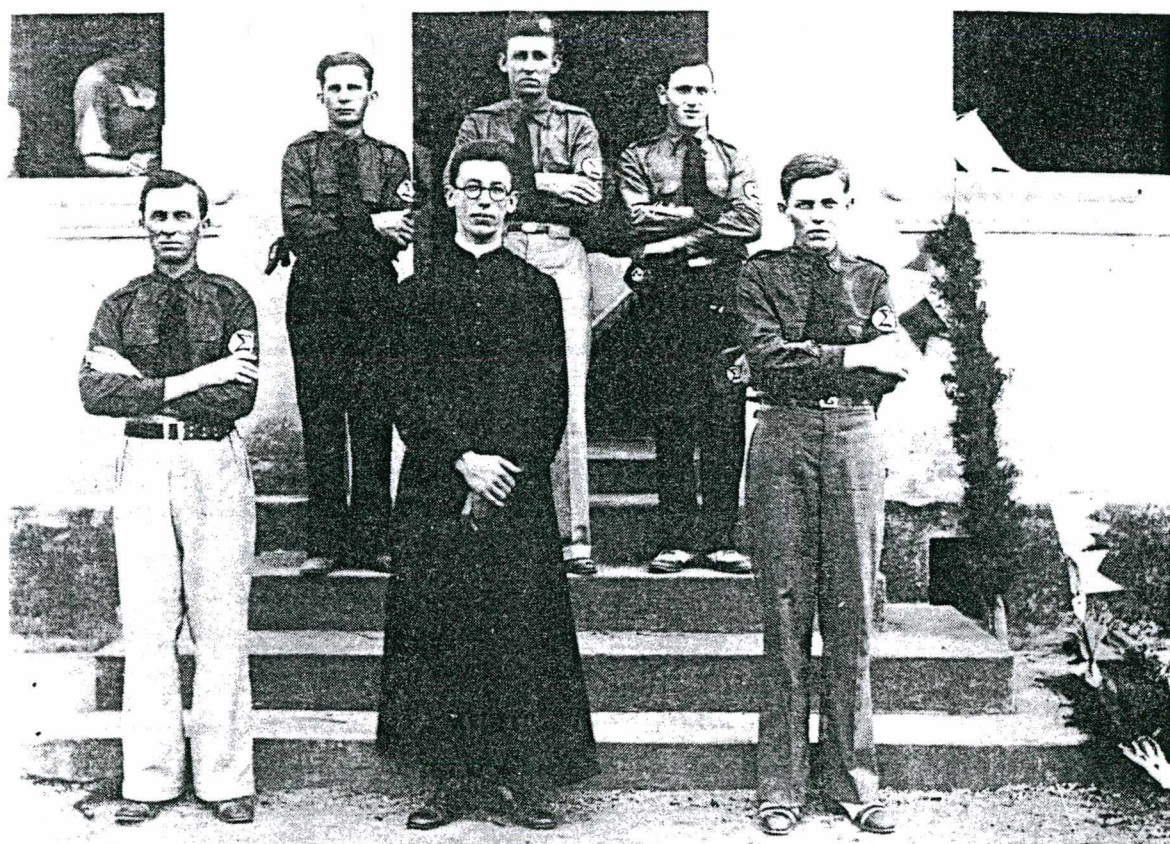


Figura 3.

Da esquerda para a direita aparecem na linha de frente: Silvestre Pauli, o irmão padre Afonso Reitz e o irmão Martinus Reitz. Na linha de trás: Daniel Petry e o irmão Domingos Reitz. (O último não tem identificação).

Enquanto exerceu o cargo de Cura da Catedral de Florianópolis, padre João Reitz também participou do movimento da A.I.B. Em outubro de 1935 realizou-se um congresso regional em Blumenau, contando com a presença de integralistas de vários estados. Na ocasião, houve em Florianópolis uma conferência no Salão Paroquial instalado no prédio do Arcebispado. O Cura João Reitz anotou nos manuscritos da Catedral: *"A 10 de outubro de 1935 fala no cine Odeon, Chustavo Barroso, elemento dirigente do integralismo. Falou contra a maçonaria. No dia precedente falou o próprio chefe nacional"*.⁷⁶

No seu comentário padre João Reitz não esqueceu de ressaltar o discurso contra a maçonaria, organização combatida tanto pelo integralismo quanto pela Igreja. O Cura ainda acompanhou os "camisas verdes" até Biguaçu, onde teve contato com Plínio Salgado, como registrou em uma carta enviada a seu irmão Raulino Reitz:

"Quando o Plínio Salgado passou pelo Biguassú hospedou-se umas horas na casa de Domingos onde almoçou e disse algumas palavras aos camisas-verdes de Biguassú. Com o Plínio estavam vários homens importantes, todos camisas-verdes, do Rio e de São Paulo. Naquele dia também estive lá. Tive ocasião de conversar bastante com o Plínio que gostou muito do povo de Biguassú. Hontem à noite ele também fez uma conferência em Florianópolis numa casa que é do senhor Arcebispo (salão paroquial). O povo gostou muito. Duraram 4 horas os discursos, sendo o maior de Plínio Salgado".⁷⁷

A casa na qual Plínio Salgado hospedou-se, ficava situada no distrito de Antônio Carlos, em Biguaçu. Era de propriedade do irmão Domingos Reitz e estava alugada para o chefe

⁷⁶ Citado por RETTZ, *Alto...* p.234.

⁷⁷ Idem.

integralista local, João José Müller. No relato do Cura João Reitz, transparece o seu contentamento com a presença de Plínio Salgado e dos outros “homens importantes” na sua terra natal, pois a visita prestigiava os integralistas da comunidade. A simpatia de Plínio pelo povo de Biguaçu podia indicar que a população tinha uma certa identificação com ideais integralistas, como, por exemplo: ordem e trabalho. Mas ainda se pode indagar: Por que Plínio Salgado teria visitado a pequena comunidade de Antônio Carlos? Devido à existência de grande número de “camisas-verdes” na localidade, ou haveria também uma amizade entre o cura João e o chefe integralista?

Em outras correspondências enviadas ao Cura João em outubro do mesmo ano existem mais referências ao Congresso Integralista. Na carta remetida de Brusque pelo seu irmão, padre Afonso Reitz, existe a seguinte menção: “(...) No sabbado antes do congresso, também vieram até cá, uma porção de integralistas do Rio, inclusive um conego. Que colosso não foi aquelle congresso!!!”.⁷⁸

Monsenhor Francisco Giesbertes enviou cartas ao Cura João. Na primeira, escreve sobre a romaria da Pia União das Filhas de Maria em Itajaí, em seguida acrescenta: “A concentração integralista foi um sucesso. Não estive lá, mas os que estiveram e voltaram ficaram admirados desse movimento simpático”.⁷⁹ Alguns dias depois Monsenhor Giesbertes escreve novamente. No último parágrafo faz uma ponderação: “A respeito do integralismo tenho as minhas dúvidas que não posso explicar numa carta. (...)”.⁸⁰

⁷⁸ REITZ, Afonso. (Pe.) -- Carta, Brusque, 22 de outubro de 1935 -- a padre João Reitz. Arquivo pessoal de padre João Reitz. Acervo da Arquidiocese de Florianópolis.

⁷⁹ GIESBERTS, Francisco. (Mons.) -- Carta, Itajaí, 10 de outubro de 1935 -- a padre João Reitz. Arquivo pessoal de padre João Reitz. Acervo da Arquidiocese de Florianópolis.

⁸⁰ GIESBERTS, Francisco. (Mons.) -- Carta. [Itajaí], 24 de outubro de 1935 -- a padre João Reitz. Arquivo pessoal de padre João Reitz. Acervo da Arquidiocese de Florianópolis.

Não foi possível saber quais eram as dúvidas do Monsenhor em relação ao integralismo, pois certamente tratou de relatá-las pessoalmente. Mas quaisquer que tenham sido as dúvidas ou advertências do amigo para o Cura João, este não deixou de participar da A.I.B. Em 1936 rezou uma missa em homenagem aos integralistas falecidos na capela do Sagrado Coração de Jesus, em Antônio Carlos.⁸¹ Ademais em abril de 1937 ele recebeu uma carta recheada de notícias integralistas, a qual não deixa dúvidas de que fazia parte da instituição:

(...) Tenho uma grande novidade a contar-lhe (é possível que já tenha chegado ao seu conhecimento; se assim for faça de conta que não sabe, a fim de não me decepcionar) : mais um pastor protestante integralista que abjura a falsa religião e ingressa na santa igreja catholica! O primeiro o senhor deve estar lembrado, foi o Euripedes Cardoso de Meneses (lutherano), e agora trata-se de Gastão de Oliveira (episcopalino); aquelle é casado, o outro é solteiro, contando uns trinta annos de idade. O néo-catholico Gastão recolheu-se ao mosteiro S. Bento, a fim de fazer o estudo de theologia, ingressando, assim, na referida congregação, aliás ordem.

É, para mim, facto de grande interesse, por quanto conheci, a ambos, em Petropolis, por occasião do 2do. Congresso integralista, realizado na linda cidade fluminense, em 1935. Tive oportunidade de conversar com ambos, sobre assumptos integralistas, é claro. Com relação ao Gastão, o encontro deu-se no edificio dos Correios e Telegraphos, onde palestrámos sobre o movimento do Sigma em Santa Catarina; mostrou-se um grande admirador de nossa provincia, tendo-me entregue, por occasião da despedida, um cartão de visitas (ainda se acha em meu poder).

O mais interessante foi o succedido numa das sessões do grande Congresso. Momentos antes de ser dado inicio aos trabalhos, quando a sala estava quasi repleta, apparecem dois congressistas que, apressados procuravam lugares (escassos) nas cadeiras; vinham pelo corredor, que separava as séries de cadeiras, em sentido opposto! - eram elles, o então revmo. Gastão de Oliveira e o pe. Mello,

⁸¹ REITZ, *Alto...* p. 241.

uma parochia do sul de Minas, integralista "rubro". Pois bem, a cata de lugares, aproximam-se, um do outro, defrontam-se; ambos teem o distinctivo de congressistas, erguem o braço, o "anauê" soa entusiasta de ambas as boccas, e, acto continuo, abraçam-se. Todas essas scenas passaram rapidamente, mas sufficientemente observadas pela quasi totalidade dos presentes, o que provocou uma estrondosa salva de palmas. Foi realmente emocionante!

O papel está a terminar, e além disso estou tomando um tempo que lhe é preciosissimo para os seus affazeres. Apenas uma novidade ainda, - o des. Marinho Lobo acaba de "adherir"!

Despedindo-me, envio-lhe um forte abraço e um cordial

*Anauê. Pelo bem do Brasil*⁸²

Dessa correspondência é importante notar: o autor faz um registro sobre a adesão do desembargador Marinho, no entanto se mostra muito mais eufórico com a conversão de pastores protestantes integralistas ao catolicismo. A assinatura do remetente é de difícil compreensão. Mas o conteúdo do texto leva a crer que se trata de um padre "camisa-verde" que participa do movimento, porque identifica interesses da religião católica com os do integralismo.

Provavelmente padre João compartilhava das idéias do amigo. E não é descabido afirmar que, da mesma forma, ele estava associado na A.I.B. por motivos religiosos. A sua família era tenazmente católica e alguns de seus membros engrossaram as fileiras integralistas. O irmão, Domingos Reitz, foi secretário do núcleo municipal da A.I.B. de Biguaçu. Também tiveram participação no movimento: o pai, Nicolau Adão Reitz, o cunhado, Daniel Petry, e os irmãos

⁸² [autor não identificado] -- Carta, Florianópolis, 2 de abril de 1937 -- a padre João Reitz. Arquivo pessoal de padre João Reitz. Acervo da Arquidiocese de Florianópolis.

Martinus, Afonso e Raulino. Este último dedicou um capítulo exclusivamente para o integralismo no seu livro “Alto Biguaçu”. Também o pai, morto em outubro de 1935, foi enterrado em um ritual integralista.⁸³

Cônego Raulino ao comentar a participação de seu pai na A.I.B., enfatiza: *“Converteu-se em ardoroso defensor das idéias cristãs e políticas do integralismo”*.⁸⁴ Sobre a comunidade de Antônio Carlos anota: *“O movimento integralista se espalhou celeremente no distrito de Antônio Carlos, quase como fe messiânica. A grei antônio-carlense profundamente religiosa, em grande maioria, participou deste novo movimento com raízes na religião católica, sob o lema Deus, Pátria e Família, e que pregava a moralização política contra a corrupção político-administrativa do governo”*.⁸⁵

Na verdade, a A.I.B. propugnava que o Estado integral defenderia a liberdade religiosa absoluta, mas se fundamentava em princípios cristãos. De acordo com Oscar de Figueiredo LUSTOSA, a maioria dos integralistas compunha-se de cristãos e, entre estes, os católicos eram os mais numerosos. O conservadorismo católico identificava-se com uma organização que cultivava a autoridade, a disciplina e a ordem, mesmo às custas da liberdade. A campanha anticomunista e o moralismo da A.I.B. também correspondiam aos anseios de muitos Católicos.⁸⁶

No entanto, LUSTOSA afirma que não existia uma posição unânime dos católicos, tanto dos leigos quanto da hierarquia, sobre o integralismo. Inúmeros padres participaram da A.I.B. como militantes engajados enquanto outros foram hostis ao movimento. Quanto ao Episcopado, este não fez uma manifestação oficial conjunta a respeito do integralismo, pois os bispos não

⁸³ REITZ, Alto... 235-248.

⁸⁴ Ibid. p. 551.

⁸⁵ Ibid. p. 240.

⁸⁶ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. A Igreja e o integralismo no Brasil. 1932-1939. In: Revista de História, v. LIV, n. 108. p. 503-532, 1976.

possuíam uma opinião definida sobre o assunto. Dom João Becker, bispo do Rio Grande do Sul assumiu publicamente uma posição contrária ao integralismo. Já Gustavo Barroso, um dos teóricos do integralismo, afirmava que o movimento tinha simpatia pela Igreja Católica por causa de sua doutrina social e política. Mas muitos analistas da época diziam que, na realidade, a pretensão de Barroso era conseguir a encampação do integralismo pela Igreja.⁸⁷

De qualquer forma, seja por motivos religiosos ou políticos, o distrito de Antônio Carlos contou com um bom número de seguidores dos “camisas-verdes”. Em 1938, com a repressão ao movimento muitos antônio-carlenses foram perseguidos, inclusive Domingos Reitz preso e o túmulo de Nicolau Reitz violado. Em uma carta de padre João, datada de 27 de setembro de 1938, endereçada a Raulino Reitz, ele comenta: *“O Domingos Reitz que muito tempo andou na cadeia, porém pela boa causa, está solto denovo”*.⁸⁸

A Ação Integralista Brasileira contou com muitos adeptos nas regiões de colonização estrangeira dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina existia o terceiro maior contingente de filiados à A.I.B. do País. E a mais alta concentração de “camisas-verdes” situava-se exatamente nos municípios colonizados por alemães.

O historiador René GERTZ fez um estudo sobre a difusão do movimento integralista no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Inicialmente tratou de averiguar a vida nas colônias teuto-brasileiras onde a população, em grande parte, cultivava a língua alemã, mantinha imprensa, escolas e clubes alemães. Conforme o autor, um panorama tão germânico levava a crer que o nacional-socialismo penetraria com facilidade nas colônias. Também analisou diversas fontes que

⁸⁷ Ibid.

⁸⁸ Citado por RETTZ, *Alto...* p. 243.

tratam direta ou indiretamente das relações entre integralismo e nazismo. Tais fontes vão desde escritos de memorialistas, autoridades policiais, autores estrangeiros, até teses acadêmicas e trabalhos de historiadores de renome. Concluiu que o assunto ainda não recebeu tratamento adequado e todos os trabalhos colocam a variável étnica para explicar tudo o que ocorreu nas regiões de colonização alemã do sul do Brasil.⁸⁹

GERTZ pôde constatar que geralmente são usados os mesmos argumentos para explicar os motivos da expansão do integralismo entre os teutos: *“O esquema em geral é simples: sobretudo a população de origem alemã nunca se teria integrado à realidade brasileira, estando apenas fisicamente no Brasil, cultural e politicamente na Alemanha. A ascensão nazista no poder a teria empolgado de forma quase mística, e, como entre nazismo e integralismo não haveria maiores diferenças, não haveria muita coisa a explicar”*.⁹⁰

Dessa forma, o autor sentiu necessidade de analisar separadamente os movimentos integralista, nazista e germanista para saber até que ponto eles se identificam. Neste trabalho serão expostos de forma sucinta alguns pontos desenvolvidos por GERTZ, no segundo e terceiro capítulos do seu livro, “O fascismo no sul do Brasil”, a respeito da difusão do nacional-socialismo e do *deutschtum* (germanismo) entre os teutos do sul, e como estes movimentos se relacionaram com o integralismo. Tal síntese serve para compreender melhor os motivos da inserção de padre João Reitz e de seus familiares na A.I.B.

GERTZ faz questão de lembrar que, com exceção de algumas pessoas dos círculos católicos, não se tem conhecimento de grandes manifestações antinazistas nas colônias alemãs. No entanto, existia entre os teutos-brasileiros uma oposição generalizada aos membros do partido

⁸⁹ GERTZ, René. O fascismo no sul do Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

nacional-socialista do país. Isto ocorria porque muitos “partidários” tinham um comportamento extremamente agressivo. Por outro lado, grande parte dos dirigentes do partido eram pessoas sem qualquer influência ou liderança nas zonas de colonização alemã, de forma que as suas atividades não surtiam efeito.

GERTZ argumenta que o integralismo pode ter sido influenciado ideologicamente pelo nazismo, mas sua expansão entre os teutos não pode ser explicada a partir do apoio ou da orientação nazista. Nas colônias alemãs, alguns membros do partido nazista aliaram-se ao integralismo, mas em geral existiam mais atritos do que colaboração entre nazistas e integralistas.

Nesse sentido, confirmando o constatado por GERTZ, também Carlos Humberto P. CORRÊA fala dos conflitos em Santa Catarina: *“A relação entre os integralistas e os nazistas ou membros do Partido Social Nacionalista alemão não foi sempre das melhores, pois, à proporção que o integralismo ia se fortalecendo e mais crescia seu interesse em se aproximar do Governo Brasileiro, suas teorias nacionalistas ganhavam mais força, em contraposição ao internacionalismo dos social-nacionalistas alemães”*.⁹¹

Na verdade, a posição dos membros do partido nazista parecia depender de estarem integrados ou não ao movimento germanista. Os que conseguiam fazer parte do **Deutschtum** em geral tinham uma posição contrária ao integralismo. Muitos dos que não se incorporaram no **Deutschtum**, vincularam-se ao integralismo. O conceito de **Deutschtum** pode ser traduzido como germanismo ou nacionalismo alemão.⁹²

⁹⁰ Ibid. p. 10.

⁹¹ CORRÊA, Carlos Humberto P. Um Estado entre duas repúblicas: a Revolução de 30 e a política em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1984, p. 173

⁹² GERTZ, op. cit. p.138.

O nacionalismo alemão presente no movimento do *Deutschtum* ajudou a levantar suspeitas sobre a sua contribuição na difusão das atividades nazistas entre os teutos. De fato, os “germanistas” faziam referências a Hitler e à doutrina nazista, mas combatiam a arrogância e as manifestações dos “partidários”, que ultrapassavam os limites dentro aos quais o *Deutschtum* se propunha. É importante destacar que o *Deutschtum* não teve manifestações contrárias à ideologia nacional socialista. Quando os nazistas davam ênfase somente ao aspecto étnico da doutrina, os germanistas não viam problema em segui-los.

O autor do livro “O Fascismo no Sul do Brasil” também se ateve a estudar a difusão do integralismo nas zonas coloniais alemãs no Rio Grande do Sul (destacando o município de São Leopoldo) e em Santa Catarina. Procurando dar ênfase, na sua pesquisa, a fatores sociais e de política local e regional. Aqui se vai tratar somente do que ele escreveu a respeito de Santa Catarina.

GERTZ constatou evidências de que houve colaboração entre integralistas e membros do partido nazista em Santa Catarina. Alguns líderes apresentavam o integralismo como o representante do nacional-socialismo no Brasil. No entanto, este fator não pode ser considerado decisivo para a larga aceitação do integralismo nos municípios de colonização alemã. O nacional-socialismo teve alguma influência, mas ocorreram vários casos de atritos entre integralistas e nazistas, sem que nestes locais a A.I.B. ficasse sem adeptos. As decisões de colaborar com o integralismo eram tomadas a nível local, tornando-se, assim, uma questão quase pessoal de determinados partidários.

O citado autor passou, então, a verificar se a atividade integralista estava relacionada com grupos e camadas sociais específicos. Estuda aspectos da situação sócio-econômica das colônias alemãs e diz que a economia catarinense tinha mais força nas áreas de colonização alemã. Desde a década de 80 do século XIX, os imigrantes alemães tiveram um papel fundamental no desenvolvimento industrial do Estado. Nos anos 20 e 30 do século XX, o processo de industrialização passou a incrementar-se e contribuiu para dinamizar a agricultura, como, por exemplo com o surgimento de pequenas fábricas para industrializar os produtos agrícolas.⁹³ Para GERTZ, o elevado número de agricultores que aderiram ao integralismo em Santa Catarina, provavelmente foi dos que tinham sido atingidos pelo incremento da indústria, pois existem indícios de que o integralismo tem correlação com o dinamismo econômico.

O integralista das colônias alemãs de Santa Catarina tinha muita semelhança com o do Rio Grande do Sul, quanto à sua posição na estrutura sócio-econômica e quanto à sua idade, ou seja, pessoas jovens em processo de ascensão social. Todavia a A.I.B. contou com um número muito maior de adeptos em Santa Catarina, como se relatou anteriormente. Um dos motivos deste sucesso pode ter sido o fato de as colônias alemãs deste Estado estarem num processo de industrialização mais intenso do que no Rio Grande do Sul. Mas o principal motivo foram as mudanças ocorridas na estrutura política do Estado catarinense após a Revolução de 30.⁹⁴

Nas eleições presidenciais de 1930, os dois candidatos, Júlio Prestes e Getúlio Vargas, receberam praticamente número igual de votos nos principais municípios de imigração alemã de Santa Catarina. Neste período o Governador do Estado era o terto-brasileiro Adolfo Konder, que apoiou o candidato oficial Júlio Prestes. O resultado da eleição nas colônias alemãs indica que nelas existia um potencial oposicionista elevado e também que as "lideranças" das colônias não

⁹³ Ibid. p. 194 -196.

possuíam o controle sobre a situação,⁹⁴ pois, caso contrário, deveria haver um apoio maior ao candidato do governador teuto.

A família dos Konder representava o nordeste do Estado, onde a economia baseava-se na agricultura de pequena propriedade e na indústria. Nesta região concentravam-se os imigrantes, com o predomínio dos de origem alemã, seguidos pelos italianos e outros. Mas existia uma clivagem política bem nítida entre a camada superior tradicional e as demais camadas inferiores nas colônias alemãs.⁹⁵ Após a Revolução de 30, a família Ramos reconquistou o poder político de Santa Catarina, substituindo os Konder. Os Ramos representavam o planalto catarinense, lugar onde predominava o latifúndio, e quando retornaram ao poder, passaram a tomar uma série de medidas contra as colônias alemãs.⁹⁶

Nas eleições de 1933, para a Assembléia Constituinte, os grupos políticos organizaram-se em partidos. O Partido Liberal Catarinense (PLC) foi organizado pelo Governo, enquanto os irmãos Adolfo e Marcos Konder lideraram o Partido Republicano Catarinense (PRC). Existia ainda um grupo menor liderado por Henrique Rupp que fundou a Legião Republicana. Concluídas as eleições, o PRC venceu em Joinville e Blumenau, o que levou o Governo Estadual a fazer uma represália a estas colônias alemãs. O interventor Aristiliano Ramos baixou um decreto pelo qual desanexou uma parte do município de Joinville e subdividiu o de Blumenau.⁹⁷ Estes fatos ocasionaram uma polarização na política catarinense, colocando, de um lado, o PLC liderado por Nereu Ramos, sobrinho de Aristiliano, e do outro, a Coligação Republicana que reuniu o PRC e a Legião Republicana.

⁹⁴ Ibid. p. 201.

⁹⁵ Ibid. p. 174 -175.

⁹⁶ Ibid. p. 175 -176.

⁹⁷ Ibid. p. 176.

⁹⁸ Ibid. p. 177.

Na campanha das eleições para eleger os constituintes estaduais, em outubro de 1934, já existia um outro agrupamento político: a A.I.B. Os integralistas e a Coligação Republicana combatiam o Governo Estadual e tinham as suas bases principalmente no nordeste do Estado. Ainda assim os dois grupos tinham atritos. A A.I.B. não apoiou esta Coligação nas eleições e acabou favorecendo os liberais que obtiveram maioria.

Para GERTZ, o integralismo apresentou-se como uma alternativa de oposição:

"As eleições presidenciais de 1930 tinham demonstrado a existência de um considerável potencial oposicionista. Naquele momento os opositores do 'partido dos Konder' tinham se juntado a Nereu Ramos, o líder da campanha de Vargas. Quando os Ramos, porém, chegaram ao poder, iniciaram sua indistinta hostilidade contra as 'colônias alemãs', assim que para os cidadãos destas áreas se tornou difícil continuar a apoiar o novo governo. A alternativa que se lhes apresentava era o integralismo. Neste sentido é muito interessante observar que cronologicamente o integralismo começa a estabelecer-se logo depois das drásticas medidas tomadas pelo governo contra as 'colônias alemãs' no início de 1934".⁹⁹

Portanto, o grande número de adeptos ao integralismo em Santa Catarina tem relação com fatos de política regional do Estado catarinense, anteriores à Revolução de 30. Isto é, antes da existência do integralismo ou do Partido Nazista no Estado.

De acordo com o estudo de GERTZ, pode-se verificar que padre João Reitz e seus parentes integralistas possuíam algumas características que se enquadravam dentro do perfil dos

⁹⁹ Ibid. p. 202.

integralistas catarinenses, ou seja, pessoas jovens e em processo de ascensão social. Na época, Padre João era moço; em 1935 completou 31 anos e foi nomeado Cura da Catedral Metropolitana de Florianópolis. O pai era um próspero agricultor que, a partir da primeira década do século XX, construiu um engenho de açúcar e de farinha de mandioca e mais tarde introduziu também um alambique de cachaça. Os irmãos Domingos e Martinus e o cunhado Daniel Petry, igualmente jovens, eram sócios na Reitz e Cia., uma destilaria de aguardente de grande porte. Já o irmão Afonso ordenou-se padre em 1934 e o caçula Raulino estudava no seminário.¹⁰⁰

Tais aspectos sociais e econômicos indicam que nenhum deles fazia parte da elite economicamente dominante, mas pertenciam à classe média. Exercendo funções como as de pequenos empresários, sacerdotes ou seminarista, tinham uma certa posição social que lhes dava possibilidade de ascensão.

Quanto ao envolvimento dos Reitz na política estadual, este é considerado por GERTZ como um dos fatores de peso para adesão dos catarinenses ao integralismo. Sabe-se que pelo menos Nicolau e Domingos Reitz tiveram engajamento político. Na campanha para a eleição presidencial de março de 1930, tanto Domingos quanto o pai integraram a Aliança Liberal, que lançou Getúlio Vargas para presidente, e apoiaram a Revolução de 30.

Ao contrário deles, a maioria dos eleitores de Alto Biguaçu não votou na Aliança Liberal nas eleições de 30. Após a Revolução, em represália a estes eleitores, o Interventor Federal do Estado de Santa Catarina, Ptolomeu de Assis Brasil, assinou um decreto mudando a sede e o nome do distrito para Antônio Carlos. O objetivo era homenagear o político mineiro da Aliança Liberal,

¹⁰⁰ Os dados de identificação das pessoas, aqui citadas, encontram-se nos verbetes biográficos escritos por Raulino REITZ em sua obra *Alto Biguaçu*.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, em um distrito onde os liberais perderam. A localidade, onde a maior parte da população era teuta, também teve outras decepções com os novos donos do poder estadual.¹⁰¹

Quando os integralistas começaram a organizar-se em Santa Catarina, Nicolau e Domingos Reitz abandonaram o Partido Liberal e inscreveram-se na A.I.B. Pois, segundo Cônego Raulino Reitz, estavam insatisfeitos com a política dos “vencedores da revolução” (os Ramos) que ia “contra os interesses dos colonos do Alto Biguaçu”. Não foi possível saber se antes de integrar-se na A.I.B., padre João Reitz teve ligação com a política partidária do Estado. Mas, provavelmente, o envolvimento do pai e do irmão e a prática hostil dos Ramos para com os teuto-brasileiros contribuíram para ele associar-se ao integralismo.

O exposto leva a crer que além dos motivos religiosos, os fatores apontados pelo historiador René GERTZ, tais como: a posição social, a faixa etária e o envolvimento na política local e regional, também contribuíram para padre João e alguns membros de sua família aderirem à A.I.B. Talvez existissem outras causas não tão fáceis de se reconhecer. A documentação disponível não permite constatar se eles tinham alguma simpatia pelo nacional-socialismo ou por outros regimes fascistas europeus.

De qualquer forma, o integralismo era um movimento fascista, autoritário, pregador da hierarquia e da ordem social. Padre João além de ser bem informado, tinha formação em curso superior e viveu na Itália quando Mussolini estava no poder; portanto devia conhecer bem estas características. Caso não tivesse o mínimo de identificação com elas, não teria feito parte do integralismo, além do mais, existem até indícios de que padre João era amigo de Plínio Salgado.

Por fim, acredita-se que é importante deixar registrada, neste trabalho, a participação de padre João Reitz na A.I.B. e os fatores que o motivaram a “aderir ” ao movimento porque contribuem para entender melhor sua trajetória.

2.3 PADRE JOÃO REITZ: CURA DA CATEDRAL

As atividades de padre João Reitz, enquanto esteve no cargo de Cura da Catedral Metropolitana de Florianópolis, de forma alguma se restringiram à participação no movimento integralista. Durante o seu Curato, como um bom romanizador, reestruturou as associações religiosas, a catequese infantil, realizou novenas e tríduos marianos.¹⁰² e também esteve engajado em muitos movimentos religiosos ocorridos no Brasil nos anos 30.

A partir da segunda década do século XX, a Igreja Católica brasileira começou a empenhar-se para participar do poder republicano, do qual tinha sido afastada em 1890, quando houve a separação entre Igreja e Estado. Neste processo de reaproximação, tornou-se fundamental a liderança de Dom Sebastião Leme, que esteve no Arcebispado do Rio de Janeiro desde 1921.¹⁰³

Dom Leme traçou novas diretrizes de ação para a Igreja. Preocupou-se com a formação de uma elite católica que atuasse diretamente na sociedade, trabalhando para que a população e os governantes brasileiros pautassem suas atividades nos princípios cristãos. Para isto formou um conjunto de instituições católicas leigas que tiveram grande atuação durante o governo de Getúlio

¹⁰² REITZ, *Alto...* p. 524.

¹⁰³ Dom Leme foi Arcebispo de Olinda de 1916 a 1921; Arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro de 1921 a 1930; e Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro de 1930 até 1942, quando morreu.

Vargas. Pois, como notou Paulo José KRISCHKE, no Rio de Janeiro Dom Leme “ajudou a organizar e a unificar a Igreja em torno de objetivos nacionais”.¹⁰⁴

Nesse período, João Reitz como Cura da Catedral deu apoio, em Florianópolis, à Liga Eleitoral Católica (LEC). Através desta liga, a Igreja organizou e instruiu os eleitores a votarem em candidatos de qualquer partido, desde que estivessem comprometidos com o seu programa católico. Nas eleições de 1933 para deputados constituintes, a LEC elegeu a maioria dos candidatos que apoiou. Desta forma, a Constituição de 1934 atendeu grande parte das reivindicações da hierarquia católica como, por exemplo: o ensino religioso facultativo nas escolas públicas e a não adoção do divórcio.

Em Florianópolis o Cura João ainda instalou o Centro Dom Vital, trabalhando como assistente eclesiástico e representante do Arcebispo. Este Centro, fundado primeiramente por Jackson de Figueiredo, na década de 20, passou a reunir grupos de intelectuais católicos com o intuito de lutar pelas causas da Igreja, fazer frente ao liberalismo e difundir o movimento de Ação Católica. O Centro Dom Vital também publicava uma revista mensal chamada “A Ordem” para propagar as suas idéias.¹⁰⁵

José Oscar BEOZZO registra como a postura do Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, em relação ao Centro Dom Vital foi essencial para a sua estruturação:

¹⁰⁴ KRISCHKE, Paulo José. *A Igreja e as crises políticas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 136.

¹⁰⁵ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização*. In: Fausto Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ed. São Paulo: Difel, 1986. t. 3, v. 11, p. 281, 304 - 306.

(...) a Igreja se preocupava com a formação de intelectuais católicos. Toda a formação superior no país era agnóstica, positivista e anticlerical. Dom Leme compreendia o papel do intelectual como vanguarda do catolicismo e por isto deu enorme atenção ao Centro D. Vital, estendeu sua influência, confiando-lhe tarefas políticas como a LEC, tarefas pedagógicas como a Associação de Professores Católicos, transformada bem cedo em Confederação Católica Brasileira de Educação, de âmbito nacional (1935), tarefas de formação como o Instituto Católico de Estudos Superiores (1932), tarefas de militância apostólica através da Ação Católica (1935) e finalmente a tarefa coroamento de todas as outras, de repensar a cultura nacional à luz da fé, através da Universidade Católica (1942).¹⁰⁶

O Cura João empenhou-se especialmente na tarefa de implantar, na Capital de Santa Catarina, uma destas instituições apregoadas pelo Centro Dom Vital: a Ação Católica. Ele conheceu a Ação Católica quando ainda estava em Roma, já que este movimento havia sido fundado pelo Papa Pio XI, o qual promoveu a sua criação em todo o mundo.

A Ação Católica, uma associação para o laicato, define-se como: *"A participação dos leigos organizados no apostolado hierárquico da Igreja, fora e acima dos partidos, para o estabelecimento do reino universal de Cristo."*¹⁰⁷ Ela tem por finalidade a formação de católicos praticantes que atuem em todas as esferas da vida pública: no trabalho, nas escolas, no lar e nos cargos públicos. É, portanto, a recristianização da sociedade através do trabalho do laicato, que possibilita a presença da Igreja em diversas áreas. No entanto, estas tarefas dos membros da Ação Católica devem estar sob o estrito controle da hierarquia eclesiástica.

¹⁰⁶ Ibid. p. 281.

¹⁰⁷ Citado por BEOZZO, op. cit. p. 322.

No Brasil a Ação Católica foi fundada oficialmente por Dom Leme em 1935, em um momento em que a Igreja Católica procurava difundir continuamente a sua influência na sociedade, seguindo no início o modelo italiano e no período pós-guerra o modelo francês.¹⁰⁸

Aproveitando a legalização da Ação Católica no Brasil, o Cura João Reitz procura fundá-la em Florianópolis. Para tanto, fez reformas na casa paroquial da Catedral e tentou reaver o salão nos fundos do templo para abrigar a associação. Todavia, o seu intuito de organizar a Ação Católica ficou frustrado, pois os esforços para readquirir o salão arquidiocesano não surtiram efeito.

Segundo Cônego Raulino, um dos locatários do salão instalou o Cine-Odeon no qual exibia filmes indecorosos. Em uma outra sala, o pintor Luís Franco colocou um estúdio onde fazia exposição de quadros *"tidos como obscenos e ofensivos à igreja"*. O Cura João procurou rescindir o contrato de locação, mas o Arcebispo, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, não o auxiliou e tratou o caso como se fosse de responsabilidade do Cura. As relações entre ele e o Arcebispo foram deteriorando-se progressivamente e o induziram a pedir renúncia do cargo. O seu ato de demissão, de 26 de janeiro de 1937, foi aceito e ele recebeu novamente a nomeação de professor do Seminário de Azambuja, em Brusque.¹⁰⁹

Quando relatou esse caso, Cônego Raulino fez questão de frisar:

"No seu pensar o Cura queria o salão para abrigar a Ação Católica, movimento então preconizado pela Santa Sé. A discordância de idéias pastorais serviu de pomo

¹⁰⁸ Através do modelo belga-francês, a Ação Católica forma grupos especializados para a juventude agrária, operária, estudantil, universitária e independente (JAC, JOC, JEC, JUC E JIC). Nestes grupos os leigos lentamente foram conquistando maior autonomia.

¹⁰⁹ REITZ, Alto... p. 524 -525.

de discórdia entre o Cura da Catedral e o seu Arcebispo, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, que foi sazonado ao longo de um ano, naturalmente com prejuízo funcional do primeiro. O lema do Arcebispo era: 'qui praeest in sollicitudine' (quem governa com empenho) que lembra seu caráter impositivo."¹¹⁰

Nesse comentário anterior sobretudo, deve-se notar a afirmação de que havia "discordância de idéias pastorais" entre o Cura João e Dom Joaquim. E a divergência parecia estar relacionada justamente com a Ação Católica e com o engajamento do Cura em fundá-la na Capital. Pode-se ponderar que, apesar de Dom Joaquim ser um Bispo da linha romanizadora e de o movimento partir da Santa Sé, a Ação Católica preconizava um apostolado inovador confiado aos leigos que não foi bem aceito por todos os setores da igreja.¹¹¹

No livro que escreveu sobre Dom Joaquim, padre BESEN comenta:

*"A finalidade da Ação Católica (...) era formar o 'Exército de Cristo-Rei', a fim de sacralizar a sociedade, implantando uma nova ordem social, à nova cristandade. O encaminhamento desta renovação da pastoral urgida pela situação será proporcional à visão que cada Bispo tem de hierarquia, da dignidade episcopal, dos cômputos do povo cristão. Em Dom Joaquim manifestava-se agudamente a centralização total da vida diocesana, vendo nas sugestões e críticas uma usurpação da dignidade episcopal."*¹¹²

Padre BESEN faz ainda citações de várias falas de Dom Joaquim a respeito da Ação Católica e da autoridade Episcopal. Em todas elas mostra-se intolerante para com a participação

¹¹⁰ REITZ, *Alto...* p. 524.

¹¹¹ BEOZZO, *op. cit.* p. 323.

dos leigos junto da hierarquia. Um sermão proferido por Dom Joaquim, em 18 de outubro de 1934, exemplifica o seu pensamento referente ao assunto:

*“Há os que querem tomar alguma parte no governo da igreja, estão cansados de serem súditos. Devem-se recordar que na Igreja se distinguem da maneira mais absoluta duas partes: a ensinada e a ensinante, o rebanho e os pastores. ... Aos pastores, somente, foi dado o poder de ensinar, julgar, dirigir; aos fiéis foi imposto o dever de seguir os ensinamentos, de se submeter com docilidade, e de se deixar governar, corrigir e conduzir à conversão.”*¹¹³

Esse posicionamento inflexível de centralização do poder soma-se, ainda, a um outro ponto de que não se pode esquecer: a questão étnica. O Arcebispo nasceu em Portugal e o Cura era descendente de alemães. Ana Maria CORREIA demonstrou, em seu estudo sobre a expansão da Igreja em Santa Catarina, que a participação de um grande número de eclesiásticos europeus para atender as regiões de imigração, principalmente germânicos, provocou oposição de uma parte dos católicos catarinenses de origem lusa. A assistência religiosa da população estava sendo feita por sacerdotes estrangeiros e surgiram manifestações anticlericais; falava-se contra a “germanização” da Igreja de Santa Catarina. Durante a Primeira Guerra Mundial, quando houve enfrentamentos entre a Alemanha e os aliados, agravaram-se os conflitos entre as comunidades luso-brasileiras e germânicas no Estado. Faziam-se críticas mais ferrenhas a respeito da não-assimilação dos descendentes de imigrantes e do clero estrangeiro à cultura brasileira.¹¹⁴

¹¹² BESEN, José Artulino. Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Florianópolis: IOESC, 1979. p. 56.

¹¹³ Dom Joaquim apud BESEN, Dom Joaquim... p.57.

¹¹⁴ CORREIA, op. cit.

Muitos prelados brasileiros demonstraram resistência à europeização generalizada que estava embutida no processo de romanização e propuseram uma aproximação maior da fé com a cultura brasileira. Dom Joaquim fazia parte destes bispos “nacionalistas” e preocupou-se com a integração dos imigrantes na cultura brasileira.¹¹⁵ Por isso, no período das duas Grandes Guerras, ele apoiou a campanha de nacionalização e não se manifestou contrariamente à perseguição dos teuto-brasileiros, em Antônio Carlos.¹¹⁶ Deste modo, além de o Cura João Reitz ser descendente de alemães a sua militância na A.I.B. provavelmente não agradou o Arcebispo, já que em Santa Catarina, devido à grande adesão dos teutos ao integralismo, o movimento era acusado de ter orientação nazista e de representar o “perigo alemão”.¹¹⁷

Além desses fatores, pode-se perceber outros que causavam divergência entre o clero e o Arcebispo. Em uma carta datada de 16 de setembro de 1937, enviada ao padre João por um colega sacerdote, quando já estava afastado do cargo de Cura, há indícios de que o Arcebispo favorecia os franciscanos em detrimento dos padres seculares:

P. Paulo Rossi está aqui. Veio de São Paulo a fim de visitar o vigário de Crecuma e, em seguida, voltar para a Itália. Bem, chegando aqui, o Fr. Evaristo lhe negou o uso de ordens, mandando-o ao Arceb. O Arceb. o recebeu muito bem, convidando-o a que ficasse nesta Arquidioc. Ele aceitou. Foi-lhe, i. é, o Arceb. o convidou para almoçar com ele no dia seguinte. Nesta ocasião, então, havia desaparecido toda a

¹¹⁵ AZZI, *O catolicismo...* p. 24-26.

¹¹⁶ BESEN, José Artulino. *A comunidade de Antônio Carlos*. [S.l.; s.e.], 1983. p. 21-22. Padre BESEN fala sobre os acontecimentos deste período em Antônio Carlos: “Por ocasião da Primeira Grande Guerra, autoridades públicas e religiosas obrigaram ao aprendizado da língua portuguesa. Que dificuldade para aceitar o ensino da História, Geografia, Aritmética, Religião, no vernáculo! Na Segunda Guerra as coisas ficam piores ainda para os colonos do Alto Biguaçu: Vêm muitos de seus livros queimados, ser pego falando alemão dava cadeia, surra ou xarope de óleo cru ou de ricino. Por intrigas pessoais, algum ficava à espreita para ver se pegava alguém conversando em alemão. Querem até apagar as inscrições alemãs nos cemitérios. Dom Joaquim não parece ser muito contrário a estas medidas. O culto em alemão é proibido: o que fazer? Aqueles pobres colonos começam a entender que estão no Brasil há mais de um século e que aqui a língua oficial não era a de Goethe.”

amabilidade do dia anterior, mas foi-lhe ainda oferecida a Paroquia de Porto Franco, dizendo, que não podia atender ao desejo do P. Paulo, dando-lhe uma Paroquia no sul do Estado, pois não havia nenhuma vaga. Bem, o P. Paulo aceitou, buscou a provisão, mas logo em seguida lhe foi novamente tirada a mesma. Recebeu então uso de ordens por um mez e que depois se governasse. Si os frades não estão metidos no meio dessas cousas, acho que me enforcaria. Ao que parece eles querem a todo custo afastar padres seculares desta Arquidioc. afim de sobrar mais logar para eles. Nova Veneza parece estar iminente de cair nas mãos deles. Como consta, o Arceb. tencionava mandar o P. Paulo para o sul, pois, indo o P. Deschamps para Pedras Grandes, Sombrio fica vaga. Mas eles querem que os religiosos do Turvo ocupem Sombrio para não poderem namorar Nova Veneza. É uma lastima! Mandem daí quanto antes uma representação ao Arceb. , para que ele não despovoe o seminario de seminaristas.

*Aqui, aliás, tudo bem. Abraços.*¹¹⁸

Esse mesmo sacerdote, o que residia em Florianópolis, já havia escrito para o padre João no mês anterior e fez comentários acerca das transferências de religiosos: “ (...) Aqui tudo no mesmo. Pelos ares ha algumas mudanças de padres. Raulino: Pedras Grandes. Sombrio religiosos do Turvo. Biguassú: P. Bitter. P. Lourenço talvez não obtenha licença da volta da Italia para esta Arquidiocese. Cordioli em novembro para o Seminario, saindo um daí. Tambem eu não estaria mais firme aqui. Tudo isso são suposições não dogma”.¹¹⁹

Quando houve a posse do novo Cura da Catedral , substituindo padre João, o sacerdote referido acima, enviou outra correspondência onde fez anotações irônicas sobre a cerimônia: “ (...) Hontem de noite houve, na frente da casa paroquial, uma manifestação monstro, ou, monstrozinho, ao novo

¹¹⁷ Conforme LUSTOSA, o Episcopado brasileiro nunca se manifestou oficialmente em relação ao integralismo. Não existia nenhuma orientação aos fiéis por parte da Igreja. Era deixada a liberdade de opção pessoal aos católicos. LUSTOSA op. cit. p. 528.

¹¹⁸ W., A. (pe.) -- Carta, Florianópolis 16 de setembro de 1937 -- a padre João Reitz. Arquivo pessoal de padre João Reitz. Acervo da Arquidiocese de Florianópolis

¹¹⁹ W., A. (pe.) -- Carta, Florianópolis, 21 de agosto de 1937 -- a padre João Reitz. Arquivo pessoal de padre João Reitz. Acervo da Arquidiocese de Florianópolis.

*Conego Honorario da Catedral Metropolitana. Tres discursos laudatorios, palmas estrepitosas, vivas vibrantes... O Arcebispo tem novamente um lacato fardado em branco. Donde vem não sei. (...)”*¹²⁰ As correspondências deste amigo de padre João Reitz revelam algumas intrigas. Por mais que o clero da época tivesse senso de hierarquia, as nomeações feitas por Dom Joaquim nem sempre agradavam a todos.

Até agora procurou-se mostrar que a exoneração de padre João do cargo de Cura podia ter sido motivada por vários fatores como: a pretensão de fundar a Ação Católica, a participação no integralismo, o seu grupo étnico ou as preferências pessoais do Arcebispo por alguns grupos de sacerdotes. Mas é certo que os seus desentendimentos com Dom Joaquim não lhe deixaram um saldo muito positivo, pois alguns meses depois de ter sido nomeado professor do Seminário, foi transferido para o extremo sul do Estado. Deveria trabalhar como Vigário cooperador da paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá, com residência em Sombrio, para organizar a paróquia que iria ser criada nesta localidade.

Essa transferência de padre João para um lugar tão distante, na época, causou surpresa. O seu irmão Raulino, então estudante do seminário de São Leopoldo, lhe escreveu: *“Saudações. Recebi faz poucos dias a sua carta aerea. Que mudança inesperada. Mas conforme algumas informações de colegas Sombrio é um lugar bastante bom . Faço votos que Deus lhe conserve bem neste sertão catarinense. Aqui, no nosso caso vê-se que ‘o homem põe e Deus dispõe’ como diz o ríto. Quantos planos caíram por terra!”*¹²¹

¹²⁰ W., A. (pe.) -- Carta, Florianópolis, 1937. -- a padre João Reitz. Arquivo pessoal de padre João Reitz. Acervo da Arquidiocese de Florianópolis.

¹²¹ REITZ, Raulino. -- Carta, São Leopoldo, 8 de dezembro de 1937 -- a padre João Reitz. Arquivo pessoal de padre João Reitz. Acervo da Arquidiocese de Florianópolis.

O pároco de Itajaí, padre Clemente Brünig, que já havia trabalhado em Sombrio¹²², também registrou em uma carta:

Agradeço penhorado o seu nobre cartão do dia 30-11-1937. Recebi tudo em perfeita ordem.

Fiquei sumamente surpreso pela sua nova nomeação. É bastante longe!... Mas o senhor estaria admiravelmente bem aqui em Itajaí. Que pena! Eu porém, não tenho a culpa. Entretanto, lhe almejo de todo o coração as melhores prosperidades apostólicas naquela "minha parochiazinha". Penso que o amigo se dará muito bem ahi. O povo tem tão boa vontade. Tenho mesmo saudades de ver aquella boa gente. Ainda me lembro de tantos nomes saudosos. Vou escrever ao senhor Hugo Damiani. Folgo immensamente que elles ainda desta vez não ficaram sem o vigario. Isto andou por um tris. Fiquem elles sabendo.

*Sim. Rezarei pelo amigo. Mas peço que V. Revma. tambem rogue muito por mim, especialmente durante o santo sacrificio da missa, que preciso tanto, tanto.... (...).*¹²³

Cônego Raulino quando escreveu alguns dados biográficos de padre João, após a sua morte, caracterizou a transferência deste para o sul como um exílio:

A luta pela "causa santa", (...), além de não ter dado para o padre João a posse do Salão Arquidiocesano, sua ambicionada ferramenta de trabalho social, rendeu-lhe a perda do eminente cargo de cura da catedral metropolitana, a remoção para o Seminário de Azambuja, e, por fim, o desterro. Como na antiga Atenas, seu nome foi escrito pelo arcebispo numa "concha" (óstrakon), o que equivale ao ostracismo. A

¹²² Padre Clemente Brünig quando foi professor do Seminário de Azambuja, em Brusque, dedicou alguns dias de suas férias, dos anos de 1933 e 1934, para fazer trabalhos pastorais em Sombrio.

¹²³ BRÜNING, Clemente. (pe.) -- Carta, Itajaí, 9 de dezembro de 1937 -- a padre João Reitz. Arquivo pessoal de padre João Reitz. Acervo da Arquidiocese de Florianópolis.

dura realidade era, de que após poucos meses de magistério no Seminário de Azambuja, teve que curtir um exílio no último recanto da mais distante paróquia sulina, de Araranguá. Na dor do degredo brilha uma das grandes virtudes do sofrido padre: o desprendimento pessoal. Sem mágoas continuou a pedir desculpas (se tinha culpa), a agradecer, a prestigiar, a homenagear com obras o severo arcebispo. Deus escreve direito por linhas tortas. Aceitando, de boa vontade, o cargo de vigário coadjutor de Araranguá, com a tarefa de organizar a paróquia de Sombrio, padre João iniciou o seu novo apostolado que o consagraria como o grande líder religioso, social e político de Sombrio, bem como do extremo sul catarinense.¹²⁴

Pode-se concluir dizendo que padre João foi um sacerdote que fez curso superior em Roma e teve sua formação em um período em que o Episcopado brasileiro estava fortemente ligado às diretrizes da Santa Sé. Tendo regressando ao Brasil, e após ter trabalhando 6 anos como Vigário coadjutor, professor do Seminário de Azambuja e Cura da Catedral de Florianópolis, foi transferido para a paróquia de Sombrio em que viveu os últimos 47 anos de sua vida. Nesta paróquia teve oportunidade de exercer plenamente a sua prática pastoral de linha romana.

¹²⁴ REITZ, Alto... p. 526.

CAPÍTULO III

A PARÓQUIA DE SOMBRIO

Antes que se fale do trabalho pastoral desenvolvido por padre João Adão Reitz na paróquia Santo Antônio de Pádua de Sombrio, objeto deste estudo, deve-se conhecer um pouco Sombrio e a vida religiosa do lugar anterior à criação da paróquia.

3.1 - SOMBRIO

Desde 1880, quando foi criado o município de Araranguá, a localidade de Sombrio bem como toda a área que ficava ao sul da sede municipal até o rio Mampituba, na divisa do Rio Grande do Sul, passaram a pertencer ao território araranguaense. A emancipação de Sombrio somente se efetivou na segunda metade deste século, em 1953. Localizado na zona litorânea do extremo sul do Estado de Santa Catarina, Sombrio fica próximo às encostas da Serra Geral e a uma

distância de 30 quilômetros do Rio Grande do Sul. Além de ser banhado pelo mar, conta com muitos rios e lagoas. Destas, a que mais se destaca é a do “Sombrio”, conhecida através de uma música popular como a lagoa que “corre que desaparece”, pois é uma das maiores lagoas de água doce do Estado catarinense. Navegando-se por ela, pode-se chegar a Torres no Rio Grande do Sul, por este motivo foi muito usada como uma via para transportar os gêneros comercializados com este Estado vizinho. Pode-se dizer, a propósito, que a localização do município e a sua configuração geográfica acabaram determinando algumas atividades econômicas dos primeiros povoadores de origem européia.

Os primeiros habitantes das terras sombrienses foram os índios Tupi-Guaranis, mais conhecidos como “índios carijós”.¹²⁵ Estes indígenas já no século XVI tiveram contato com missionários europeus. As missões catequizadoras iniciaram com sacerdotes espanhóis e continuaram com os jesuítas portugueses, fazendo várias incursões ao local até pouco antes de 1640, quando os jesuítas foram expulsos da Capitania de São Vicente e São Paulo.¹²⁶

Durante o século XVIII, com a construção da Caminho dos Conventos,¹²⁷ o território de Sombrio recebe novamente visitas sistemáticas. A estrada iniciada em 1728 partia da foz do rio Araranguá, próximo ao Morro dos Conventos, subindo a serra até chegar ao planalto. Era um caminho de tropas para transportar o gado proveniente do Rio Grande do Sul até os mercados de São Paulo e da zona de mineração em Minas Gerais. Cônego Raulino Reitz faz algumas

¹²⁵ Conforme VETTORETTI, a expressão “carijó” origina-se da língua Tupi-Guarani, da palavra “Caraiyoic”, (branco, mestiço). Com o acasalamento entre os europeus e as índias locais nasceram filhos que por serem de cor e feições diferentes, os indígenas lhes deram aquele nome. VETTORETTI, Arnádio. História de Tubarão: Incopel, 1992. p.26.

¹²⁶ PAULI, Evaldo. Evolução religiosa do Sombrio de outrora (1605-1637). In: REITZ, Raulino. Paróquia de Sombrio. Brusque: [s.e.], 1948. p. 13 -14.

¹²⁷ PIAZZA, Walter F. Santa Catarina: sua história. Florianópolis: Lunardelli, 1983. p. 166 -170.

observações sobre o tráfego de homens e animais em consequência da Estrada dos Conventos e de outros caminhos abertos no litoral:

Era intenso o tráfego neste ensaio das rodovias modernas. Tropas e mais tropas de bovinos eram tangidas dos sertões do sul para os mercados paulistas.

Cinco anos mais tarde determinou-se a abertura das vias de comunicação entre São Francisco do Sul e Florianópolis (Desterro) e a de Laguna e Viamão. Com isto o território da Paróquia de Sombrio ficou aberto ao homem civilizado, que aí quizesse buscar terras.

Já pelos anos de 1733 começaram a passar pelas praias de Sombrio, rumo às estâncias gaúchas, os primeiros lagunenses, que em 1740 fundaram a cidade de Porto Alegre.¹²⁸

Devido à abertura desses caminhos, por mais de um século os tropeiros que se dirigiam ao Rio Grande do Sul transitaram pela região. Mas somente em 1830 uma família fixou residência em Sombrio -- a família de João José Guimarães, natural de Portugal, primeiro proprietário das terras sombrienses compradas do Estado em 1833.¹²⁹ Aqui, é importante frisar que o povoamento de Sombrio teve início através da venda de uma grande extensão de terras a um só proprietário; diferente, portanto, de muitos municípios catarinenses, originados de colônias de imigrantes europeus não-portugueses, nos quais havia a distribuição de pequenos lotes. As terras que pertenceram a João Guimarães posteriormente foram vendidas para familiares provenientes do Rio Grande do Sul. Estes construíram suas casas na margem do rio da Lage, onde hoje é a sede municipal de Sombrio.¹³⁰

¹²⁸ REITZ, Raulino. Paróquia de Sombrio. Brusque: [s.e.], 1948. p. 7.

¹²⁹ PEREIRA, Juventino J. Sombrio: sua origem, seu povo e tradições. Canoas: La Salle, 1972. p.18 -21.

¹³⁰ Ibid. p. 23.

A ocupação de Sombrio e da região foi lenta, mas no final do século XIX já existiam diversos povoados ao sul de Araranguá. Em alguns relatórios da Câmara Municipal de Araranguá, datados de 1883, 1884 e 1886,¹³¹ pode-se constatar que a economia local baseava-se principalmente na agricultura. A criação de gado, apesar de ser prática comum, era em pequena escala e utilizada para consumo próprio e nos trabalhos da lavoura. A pesca se restringia ao consumo dos habitantes do litoral. Em quase todas as casas do município araranguaense eram feitos tecidos grossos de algodão usados na confecção de roupas para o trabalho cotidiano.

A indústria fabril produzia principalmente farinha de mandioca e de milho, açúcar, aguardente e fumo. Estes produtos beneficiados, os gêneros agrícolas, couro e algum tecido eram exportados para os moradores de cima da serra, para Porto Alegre, Laguna e Desterro (atualmente Florianópolis). Porém os produtos produzidos em maior quantidade eram os agrícolas e, conseqüentemente, também eram os que tinham destaque na exportação.

A predominância no setor primário e a concentração da população na zona rural vão permanecer durante muito tempo na região.¹³² Quando em 1914 o povoado de Sombrio tornou-se o quinto distrito de Araranguá, era mais desenvolvido no interior, pois o atual perímetro urbano, ainda em 1911, contava somente com dez casas residenciais.¹³³ O censo de 1920 registra que o contingente populacional do distrito era de 5. 635 habitantes. Já o censo de 1940 mostra que a

¹³¹ Relatórios das Câmaras Municipais ao Presidente da Província de 1883, 1884 e 1886. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

¹³² No município de Sombrio, a situação só vai começar a reverter-se a partir da década de 70 do século XX. Cf. Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-Econômico da SEPLAN : Sombrio. Florianópolis : IOESC, 1990. p.19.

¹³³ REITZ, Paróquia... p.57.

população era de 10. 076 habitantes, mas deste total somente 576 pessoas residiam nas zonas urbana e suburbanas.¹³⁴

A elevação do distrito à categoria de Vila ocorreu no dia 31 de março de 1938, tendo sido no mesmo ano também criada a paróquia. Em uma pesquisa da década de 40 sobre a etnia dos paroquianos sombrienses, constatou-se que sua grande maioria era luso-brasileira. Os ítalo-brasileiros eram numerosos no interior da paróquia, sendo provenientes de Criciúma e Urussanga ou de Osório e Barra do Ouro no Rio Grande do Sul. Havia também alguns teuto-brasileiros vindos do Rio Grande, Colônia de São Pedro e Glória, que por sua vez pareciam originários de São Leopoldo. Os afro-brasileiros eram raros e na sede da Vila existia apenas uma família deles.¹³⁵

3.2 - VIDA RELIGIOSA

A paróquia de Sombrio foi desmembrada da paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá. Esta última, criada como freguesia em 1848,¹³⁶ abrangia toda a extensa área territorial do litoral sul do Estado de Santa Catarina. Na sua fundação, a freguesia contou com um padre interino para administrá-la e seu primeiro pároco foi nomeado em 1868. A primeira visita de um bispo à região ocorreu somente no início deste século.¹³⁷

¹³⁴ Recenseamento do Brasil : População. V. IV. Parte I. IBGE, 1920.; Censo Demográfico: população e habitação. Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Parte XIX. IBGE, 1940.

¹³⁵ Fichas de Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio. (1931-1948).

¹³⁶ O termo " 'Freguesia' é de origem eclesiástica e até identificado com 'paróquia', sendo a primeira designação de origem portuguesa enquanto a segunda proveniente de língua grega, mas ambas contêm o mesmo significado. Denominavam-se 'fregueses' a todos quantos pertenciam a uma paróquia ou freguesia." HOBOLD, Paulo (Pe.). A história de Araranguá. Porto Alegre: Palmarica, 1994, p. 57.

¹³⁷ Ibid. p. 199-200.

As visitas pastorais eram consideradas essenciais para os bispos da Igreja Católica romanizada. Eles faziam pregações, administravam os sacramentos e ficavam a par da situação social, econômica e política dos locais visitados.¹³⁸ Nas palavras de D. Joaquim estas visitas tinham os seguintes objetivos: *"Conservar a pureza e a ortodoxia da doutrina católica, extirpando as heresias, que corrompem; conservar os bons costumes, perseguir os maus; estimular os fiéis à religião, à paz e à inocência, por meio de exortações e conselhos, estabelecer o mais que o lugar, o tempo e a ocasião permitirem para proveito dos fiéis, segundo julgar a procedência dos visitantes."*¹³⁹ As visitas à paróquia de Araranguá ficaram registradas no Livro Tombo. É importante falar aqui sobre estes registros, pois alguns deixam pistas sobre a vida religiosa de Sombrio e da região.

A primeira visita foi realizada em 1902 pelo Bispo de Curitiba, Dom José de Camargo e Barros, que permaneceu na sede da paróquia, sem ir ao interior. No Livro Tombo ele apenas descreve a nova igreja matriz de Araranguá, fala do início de sua construção e da sua inauguração neste mesmo ano.¹⁴⁰ No entanto, no seu Diário de Visitas Pastorais comenta: *"Esta parochia (Araranguá) tem mais de 2.000 almas, é a primeira visita que faço; entretanto exceptuando domingo, nos outros dias não houve mais gente; nas missas, nas chrismas, e nas novenas não há duzentas pessoas. Por que será?"*¹⁴¹ A pergunta deixada no final já subentende uma resposta, ou seja, a falta de interesse das pessoas do local pelos sacramentos e pelas manifestações religiosas formais.

O primeiro Bispo da Diocese de Florianópolis, Dom João Becker, já realizou a segunda visita à região no ano de 1909. No provimento de visita relata somente a sua recepção na sede de

¹³⁸ SERPA, Élio Cantalicio. *A Igreja e o catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891 - 1930)*. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina, 1989. p. 119.

¹³⁹ Citado por CORREIA, Ana Maria Martins Coelho. *A expansão da Igreja em Santa Catarina, a reação anticlerical e a questão do clero nacional (1892-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina. 1988. p. 54-55.

¹⁴⁰ Provimento de Visita Pastoral de 1902. Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. p. 52.

¹⁴¹ PIAZZA, Walter F. Os "diários" de Dom José de Camargo e Barros e as suas visitas pastorais ao território catarinense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. n. 5. 1984 p. 96.

Araranguá pelo padre, autoridades e fiéis. Em seguida menciona que foi até a povoação de Passo do Sertão, na fronteira do Estado, e na volta administrou sacramentos no lugar chamado Sombrio.¹⁴²

Em 1916 houve uma nova visita feita pelo segundo Bispo da Diocese de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Ele registra que no dia 20 de junho partiu para Sombrio, onde pousou em casa do senhor Joaquim Cunha, celebrou e administrou os sacramentos da Crisma.¹⁴³

Em nova visita de 15 a 24 de maio de 1921, além da matriz foram percorridas cinco capelas da paróquia de Araranguá. Neste ano Dom Joaquim já pôde notar uma melhor recepção da população; entretanto a vida religiosa nas capelas deixava muito a desejar:

(...) confessávamos, pregávamos e assistíamos as novenas encontrando sempre a melhor bõa vontade do povo, digo, por parte da população e colhendo mesmo os primeiros frutos da visita, sem embargo da notavel [...], diríamos quasi extinção da vida propriamente religiosa em quasi todas as capellas da freguesia. Porque não podemos chamar vida religiosa a realização de alguns casamentos e baptizados [...] quando espontaneamente se apresentam. No Sombrio e na capela do Sertão promovemos a primeira comunhão dos meninos e meninas [...]. Fomos por toda a parte festivamente recebidos; [...] Em quasi todas as capellas ha falta de sufficientes confessorarios, e (até de paramentos) , alem da meia inconveniente installação da administração do sacramento do baptismo. [...].¹⁴⁴

¹⁴² Provimento de Visita Pastoral de 1909. Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. p. 70.

¹⁴³ Provimento de Visita Pastoral de 1916. Livro Tombo da paróquia de Araranguá. p. 74

¹⁴⁴ Provimento de Visita Pastoral de 1921. L.T.P.A. p. 76.

No ano de 1925 frei Silvestre Düschrhaus foi nomeado visitador diocesano das paróquias do sul do Estado. No relato que fez no Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, ele foi incisivo nas suas críticas e não usou meias palavras para registrar a sua indignação com o comportamento dos paroquianos. Sobre a matriz comenta: *“A vida religiosa na Matriz, sem dúvida, está fazendo progresso. A ignorância, porém, em religião, ainda é bastante grande. A frequência a doutrina é pouca e há bastante espiritismo na cidade.”*¹⁴⁵ Frei Silvestre visitou ao todo treze capelas. Na maioria encontrou “pouco espírito religioso” e muitos bailes, festas e bebedeiras. Quando em algumas localidades encontrava fé e boa vontade também percebia a grande “ignorância religiosa”. As duas únicas exceções foram com a população de Turvo e Retiro. O primeiro é local de colonização italiana e o outro, que posteriormente passou a fazer parte do território da paróquia de Sombrio, contava com forte contingente de itálos-brasileiros.

Sobre a visita de 1929, no Livro Tombo estão transcritas matérias dos jornais “A Verdade” de Araranguá e a “Paz” de Tubarão. Os artigos são referentes à visita de Dom Joaquim à paróquia de Araranguá e descrevem as grandes festividades, com presença da população e de inúmeras autoridades, por ocasião da visita.¹⁴⁶

No provimento de Visita Pastoral de 11 de novembro de 1937, o Bispo Dom Joaquim observa que em todas as comunidades que visitaram, tiveram sempre festiva e carinhosa recepção. Não houve visita a Sombrio e a outras capelas mais ao sul.¹⁴⁷ Estas são as visitas feitas antes da criação da paróquia de Sombrio; algumas informações dos provimentos das demais visitas serão comentadas em capítulo posterior.

¹⁴⁵ Provimento de Visita Pastoral de 1925. L.T.P.A. p. 78.

¹⁴⁶ Provimento de Visita Pastoral de 1929. L.T.P.A. p. 84.

¹⁴⁷ Provimento de Visita Pastoral de 1937. L.T.P.A. p. 106.

Segundo a orientação do Bispo Dom Joaquim, não só ele deveria ser visitador, mas também os sacerdotes eram recomendados a completar o trabalho catequético, visitando os paroquianos do interior. No povoado de Sombrio, o Vigário de Araranguá passou a celebrar missa na casa de Luís Antônio da Cunha, genro de João José Guimarães (primeiro proprietário das terras sombrienses), e depois, na casa do seu filho, Joaquim Antônio da Cunha até 1918, quando foi inaugurada a capela de Santo Antônio.¹⁴⁸

Quanto à periodicidade dessas visitas, Cônego Raulino Reitz, em 1948, fez a seguinte afirmação a respeito da paróquia de Sombrio: *"(...) uma zona imensa onde, há somente 15 anos aparecia o sacerdote apenas uma vez por ano"*.¹⁴⁹ Fato que se pôde confirmar pelos registros feitos no Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. De 1931 a 1934 as visitas paroquiais do Vigário aconteceram apenas uma vez em cada ano, nas capelas de Sombrio, Retiro e Peroba.¹⁵⁰

A partir de 1934, pela primeira vez um sacerdote vai residir em Sombrio -- Padre Lourenço Megliori, nascido em 6 de junho de 1873, em Turim, tendo chegado ao Brasil em 1928. Nomeado vice- cooperador do Vigário de Araranguá com residência em Sombrio, em 3 de maio de 1934, permaneceu por nove meses na localidade. Evaldo PAULI faz as seguintes observações nas suas fichas sobre a cronologia dos atos da paróquia de Sombrio: *"O nome do primeiro encarregado da capela de Sombrio permaneceu na memória popular. Refere o povo que sabia cantar bem e que seus sermões eram lidos do papel, mas que eles nada entendiam"*.¹⁵¹

¹⁴⁸ REITZ, *Paróquia...* p.57.

¹⁴⁹ *Ibid.* p. 3.

¹⁵⁰ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. p. 102-103.

¹⁵¹ Fichas de Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio. (1931-1948). Com data: 03-05-1931; Como foi anotado na introdução desta dissertação, o professor Evaldo Pauli, sobrinho de padre João Reitz, trabalhou na paróquia de Sombrio na década de 30, quando era seminarista. Na época elaborou mais de duas centenas de fichas com dados sobre a paróquia. Professor Evaldo Pauli também trabalhou como vigário coadjutor de Sombrio, depois de ter sido ordenado sacerdote em 1949.

Em fevereiro de 1935, padre Raulino Deschamps, nomeado como novo cooperador de Araranguá com residência em Sombrio passou a trabalhar na região, mas sobre ela nada deixou escrito. Para substituí-lo, foi nomeado, em 22 de setembro de 1937, padre João Adão Reitz. Dom Joaquim criou a paróquia de Sombrio em 31 de maio de 1938, e a nomeação de primeiro vigário coube a padre João Reitz, encarregado daquela zona eclesiástica.

Em fins de 1937, quando padre João Reitz fixou-se em Sombrio, encontrou no local que iria ser a sede da paróquia uma humilde casa paroquial e na mesma rua, quase em frente, a capela. O templo de pequenas dimensões abrigava umas poucas alfainas. Havia, além da imagem do padroeiro Santo Antônio, alguns bancos toscos, um cincerro que servia de sineta, uma pedra de ara, castiçais quebrados de madeira, um cálice simples e oxidado, toalhas velhas, uma alva de algodão e um paramento branco. Por ocasião do Natal, padre João iniciou uma campanha para a aquisição de novas alfainas, coletando dinheiro dos fiéis, visto que o patrimônio da futura matriz era muito pobre.¹⁵²

Inaugurada em 1918, a capela Santo Antônio contou com um zelador, ao menos a partir de 1923.¹⁵³ Do ano de 1931, existe o registro de uma irmandade na localidade de Sombrio, associação de caráter religioso em geral formada por leigos, denominada “Irmandade da Capela de Santo Antônio de Lisboa” da qual nada se sabe além do registro de Evaldo PAULI nas suas fichas sobre a cronologia dos atos da paróquia.¹⁵⁴ PAULI anota que esta irmandade reunia-se na sede do distrito de Sombrio e ainda diz que havia no arquivo da paróquia a ata de uma reunião em fevereiro de 1931. Infelizmente esta ata não se encontra mais no arquivo paroquial e com o seu

¹⁵² Fichas de Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio. (1931-1948). Com data: 27-12-1937.

¹⁵³ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. p. 77.

¹⁵⁴ Fichas de Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio. (1931-1948). Com data: 10-02-1934.

extravio pode-se ter perdido informações importantes a respeito da organização dos leigos antes da criação da paróquia.

Havia ainda um conselho de fábrica¹⁵⁵ que iniciou um livro para transcrever as atas de suas reuniões em 1934, quando padre Lourenço Megliori, cooperador de Araranguá, passou a residir em Sombrio. Neste livro constam somente as atas de quatro reuniões. Padre Lourenço esteve presente em duas delas e o padre visitante, Clemente Bruening, em uma. Os membros da diretoria da fábrica eram todos leigos e nos encontros trataram de assuntos como: as receitas e despesas da igreja e da casa canônica; destinar os gastos “para o bom desempenho religioso” da Igreja; tomar conhecimento das ofertas arrecadadas para a construção da nova igreja e para a adquirir o que fosse necessário para o bom desenvolvimento do culto; e aquisição de um terreno para oferecer à mitra. O último registro é de 9 de setembro de 1938. Padre João Reitz já era, então, o Vigário de Sombrio e foi quem presidiu a reunião, talvez procurando começar a deter um certo controle sobre o conselho de leigos.¹⁵⁶ Neste mesmo ano, ele organizou um outro livro para a transcrição das atas de todas as reuniões que tratassem de assuntos da construção da matriz e também da paróquia.

Padre João Reitz anunciou oficialmente a provisão de criação da paróquia Santo Antônio de Pádua de Sombrio, em 11 de setembro de 1938, quando instalada, durante uma missa cantada ao som de fogos e toques do sino,¹⁵⁷ procurando dar destaque ao fato, embora esta provisão datasse de 31 de maio de 1938. O território da nova paróquia media 40 km. de norte a sul, 30 km. de leste a oeste e 70 km. de nordeste a sudeste, e nele estavam distribuídas 14 capelas sob a responsabilidade do pároco. Até o ano de 1948 padre João fundou mais 6 capelas. Posteriormente,

¹⁵⁵ Fábrica: conselho cujos membros têm a função de administrar os bens de uma paróquia ou igreja.

¹⁵⁶ Livro de Atas da Construção da Igreja e Casa Canônica. 1934-1938.

¹⁵⁷ Fichas... Com datas: 02--09-1938 ; 11-09-1938.

a paróquia de Sombrio teve 4 desmembramentos: Praia Grande em 1951, Jacinto Machado em 1953, São João do Sul em 1955 e Santa Rosa em 1976.¹⁵⁸

Em 1939 Evaldo PAULI registra: “(...) o povo de Sombrio estava pouquíssimo habituado à disciplina religiosa por causa do abandono em que esteve”.¹⁵⁹ O livro da Paróquia de Sombrio e as anotações feitas para servirem de avisos paroquiais, na matriz e nas capelas, nos primeiros anos de paróquiato de padre João, demonstram bem o comportamento dos fiéis. Suas práticas assemelhavam-se às do catolicismo popular onde os leigos cuidavam das capelas, faziam suas rezas, benzeduras, simpatias e se devotavam a seus santos, sem darem muita atenção aos sacramentos e às missas. Existia até mesmo quem não conhecesse santos ou padres. No interior quando o vigário aparecia com sua batina, muita gente corria para observar “um homem de vestidos”.¹⁶⁰

De acordo com as anotações das fichas de Evaldo PAULI, os paroquianos não sabiam como proceder na igreja e a maneira correta de receber os sacramentos, pois estavam pouco acostumados aos “hábitos da civilização”. Por isso nos avisos paroquiais, padre João explicava a forma de assistir missa segundo as recomendações da Pastoral Coletiva de 1915: levantar-se quando o celebrante entrar, ficar de joelhos até o evangelho, de pé durante a leitura e em qualquer posição decente durante o ofertório. Lembrava ainda que o Santíssimo permanecia sempre na

¹⁵⁸ No ano de 1948 existiam na paróquia de Sombrio as seguintes capelas: Matriz Santo Antônio de Pádua em Sombrio; capela de Santa Rosa em Santa Rosa; capela do Sagrado Coração de Jesus em Retiro da União; capela de São Pedro em Peroba; capela de São Liberal em Vista Alegre; capela de Nossa Senhora de Lurdes em Garuva; capela de Santa Terezinha em Sanga da Arcia; capela de São Jorge no Maracanã; capela de Nosso Senhor Bom Jesus em Palmeira; capela de São João Batista em Passo do Sertão (atualmente município de São João do Sul); capela Nossa Senhora da Piedade em Curralinhos; capela São Pedro em Mampituba; capela Nossa Senhora do Rosário no arraial Nossa Senhora do Rosário; capela de São Roque em Timbopeba; capela de Nossa Senhora de Lurdes em Passo Magnus; capela de Nossa Senhora de Fátima em Nova Fátima; capela de Santa Luzia em Glória; capela de São Sebastião em Praia Grande; capela de Nosso Senhor Bom Jesus em Espigão do Barro; capela de Nossa Senhora do Caravágio em Tenente.

¹⁵⁹ Fichas... Com data: 11-04-1939.

¹⁶⁰ As observações sobre o fato de pessoas da paróquia de Sombrio não conhecerem santos ou padres são de REITZ, Raulino. Alto Biguaçu. Florianópolis : Lunardelli, 1988. p. 531.

igreja; desta forma ao entrar e sair do templo, os fiéis deviam fazer genuflexão, isto é, dobrar o joelho até o chão. Dizia que quando se faz a confissão e a comunhão é preciso preparar-se primeiro. Ao dirigir-se ao banco da comunhão, a pessoa deve estar com os olhos baixos e de mãos postas, em sinal de respeito. Para vir à igreja *“convém trajar-se bem, ao menos estar limpo e calçado. Limpeza não é luxo, mas decência”*. Precisou acrescentar também o seguinte aviso: *“na igreja nunca se deve entrar armado de arma de fogo”*.¹⁶¹

Para concluir este capítulo pode-se afirmar que, apesar de todas as medidas tomadas pelo Episcopado para a evangelização segundo os preceitos romanos, iniciada no sul já com Dom José de Camargo e Barros, a demora de quase quatro séculos para a reestruturação da Igreja brasileira deixou suas conseqüências. Como foi visto nos relatos das visitas pastorais de Araranguá, a população ainda resistia à evangelização e quando isto não acontecia, ainda assim ficava evidenciada a sua “ignorância religiosa”.

Por último, deve-se assinalar que a paróquia de Sombrio fica situada no litoral. Na época de sua criação, tinha uma população predominantemente lusa e também pouco habituada à disciplina religiosa. Possuía uma economia basicamente agrícola e uma baixa concentração de habitantes no perímetro urbano, local da sede paroquial. Estas eram as características da paróquia que padre João Reitz fora encarregado de administrar.

¹⁶¹ Fichas... Com datas: 06-01-1938 ; 23-01-1938.

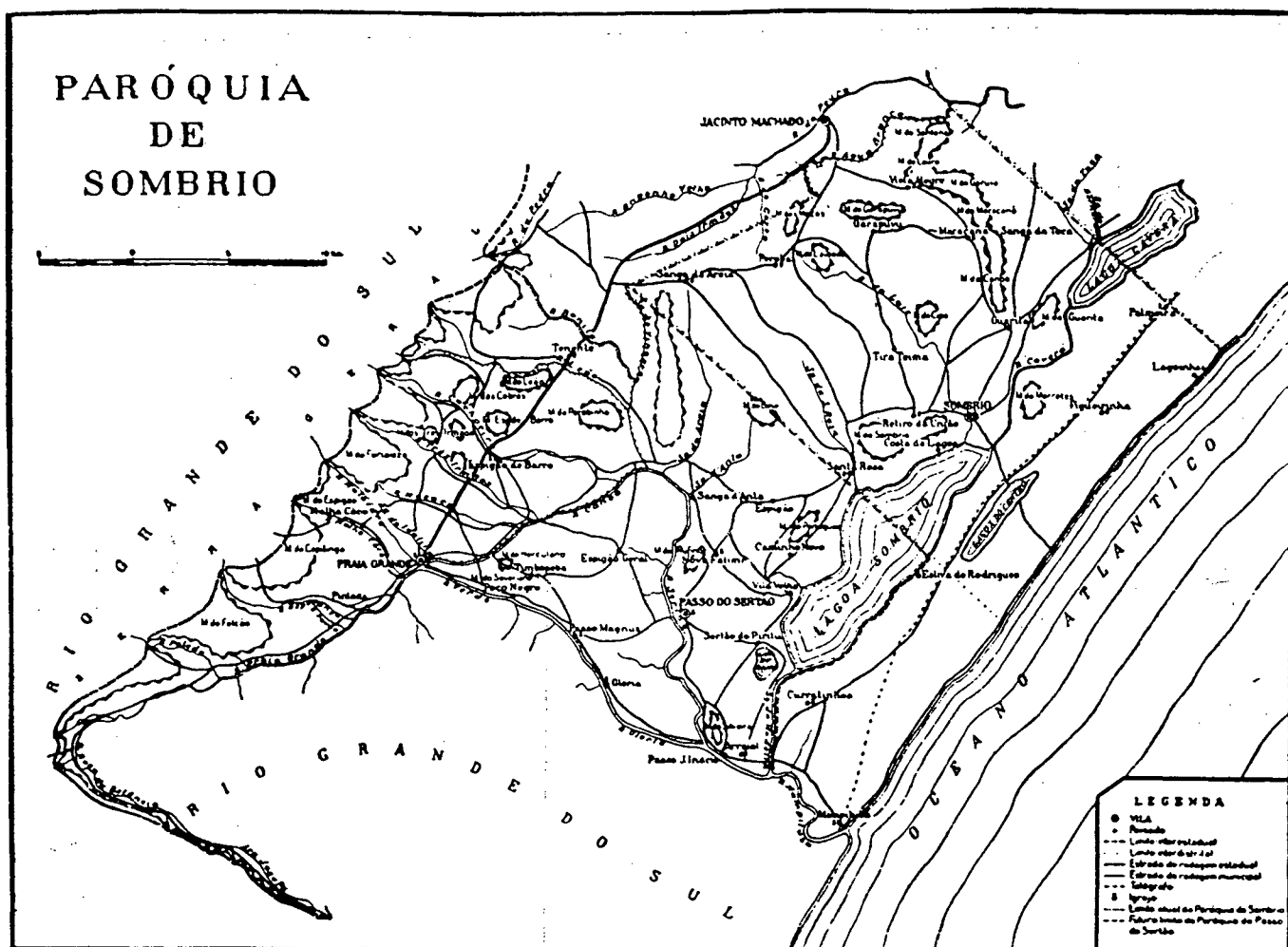


Figura 4.

Mapa da Paróquia de Sombrio em 1948.

Fonte: REITZ, Raulino. Paróquia de Sombrio. P.5.

CAPÍTULO IV

A CURA DAS ALMAS : O TRABALHO PASTORAL DE PADRE JOÃO REITZ NA PARÓQUIA DE SOMBRIO

Cônego Raulino Reitz fez um comentário significativo sobre a proposta de trabalho pastoral que padre João Reitz conheceu em Roma:

Padre João trouxe da Cidade Eterna uma filosofia de vida, que por incompreensão lhe causou os maiores problemas de relacionamento com o arcebispo em Florianópolis, e, mais tarde, com alguns paroquianos, em Sombrio. Seu lema era: agir cristãmente no povo através de atividades sociais, que na época, pode-se asseverar, era um apostolado avançado. Significava para a cura das almas "sair da sacristia" e marcar presença no salão paroquial, onde através de obras sociais e educativas, contactava mais pessoas do que pelo sermão dominical.¹⁶²

¹⁶² REITZ, Raulino. Alto Biguaçu. Florianópolis: Lunardelli. 1988. p. 524.

Desse comentário é importante assinalar três pontos. Primeiro, o lema de contactar os fiéis através de obras sociais e educativas leva a crer que seja uma orientação extraída da Ação Católica que tinha como proposta atrair e incentivar a participação dos leigos. Segundo, Cônego Raulino faz uso da expressão “cura das almas”. De acordo com Pedro Ribeiro A. de OLIVEIRA¹⁶³ esta expressão é utilizada na pastoral coletiva de 1915 para designar a atividade pastoral, pois a Igreja deve ocupar-se é da alma que precisa da religião para salvar-se após a morte. A presente dissertação leva o título de “Cura das Almas”, justamente para referir-se às atividades pastorais de padre João Reitz em Sombrio. Por último, cabe notar que padre João encontrou resistência à sua forma de trabalho pastoral, porque sua prática não se restringiu ao lado religioso, “saiu da sacristia” e tratou de atuar no campo social, cultural, educacional, econômico e político.

Para abordar alguns aspectos dessas atividades desenvolvidas pelo padre João na Paróquia de Sombrio, utilizou-se sobretudo da obra do Cônego Raulino Reitz publicada em 1948, por ocasião do décimo aniversário da paróquia.¹⁶⁴ Em complementação a este estudo, foram consultados documentos do arquivo paroquial e do arquivo pessoal do padre João Reitz.

4.1 A ADMINISTRAÇÃO DA PARÓQUIA E O CONTROLE DO CULTO

A carência de vias de comunicação e a grande extensão da paróquia de Sombrio dificultavam as atividades de padre João Reitz. Segundo Cônego Raulino Reitz, a colaboração de um padre coadjutor desde 1940 e a eficaz forma de organização administrativa da sede e das capelas ajudaram a vencer os obstáculos.

¹⁶³ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Religião e dominação de classe. Petrópolis: vazes, 1985. p. 300.

Ainda em 1937, deram início ao arquivamento sistemático dos documentos paroquiais, e em 1938 foram recolhidos os primeiros dados dos movimentos religiosos para o “Departamento Paroquial de Estatística”. Este era um dos setores da administração paroquial criado pelo Vigário e visava traduzir em números o movimento religioso e social da paróquia, para deixar informadas as autoridades eclesiais, o Departamento Estadual de Estatística bem como a população em geral. No princípio guardavam-se no arquivo da sede, em uma só folha, os números de casamentos, batizados, confissões, comunhões e frequência à doutrina. Mais tarde formulários impressos eram distribuídos no início do ano para todas as capelas, onde um membro da fábrika de cada localidade anotava os dados que eram enviados para a sede no final do ano.

Nesses formulários existiam os seguintes tópicos: 1. O número de sacramentos e de frequência aos cultos. 2. Instrução em Geral e Catequese 3. Controle das Associações Religiosas. 4. Boa Imprensa (número de assinaturas de jornais e revistas católicas). 5. Caridade Cristã-Coletiva (coletas, movimento financeiro das corporações). 6. Assuntos Diversos (habitantes, biblioteca). 7. Vocações (para clérigos e religiosos leigos). 7. Outros Registros.¹⁶⁵

Todos os dados numéricos referentes aos sacramentos, doutrina cristã, associações religiosas, leitura de periódicos católicos e a frequência ao culto de 1938 até 1947 foram publicados no livro *Paróquia de Sombrio*; esta obra, inclusive, é apresentada como um trabalho estatístico-descritivo. Exibindo os números em várias tabelas, Cônego Raulino procurou demonstrar a evolução religiosa durante os 10 anos de paróquiato de padre João.¹⁶⁶ A anotação de

¹⁶⁴ REITZ, Raulino. *Paróquia de Sombrio*. Brusque: [s.e.], 1948.

¹⁶⁵ Fichas de Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio. (1931-1948). Com datas: 22-11-1937; 31-12-1938; 01-01-1941.

¹⁶⁶ REITZ, *Paróquia...*

uma “estatística” na Páscoa de 1955 indica que nos anos posteriores os dados continuaram a ser coletados.¹⁶⁷

Segundo Riolando AZZI, no período em que a Igreja Católica do Brasil está preocupada em implantar o modelo de Igreja hierárquica conforme o estabelecido no Concílio de Trento, os religiosos passaram a dar ênfase à Teologia do Mérito. De acordo com esta Teologia, a salvação eterna é alcançada em decorrência dos méritos adquiridos na terra. Deste modo, os padres passaram a mensurar o número de obras religiosas e espirituais através de estatísticas. Caso os resultados dos dados numéricos fossem elevados, conseqüentemente aumentariam os méritos para alcançar o céu.¹⁶⁸

Deve-se lembrar ainda que, com o processo de romanização, o Episcopado brasileiro passou a recomendar ao clero: fundar associações religiosas e obras assistenciais, organizar o ensino do catecismo, divulgar a imprensa católica, incentivar a prática dos sacramentos e fazer visitas às capelas. Os sacerdotes tinham a obrigação de controlar todas estas atividades e deviam enviar para a Diocese o movimento religioso da paróquia. O sistema administrativo de padre João, os registros estatísticos e os itens que se preocupou em registrar, mostram que ele procurava seguir estas diretrizes. Desta forma, a sua ação pastoral enquadrava-se nos moldes da Teologia do Mérito.

Em Sombrio as visitas paroquiais ao interior, do pároco ou do seu coadjutor, também eram feitas de forma sistemática. No primeiro mês do ano, padre João elaborava um calendário com as datas e os locais a serem visitados, sendo afixado depois na matriz e nas capelas. As visitas

¹⁶⁷ Livro de Anotações e Avisos paroquiais. p.16v.

¹⁶⁸ AZZI, Riolando. et alii. História da teologia na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 30-33.

eram feitas quase todos os meses e procurava-se cumprir sempre o calendário; somente durante o ano de 1944 houve 125 visitas em 17 capelas.¹⁶⁹ O dia da visita era para ser considerado pelos fiéis como um dia santo: a população não devia trabalhar, os comerciantes locais eram orientados a fechar as “vendas”, e todos tinham que participar da missa. Na década de 50, começou-se a introduzir algumas “modernidades”, como, uma campanha feita, visando a compra de um jeep para o padre; o veículo facilitava o seu deslocamento e contribuía para o melhor atendimento às necessidades espirituais dos paroquianos.¹⁷⁰

Mesmo quando o padre não estava presente, havia culto nas capelas nos domingos e dias santificados, dirigido, na maioria das vezes, pela catequista ou em alguns casos, por um capelão. Mas estes cultos eram extremamente controlados, pois anualmente o padre fazia os programas, em geral uniformes, e contendo a mesma sequência de orações, cantos e instruções religiosas, e os enviava a todas as capelas.¹⁷¹ Inclusive o caderno de avisos paroquiais era escrito pelo pároco e continha algumas recomendações para as capelãs. Nos avisos insistia-se na frequência ao culto, no silêncio e na disciplina dentro da igreja; procurava-se incentivar a prática dos sacramentos do batismo, da confissão, da comunhão e principalmente a realização de casamentos no religioso. Os amasiamentos eram combatidos.¹⁷²

Os dados sobre a participação religiosa nas capelas e na sede passaram a ser anotados também nas cadernetas de família, introduzidas em 1947. Tratava-se de uma versão religiosa da caderneta civil distribuída pelos escrivães e que ainda não existia em Sombrio. Era impressa e distribuída para todas as famílias estabelecidas na paróquia. Nela constavam informações como: a

¹⁶⁹ Fichas de Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio. (1931-1948). Com datas: 01-01-1939; 31-12-1944; 01-01-1945; 01-01-46; 01-01-1948.

¹⁷⁰ Livro de Anotações e Avisos Paroquiais. p. 1-5.

¹⁷¹ REITZ, Paróquia... p.34.

¹⁷² Livro de Anotações e Avisos Paroquiais. p. 1-19.

filiação, a data de casamento, o número de filhos, data de nascimento, batismo e crisma dos filhos. Desta forma, ao mesmo tempo em que se supria uma lacuna do poder civil, induzia-se as pessoas a praticarem a religião católica.¹⁷³

4.2 A DOUTRINA CRISTÃ

“É preciso começar pela juventude que será a população paroquiana de amanhã ” dizia o aviso paroquial de padre João, em 11 de abril de 1939, na parte referente à Primeira Comunhão.¹⁷⁴ A Catequese, além de ser a maneira ideal para formar paroquianos conhecedores da religião cristã, com noções de moral e de disciplina. Propiciava, principalmente, a difusão e a preservação da fé católica.

No livro sobre a Paróquia de Sombrio, Cônego Raulino Reitz lembra que a Congregação da Doutrina Cristã teve origem na “Encíclica Acerbo Nimis”, de 15 de abril de 1905, do Papa Pio X. No Brasil, ela foi reforçada na Pastoral Coletiva e no Concílio Plenário Latino-Americano. A Encíclica mandava instituir a Congregação da Doutrina em todas as paróquias e os párocos deveriam convocar auxiliares entre os leigos. O decreto do Cardeal Serafini, Prefeito da Sagrada Congregação responsável pelo ensino do catecismo, datado de 12 de janeiro de 1935, criou o dia catequético, no qual deveria ser feita a festa da Doutrina Cristã. Cônego Raulino ainda fez questão de enfatizar: *“Estes decretos da S. Sé são observados, à risca, em Sombrio. Desde 1941 o vigário vem organizando, numa evolução admirável, a Catequese paroquial.”*¹⁷⁵

¹⁷³ Fichas... Com data: 23-02-1947.; Livro de Anotações e Avisos Paroquiais. p. 4, 6v.

¹⁷⁴ Fichas... Transcrição do aviso paroquial n. 774 de 11-04-1939.

¹⁷⁵ REITZ, *Paróquia*... p.39.

Seguindo a orientação do Pontífice Romano e da Pastoral Coletiva de 1915, padre João trabalhou no movimento catequético, tendo fundado a Doutrina Cristã em Sombrio, no mesmo dia da criação da paróquia, em 31 de maio de 1938. No mês seguinte, ele instituiu a Missa das Crianças; a partir de então, a missa das 8 horas, aos domingos, passou a contar com a participação das crianças, principalmente as da Catequese, nas orações e cantos. Nos primeiros anos o próprio pároco ministrava as aulas da doutrina. Em 1941 organizou centros para a Catequese onde os leigos podiam alistar-se como catequistas, aspirantes ou contribuintes. Em 1942 iniciou os cursos de religião para formar catequistas habilitadas, com a respectiva ajudante, para todas as capelas, inserindo um sistema que chamava de “apostolado orgânico” bastante semelhante à Ação Católica.

Esses cursos de religião, também dirigidos por padre João, haviam sido aprovados pelo Arcebispo. Os presidentes das fábricas das capelas ajudavam a escolher o pessoal capacitado, e um dos requisitos para as moças que desejassem ingressar nestes cursos era ter pais casados no religioso. Uma vez aprovadas, cursavam matérias como: religião, pedagogia, apologética, noções de moral, civilidade, estatística, canto religioso, canto profano, ensaio de missa e liturgia prática. A aluna que frequentasse ao menos dois cursos, ainda deveria prestar exames para receber o diploma de catequista. Quando formada, a catequista passava a ser a capelã dos cultos da localidade onde trabalhava; desta forma, os cultos das paróquias passaram a ser dirigidos por mulheres. Em 1940 houve visita pastoral e o diploma das catequistas foi entregue em uma missa pelo próprio Arcebispo.

Além do diploma, as moças recebiam um opúsculo com as instruções para os trabalhos dos seus cargos, cujos temas mostram que ficavam habilitadas para várias atividades. Este guia dava as seguintes orientações: I- Ordem de uma aula de catecismo precedida de missa ou culto; II- Ordem de uma aula de catecismo não precedida de missa ou culto; III- Ordem da missa rezada com

distribuição da Santa Comunhão e com cânticos e orações; IV- Posições durante uma missa rezada; V- Instruções sobre a entrada das crianças na igreja para assistir à missa e ao culto; VI Uma missa festiva rezada; VII- Posições durante as funções do culto; VIII- Cerimônias que devem ser observadas numa primeira comunhão; IX- Organização da Doutrina Cristã; X- Natal da Catequese; XI- Objetos usados nos cultos católicos; XII- Normas para o uso dos cânticos sacros; XIII- Normas para a matrícula; XIV- Modelo de ficha de matrícula. Este opúsculo e os cursos de religião possibilitavam a uniformidade dos cultos e das aulas de doutrina.

As crianças da doutrina passaram a ser instruídas com as aulas dessas catequistas. Visando estimular a frequência dos alunos, as professoras, orientadas pelo vigário, distribuíam no final de cada aula os cartões catequéticos que serviam para obterem prêmios no Dia da Catequese ou, ainda, como entrada no matinê infantil do cinema paroquial. O Dia da Catequese era festejado no Natal, quando se promovia um festival com teatro, leilões de prêmios arrematados com os cartões catequéticos, cantos, entre outras atividades. Os festivais, combinados e estudados nos cursos de religião, eram iguais em todas as capelas, facilitando a promoção e a elaboração do programa impresso. Os fundos da Catequese eram obtidos através do festival e de uma festa durante o ano. Além disto, os membros do Apostolado da Oração faziam uma doação de 10% de suas arrecadações, pois esta associação religiosa também devia zelar pela Catequese.¹⁷⁶

4.3 AS ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

Quando o Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira assinou a provisão de criação da paróquia de Sombrio, mandou também instituir várias associações religiosas. Além da Doutrina

¹⁷⁶ Os dados sobre a Doutrina Cristã na paróquia de Sombrio estão em REITZ, *Paróquia...* p. 39-42. e nas Fichas de Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio com datas: 12-12-1937; 25-12-1937; 31-05-1938; 03-06-1938; 11-04-1939; 04-08-1940; 25-12-1940; 25-12-1941; 04-12-1942; 25-12-1942; 26-09-1943; 25-12-1943; 25-10-1945; 25-12-1946; 09-03-1947; 25-12-1947; 15-11-1948; 25-12-1948.

Cristã, padre João Reitz fundou pelo menos quatro destas associações na nova paróquia: o Apostolado da Oração, a Congregação Mariana, a Cruzada Eucarística e a Obra das Vocações.

O Apostolado da Oração nasceu em 1844 em Vals, na França, e no ano seguinte foi introduzido no Brasil pelo padre Bartolomeu Taddei. Os seus associados têm o dever de assistir missa e comungar nas primeiras sextas-feiras do mês, fazer reuniões mensalmente e promover festas para o seu santo devoto, mas principalmente devem ter uma conduta moral de acordo com os mandamentos da Igreja Católica. Entre eles existem os zeladores, que são responsáveis pela limpeza e decoração da igreja, organização das celebrações e distribuição de folhetos. Todos têm como compromisso a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, cujo culto estimula a prática dos sacramentos. Ana Maria MARQUES lembra que a imagem do Sagrado Coração de Jesus é de um Cristo jovem, mas sofredor; para alcançar a salvação os associados precisam saber sofrer com ele e fazer muita oração.¹⁷⁷

Os bispos de linha romana deram todo apoio à introdução do Apostolado da Oração nas dioceses e paróquias. Ralph Della CAVA, inclusive, afirma que poderia se traçar um mapa da expansão do processo de romanização, tomando-se as datas de fundação do Apostolado da Oração nas paróquias e capelas.¹⁷⁸ Em Araranguá, o Apostolado da Oração foi criado no início do século XX, quando o Estado de Santa Catarina ainda estava sob a jurisdição da Diocese de Curitiba. O Bispo Dom José de Camargo e Barros, entre os dias 29 de junho e 3 de julho de 1902, fez visita pastoral à paróquia de Araranguá e aproveitou para fundar esta associação na sede. Com o decorrer do tempo, ela estendeu-se para outras localidades do território paroquial.¹⁷⁹

¹⁷⁷ MARQUES, Ana Maria. *Cotidiano e religião: a construção de uma cultura religiosa em Nova Trento*. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, 1995. p86.

¹⁷⁸ Citado por OLIVEIRA, op. cit. p. 286. O autor registra que R. Della Cava comunicou-lhe oralmente esta observação.

¹⁷⁹ HOBOLD, Paulo. *A história de Araranguá*. Porto Alegre: Palmarica, 1994. p.242.

Em Sombrio antes da criação da paróquia, o Apostolado já existia em algumas capelas, contudo estas não tinham provimento canônico e esta associação necessitava da aprovação do bispo. Padre João Reitz em um período de 7 anos regularizou e fundou o Apostolado na matriz e nas 17 capelas. No ano de 1947 o número total de associados já era de 3.223 e praticamente dois terços destes eram mulheres.

Cônego Raulino registrou no Livro da Paróquia: *“O Apostolado é, sem dúvida, um dos maiores factores do progresso religioso observado na paróquia. Levou muitas famílias a praticarem a religião. A escolha de zeladores e zeladoras exemplares, a exigência para com os sócios em levarem boa vida e praticarem a religião, as penalidades contra os escândalos, e sobretudo as promessas do S. Coração de Jesus aos seus devotos são causas eficientes do gradativo progresso religioso da paróquia.”*¹⁸⁰

Pôde-se constatar nos documentos paroquiais que os associados de Sombrio eram bastante participativos. Recebiam os sacramentos, realizavam suas reuniões e zelavam pela igreja. As festas do Sagrado Coração de Jesus eram promovidas tanto na sede quanto nas capelas. Também dedicavam-se com afinco à festa de Santo Antônio de Pádua, padroeiro da paróquia, faziam parte das comissões de organização e trabalhavam durante os festejos.¹⁸¹

A Congregação Mariana é uma associação que se notabiliza por promover a devoção a Maria. Desta maneira, uma Congregação de moças fundada na sede da paróquia de Sombrio em 1939, teve como santa patrona, Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Antes desta fundação, houve reuniões preparatórias para as quais receberam convite todas as moças com mais

¹⁸⁰ REITZ, *Paróquia...* p. 36-37.

¹⁸¹ Os dados referentes à associação do Apostolado da Oração, da paróquia de Sombrio, encontram-se em REITZ, *Paróquia...* p. 36-38; nas Fichas de Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio com datas: 02-01-1938; 01-03-1938; 07-05-1939; no livro de Anotações e Avisos Paroquiais e no Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio.

de 14 anos. A cerimônia de admissão das primeiras congregadas foi realizada em 31 de maio de 1940, durante os festejos de lançamento da pedra fundamental da igreja matriz. Provavelmente só foram admitidas as aspirantes a congregadas que preenchiam os quesitos exigidos pela associação.

Ana Maria MARQUES ressalta que as Filhas de Maria (associação semelhante à Congregação Mariana) de Nova Trento eram impelidas a ter espírito de devoção, serem humildes, zelosas e obedientes. O padre recomendava para se vestirem de forma recatada e não seguirem modas indecentes.¹⁸² Aliás, orientava-se todas as mulheres, mas especialmente aquelas das associações religiosas, a se trajarem com recato. Na fotografia das senhoras do Apostolado da Oração de Sombrio (figura 5), pode-se observar como seus trajes são austeros.



Figura 5.

Associadas do Apostolado da Oração em Sombrio

¹⁸² MARQUES, op. cit. p. 80.

Cada associação tinha seus deveres específicos a cumprir. As moças da Congregação Mariana da paróquia de Sombrio faziam novenas todas as noites no mês mariano, em maio, e depositavam flores aos pés da imagem de Maria. Depois da devoção, promoviam um pequeno bazar no Centro Monsenhor Topp, ao lado da igreja, no qual leiloavam as prendas arrecadadas, sendo os rendimentos revertidos em benefício da associação. No encerramento do mês de maio, sempre festivo, para homenagear Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, as congregadas organizavam um festival com apresentações musicais, recitais e peças teatrais. Neste período, os avisos paroquiais das missas e dos cultos das capelas lembravam que todo católico devia fazer sua homenagem à mãe de Deus, rezando diariamente o terço ou algumas ave-marias. Os paroquianos também eram convidados a participar das festividades marianas na matriz.

No decorrer do ano, as congregadas tinham reuniões semanais e faziam comunhão geral todos os meses. Algumas representantes frequentavam Congressos Marianos em outras cidades como São Ludgero, Torres e Nova Veneza. Da mesma forma que os membros do Apostolado da Oração, elas ajudavam na organização da festa de Santo Antônio e de outros eventos da matriz. Na verdade, quem coordenava as reuniões e promoções da associação e induzia as moças a levarem “uma vida mariana intensa” era o diretor, padre João Reitz. Em maio de 1946, ele propôs a cada congregada trazer mais uma companheira para a congregação; a estratégia deu certo e no ano seguinte houve um aumento significativo no número de associadas.

O padre também não deixou de fora a ala masculina, pois em 1944 fundou uma Congregação Mariana para homens e outra para moços, instaladas alguns anos depois. Em 8 de dezembro de 1948, fez-se a instalação solene da Congregação Mariana para moços à noite, na matriz, com sermão do pároco e bênção. Evaldo PAULI considerou-a como “a primeira proteção moral de maior envergadura para a mocidade de Sombrio”. Neste mesmo dia, depois da segunda

missa matutina, havia sido inaugurada uma sala para as associações religiosas da paróquia, um espaço destinado às reuniões e aos encontros.¹⁸³

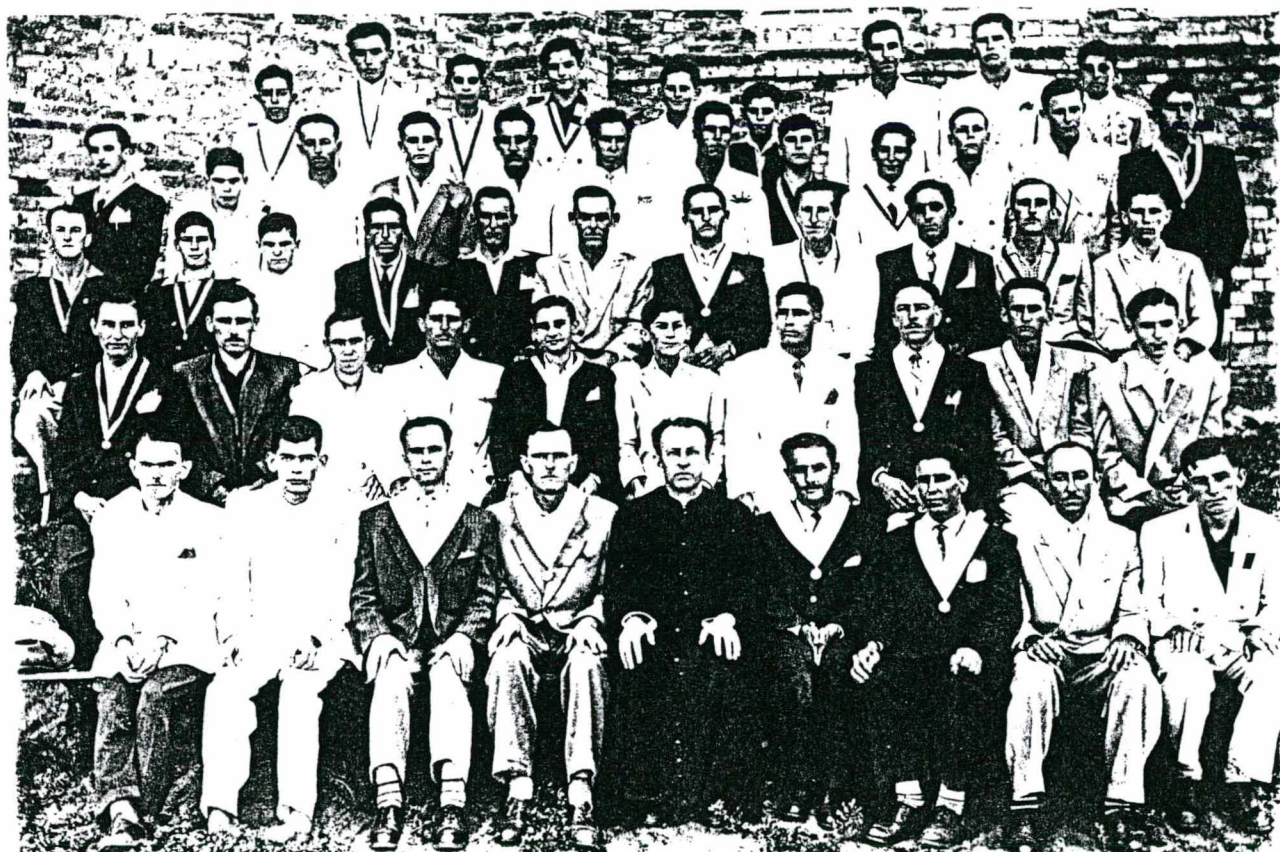


Figura 6.

Fundadores da Congregação Mariana para Moços em Sombrio. Em 08-12-1949.

¹⁸³ Os dados sobre a Congregação Mariana da Paróquia de Sombrio encontram-se em REITZ, *Paróquia...* p. 37-38. Nas Fichas de Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio com datas: 07-03-1938; 11-10-1939; 17-09-1939; 24-11-1939; 31-05-1940; 09-02-1941; 01-05-1941; 31-05-1941; 01-05-1942; 30-06-1944; maio de 1946; 18-08-1946; maio de 1947; maio de 1948; 03-05-1948; 08-12-1948. No livro de Anotações e Avisos Paroquiais com datas: 07-05-1930; 21-04-1951. E no Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio.

A Cruzada Eucarística e a Obra das Vocações foram criadas na paróquia em 1947. A primeira associação reunia as crianças que já haviam feito a Primeira Comunhão para continuarem a ter orientação religiosa. A outra tinha o objetivo de incentivar as vocações sacerdotais. Os associados faziam orações e arrecadavam fundos, principalmente nas celebrações dos sábados dos sacerdotes, o que permitia a instituição de bolsas de estudos para auxiliar os seminaristas da Arquidiocese de Santa Catarina.¹⁸⁴

Essas associações para leigos, introduzidas pelo catolicismo romanizado, têm como característica a centralização. Os seus membros ficam sob a tutela do clero e do Episcopado, pois são fundadas e dirigidas por padres, e quem aprova os seus estatutos é o bispo. Elas permitem a doutrinação de pessoas de todas as faixas etárias e induzem os associados a terem uma conduta moral exemplar. Nas associações para adultos a vida do santo devoto de cada uma é o modelo que deve ser seguido. Quanto às crianças, estas apóiam-se nos ensinamentos da Doutrina Cristã e da Cruzada Eucarística.¹⁸⁵ Segundo Élio SERPA, estas associações controladas diretamente pelos clérigos arrecadam recursos financeiros para as igrejas, escolas, aulas de doutrina, obras de caridade e ainda têm a função de organizar festas religiosas. Um outro ponto importante destacado pelo autor é o fato de os bispos romanizadores recomendarem a criação de associações religiosas porque, além do seu caráter devocional, elas contestavam instituições como o espiritismo, o comunismo, a maçonaria e o modernismo.¹⁸⁶

¹⁸⁴ REITZ, *Paróquia...* p. 38 e Fichas... Com data: agosto de 1946.

¹⁸⁵ OLIVEIRA, *Religião e...* p. 286, 312.

¹⁸⁶ SERPA, *op. cit.* p. 75-78.

4.4 AS SANTAS MISSÕES

As missões geralmente integravam-se a tarefas dos padres de algumas ordens religiosas. Os missionários visitavam as paróquias e capelas do interior onde pregavam a doutrina católica, ministravam sacramentos e ensinavam bons costumes. Desta forma procuravam acender a fé da população e atrair candidatos ao sacerdócio. Era comum a promoção de festividades com a presença de autoridades ou pessoas notáveis da localidade nos dias de visitas. João Batista LIBANIO fala dos objetivos das missões:

(...) Seus objetivos principais eram o afervoramento religioso, ocasião de conversões e regularização da vida, reconciliação de ódios, afastamentos dos abusos e superstições, volta à prática dos sacramentos, moralização da vida cotidiana, erradicação dos abusos sobretudo morais. Os temas clássicos ventilados se resumiam na clara oposição de um lado do pecado, máxime da luxúria, com suas terríveis consequências nesta e na outra vida, o castigo eterno do inferno, o juízo de Deus e doutro a misericórdia de Deus que perdoa e acolhe o pecador. O fiel era, por um lado, atemorizado pelas ameaças de inferno, purgatório, castigo de Deus, juízo particular e final, doutro era provocado à conversão, a escolher o perdão de Deus, a assegurar sua salvação, confessando-se, mudando de vida. (...) ¹⁸⁷

Nos meses de junho e julho de 1910 as Santas Missões aconteceram na paróquia de Araranguá e também na localidade de Sombrio.¹⁸⁸ Depois da criação da paróquia, as missões realizaram-se pela primeira vez em 1948. Uma provisão da Cúria regulamentou o ato, concedendo faculdades aos padres capuchinhos do Rio Grande do Sul Frei Daniel, Frei Florêncio,

¹⁸⁷ LIBANIO, João Batista. *O que é pastoral?* São Paulo: Brasiliense, 1982. p.48.

¹⁸⁸ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá (1896-1956). p. 71v.

Frei Jacinto, Frei Félix e Frei André, para exercerem seus ministérios em Sombrio. Incluía-se ainda a autorização para erigirem um cruzeiro comemorativo ao evento.¹⁸⁹

Convém ressaltar que os paroquianos sombrienses haviam sido preparados com antecedência, através de vários avisos paroquiais e realização de orações coletivas, para receberem os missionários.¹⁹⁰ Sobre o resultado das primeiras Santas Missões na paróquia, Cônego Raulino anexou no livro este comentário:

As Santas Missões na paróquia de Sombrio, pregadas durante a Quaresma de 1948, foram coroadas de um resultado extraordinário. Como um terremoto os Revmos. Padres Missionários Capuchinhos sacudiram e acordaram a consciência religiosa de muitos paroquianos que ainda não se tinham aproximado dos ensinamentos da igreja.

As cifras seguintes bem demonstram o aproveitamento nessas missões:

<i>Confissões.....11.462</i>	<i>Primeiras comunhões de adultos.....1.665</i>
<i>Comunhões.....27.776</i>	<i>Casamentos legitimados.....214 Conversões.....11¹⁹¹</i>

De fato, comparando-se o número total de comunhões da paróquia no ano de 1947, registrando 16.069 com o total de 27.776 atingido nas missões, pode-se notar que os missionários conseguiram atrair um contingente bem maior de paroquianos para receber este sacramento. O mesmo se dá com o número das confissões: durante todo o ano de 1947 houve um total de 13.342 e, em apenas alguns dias de missões, em 1948, confessaram-se 11.462 pessoas.¹⁹²

No acervo dos documentos pessoais de padre João Reitz, encontram-se algumas fotografias das visitas dos missionários em Sombrio que deixam algumas pistas destes eventos na paróquia. Duas delas (figuras 7 e 8), onde aparecem o padre junto com os missionários, têm inscrições na

¹⁸⁹ Fichas... Com data: 03-02-1948, Transcrição da Provisão da Cúria n. 18.005

¹⁹⁰ Fichas... Com data: 21-02-1948.

¹⁹¹ REITZ, *Paróquia...* (anexo do livro).

frente, registrando que são lembranças das Missões dos anos de 1948 e 1949. As confecções de lembranças, que provavelmente eram vendidas ou distribuídas para a população, são registros daqueles momentos de intensa pregação e exaltação da fé católica para serem recordados pelos paroquianos.



Figura 7.

Nesta fotografia de padre João (no centro, sentado) com os missionários está escrito:

“Lembrança dos Missionários, Março de 1948.”

¹⁹² Os dados sobre o movimento religioso da paróquia de Sombrio em 1947 estão em REITZ, *Paróquia...* p. 33.



Figura 8.

Aqui juntamente com os missionários estão os padres João (sentado, à direita) e o coadjutor Humberto Oening. (sentado, à esquerda). A inscrição embaixo diz:

“Lembrança das Santas Missões. Sombrio Março de 1949.”

Em uma outra foto (figura 9), vê-se uma grande quantidade de jovens do sexo masculino reunidos de pé. Não fosse a presença de um missionário, destacando-se bem no centro, podia-se muito bem confundir a imagem com a de algum comício político. Trata-se da Conferência dos Moços na sede da paróquia, realizada durante as Missões de 1949, revelando que, na época, os missionários também conseguiram atrair um bom número de jovens.



Figura 9.

Conferência dos Moços, nas Missões de 1949 em Sombrio. No fundo, à direita, aparece parte do Centro Social Monsenhor Francisco Topp.

As demais fotografias (figuras 10,11 e 12) não têm data mas são de anos posteriores, talvez da década de 50 e 60, pois o pároco e os missionários já estão bem mais velhos. Em algumas fotos eles aparecem no salão de festas da paróquia durante um almoço, no qual estavam presentes vários senhores e o padre João fazendo discurso. Isto mostra que se procurava marcar a ocasião das Santas Missões com solenidade.

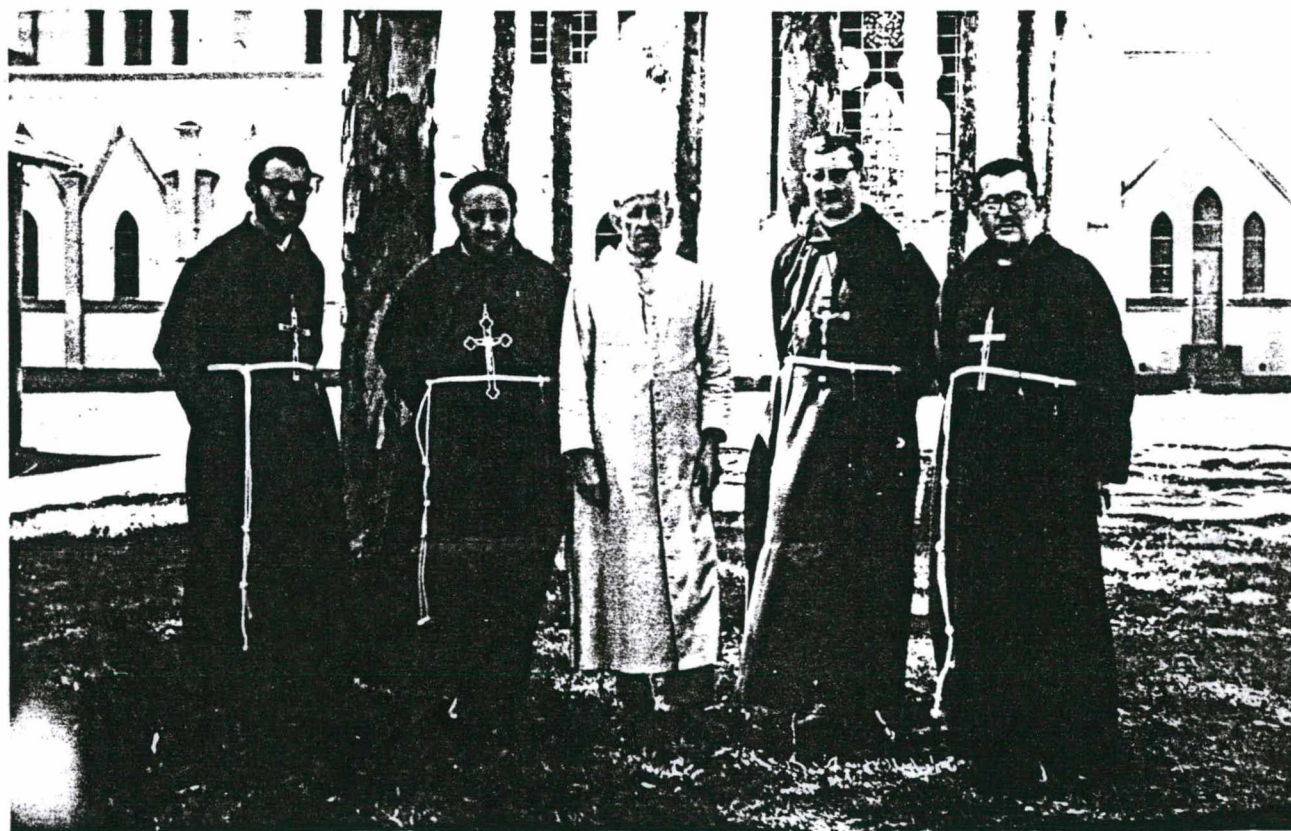


Figura 10.

Padre João Reitz (de branco) com os missionários em Sombrio, provavelmente na década de 50.

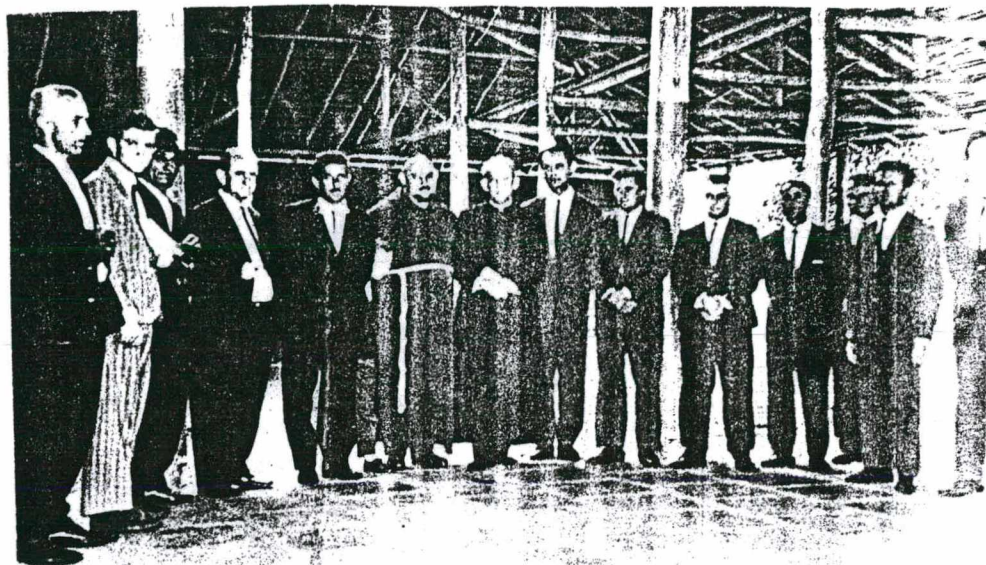


Figura 11.

Padre João com um missionário e alguns paroquianos durante um almoço no galpão de festas. O segundo senhor, à esquerda do missionário, é Santelmo Borba, primeiro prefeito de Sombrio.



Figura 12.

Padre João Reitz (de pé) discursando em um almoço com os missionários.

Com exceção das Santas Missões em março de 1948 e 1949, não existe registro correto das datas de visitas posteriores dos missionários em Sombrio. As fotografias e um aviso paroquial datado de 15-08-1956, que se refere à Lembrança das Missões, comprovam a ocorrência de outras visitas, e ainda mostram a intenção do padre em lhes dar destaque.

4.5 A BOA IMPRENSA

A instauração da imprensa católica foi recomendada pelo Papa Leão XII e pelo Concílio Plenário Latino-Americano. Este tema passou a ser discutido e encaminhado nos congressos católicos brasileiros, do final do século XIX e início do século XX, tendo sido acatado pelos bispos e padres de linha romana. A finalidade da imprensa católica era difundir os ideários do catolicismo e combater setores anticlericais.¹⁹³

O Bispo de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, e os primeiros bispos da Diocese de Santa Catarina, Dom João Becker e Dom Joaquim Domingues de Oliveira, apoiaram a fundação de jornais católicos. Segundo Ana Maria CORREIA, a implantação da imprensa católica fazia-se necessária para enfrentar os jornais de tendência liberal e maçônica, que criticavam a crescente reorganização e expansão da Igreja nos Estados do Paraná e Santa Catarina.¹⁹⁴

Durante a gestão de Dom Joaquim, foram criados vários jornais católicos, tendo destaque “O Apóstolo” de Florianópolis com duração de 30 anos (1929-1939). Alguns periódicos não-religiosos, como “O Dia” do Partido Republicano Catarinense, também defendiam as causas

¹⁹³ SERPA, op. cit. p. 31,157.; CORREIA, op. cit. p. 19.

católicas. Por outro lado, a leitura de jornais como “O Oriente” e “O Clarão”, que faziam ataques constantes à Igreja, foi proibida por Dom Joaquim.¹⁹⁵ Existiam ainda publicações restritas ao clero, como o Boletim Eclesiástico e a Resenha Eclesiástica, trazendo informações referentes aos atos da Santa Sé, da Cúria Diocesana, entre outros assuntos religiosos.¹⁹⁶

Em algumas localidades havia publicações para serem distribuídas aos leigos em nível paroquial. Norberto Dallabrida comenta que o clero franciscano do Médio Vale do Itajaí-Açu produziu folhetos e jornais paroquiais, para divulgar as idéias do catolicismo romanizado.¹⁹⁷ Na paróquia de Sombrio não houve publicações da igreja local; contudo, padre João Reitz induziu os paroquianos a lerem publicações católicas.

A partir de 1938 padre João instaurou na matriz e nas capelas o Dia da Boa Imprensa, assinalado por Cônego Raulino como “*arma formidável para auxiliar a instrução religiosa do povo*”.¹⁹⁸ Neste dia, durante a missa fazia propaganda de jornais e revistas católicos. Aconselhava principalmente a leitura de “O Apóstolo”, “A Folhinha do Sagrado Coração”, “O Domingo” -- um semanário de São Paulo, os “Ecos Marianos de Aparecida” e convidava os fiéis a assinar em algum deles. Logo após a missa, havia uma pessoa encarregada de fazer estas assinaturas. Depois da fundação da biblioteca paroquial no Centro Monsenhor Topp, as assinaturas passaram a ser um

¹⁹⁴ CORREIA, op. cit. p. 21.

¹⁹⁵ Ibid. p. 69-71.

¹⁹⁶ SERPA, op. cit. p. 74.

¹⁹⁷ DALLABRIDA, Norberto. *A sombra do campanário: o catolicismo romanizado na área de imigração italiana no médio-vale do Itajaí-Açu. (1892-1918)*. Dissertação (Mestrado em História) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993. p.128.

¹⁹⁸ RETZ, *Paróquia...* p.34.

serviço suplementar da biblioteca, em que se fazia o controle de todo o movimento de livros e periódicos dos paroquianos.¹⁹⁹

4.6 O CENTRO MONSENHOR TOPP

Na sede da paróquia de Sombrio, padre João Reitz realizou a obra que pretendia instituir no salão da Arquidiocese de Florianópolis: um Centro Social destinado à Ação Católica. A primeira referência a respeito deste Centro aparece no livro de atas da Comissão Construtora da matriz de Sombrio. Na ata da reunião do dia 7 de maio de 1939, existe a transcrição de uma carta da Comissão, endereçada ao Arcebispo Metropolitano Dom Joaquim Domingues de Oliveira, tratando de assuntos sobre as obras da igreja. Em uma passagem do texto, os participantes manifestam um pedido:

(...) Desejamos neste sentido construir simultaneamente com a matriz, ou, ao menos, para ser inaugurado na mesma ocasião por V. Excia. um prédio para fins de ação católica que fosse dedicado a V. Excia. chamando-se "Salão D. Joaquim". Para este fim nos contratos fechados para a aquisição do material bruto já foi previsto o material necessário. Consequentemente, por a comissão querer, desta maneira, perpetuar em nome da paróquia sua gratidão a seu querido Pastor, pedimos autorize, em vez de uma grande sala no próprio edifício da igreja, um outro separado, como acima se disse. Esperamos, que V. Excia. nos atenda neste justo

¹⁹⁹ Os dados sobre a imprensa católica em Sombrio estão em REITZ, *Paróquia...* p. 34-35. Nas Fichas de Cronologia dos Atos da Paróquia de Sombrio com datas: 29-06-1938; 08-09-1940; 24-12-1944. E no Livro de Anotações e Avisos da Paróquia nas datas: 31-10-1950; 13-09-1952; 30-11-1954; 06-11-1956; 25-02-1957.

*desejo, porque, assim pretendemos aumentar o prestígio de nossa santa religião na augusta pessoa de nosso dedicado e bom Pastor. (...)*²⁰⁰

Não foi possível saber se o Arcebispo autorizou a edificação do referido prédio, pois no arquivo da paróquia não existe documento neste sentido, também não houve a construção de um lugar específico para a Ação Católica denominado “Salão Dom Joaquim”. Ocupou-se uma antiga casa de propriedade da igreja, na qual foi instalado um centro de atividades paroquiais. A casa passou a chamar-se “Centro Monsenhor Francisco Topp” em homenagem ao ex-Vigário-Geral do bispado, morto em 1925, por quem padre João Reitz teve grande admiração e respeito.²⁰¹ Estes fatos são indícios de que Dom Joaquim, mais uma vez, eximiu-se de apoiar a instalação de um centro para a Ação Católica. De qualquer forma, diferente do que aconteceu com o Salão Arquidiocesano em Florianópolis, padre João Reitz não deixou de fundá-lo.

Iniciada na Europa por Pio XI, a Ação Católica era um movimento destinado aos leigos. Estes deviam ser uma extensão da hierarquia católica, marcando presença em nome da Igreja em vários setores da sociedade, principalmente entre os operários, camponeses e estudantes. Quando a Ação Católica Brasileira adotou o modelo francês de separação por categorias sociais, nasceram alguns núcleos especializados como: a Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Universitária Católica (JUC), e Juventude Independente Católica (JIC).

Padre João teve contato com essa proposta inovadora de Pio XI, quando estava em Roma. O Centro Monsenhor Topp da paróquia de Sombrio seguia o modelo de Ação Católica italiano e

²⁰⁰ Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio p. 20v.

²⁰¹ Ata da primeira reunião do Centro, transcrita em REITZ, Paróquia... p. 163.

não abrigava os núcleos acima citados. Era um local para reunir os leigos e deixá-los próximos da igreja e da hierarquia católica.²⁰²

As atividades do Centro Monsenhor Topp iniciaram no mesmo ano de 1939. A casa e o terreno localizados nos fundos da construção da matriz sofreram sucessivas reformas. O Centro dividiu-se em 3 seções, subdivididas em vários setores que aos poucos foram sendo instalados.²⁰³ Na Seção Cultural estavam a biblioteca e o museu; a Artística abrigava o teatro, o cinema e o coro Santa Cecília, na Seção desportiva ficava a Praça de Esportes que contava com jogos infantis, ping-pong, bolão, voleibol, basquetebol, futebol e bar.²⁰⁴ Em 14 de novembro de 1945, promoveu-se uma grande festa de inauguração do Centro, pois era considerado uma organização completa com todos os setores planejados, de esporte, cultura e arte, em funcionamento. No decorrer de todo o dia, houve programação com missa, passeata anticomunista, inauguração solene, discurso do pároco, apresentações de canto e teatro.²⁰⁵

Sempre que se concluiu o setor de alguma seção, fazia-se uma festa inaugural com promoções em favor do Centro. Em abril de 1942 inaugurou-se a biblioteca "Jackson de Figueiredo". Na época ela possuía apenas uma sala com um armário e duas mesas. Alguns anos depois passou a ter duas salas, uma para os livros e fichários e outra para o leitor. O acervo iniciou com os 100 livros que estiveram à disposição da Congregação Mariana nas suas primeiras reuniões preparatórias. Depois houve várias doações do pároco e de particulares, incluindo pessoas de fora do município. No mais, as aquisições eram feitas com recursos do Centro e

²⁰² Cf. Helena SALEM "Em 1948 a Ação Católica Brasileira (fundada oficialmente por Dom Leme e pelo episcopado brasileiro em 1935) sofre uma alteração fundamental: abandona o modelo tradicional italiano, de divisão entre os ramos masculino e feminino, e adota o francês, de separação por classe e categorias sociais. Organizada para os leigos, mais diretamente ligada à hierarquia, a ACB vai desempenhar a partir daí um papel da maior importância na renovação da Igreja Católica brasileira." SALEM, Helena. *dos palácios à miséria da periferia*. In: *A Igreja dos oprimidos*. São Paulo: Brasil Debates, 1981. p.21-22.

²⁰³ Fichas... com data: 13-08-1939.

através do Instituto Nacional do Livro. Esta foi uma das primeiras bibliotecas públicas fundadas no sul do Estado.²⁰⁶ Em 1945 o intendente distrital de Sombrio enviou um ofício para o prefeito de Araranguá, comentando que a biblioteca pública do distrito estava em situação de quase igualdade com a da biblioteca Luiz Delfino de Araranguá.²⁰⁷

O museu paroquial, aberto pela primeira vez ao público em 16 de abril de 1944, continha poucos objetos; entre eles estavam a barra de ferro que serviu para chamar a população à missa, antes de ser comprado o primeiro sino para a capela, e uma imagem bicentenária de Bom Jesus de Iguape. No ano de 1942 começou a primeira etapa das obras da Praça de Esportes Cairú; fizeram quadras desportivas para seis modalidades de jogos, um campo de futebol e um bar. Os trabalhos só ficaram totalmente concluídos em 1948.²⁰⁸ Por ocasião da inauguração do Centro, o teatro e o cinema que funcionavam desde os primeiros anos ganharam uma sala com um bom palco, vários cenários e roupas.²⁰⁹

O nome das seções e do próprio Centro lembravam personalidades católicas. Monsenhor Francisco Xavier Topp ocupou vários cargos no Bispado de Florianópolis: Vigário-Geral, secretário-geral, governador, procurador-geral e consultor diocesano. Prestou grandes serviços na estruturação da Diocese de Florianópolis, seguindo diretrizes romanizadoras, deu muito apoio às vocações sacerdotais e incentivou padre João Reitz a frequentar o seminário de São Leopoldo enquanto jovem. O nome do cine-teatro Pio XII era uma homenagem ao Papa, sucessor de Pio XI, elevado a Sumo Pontífice em março de 1939, mesmo ano da fundação do Centro. Também é

²⁰⁴ REITZ, *Paróquia...* p.164.

²⁰⁵ Fichas... com data: 14-10-1945.

²⁰⁶ Fichas... com data: 05-04-1942.

²⁰⁷ Ofício do intendente de Sombrio para o prefeito de Araranguá em 10-07-1945. Livro de registros de Ofícios (1943-1947). Ofício n.2 p. 15. Arquivo da Prefeitura Municipal de Sombrio.

²⁰⁸ Fichas... com datas: 05-08-1942; 16-04-1944.

²⁰⁹ REITZ, *Paróquia...* p.167.

significativo o nome da biblioteca, Jackson de Figueiredo. Este jovem, intelectual católico e fundador do “Centro Dom Vital”, iniciou e difundiu o movimento de Ação Católica através da revista “A Ordem”. A Praça de Esportes chamou-se Cairú para recordar os marinheiros brasileiros mortos no vapor Cairú, afundado por alemães antes de o Brasil entrar na Segunda Guerra. Visconde de Cairú, nome dado ao navio, foi um destacado político e católico do Império.

No aviso paroquial do domingo de 13 de setembro de 1942, padre João falou: “*A Praça de Esportes Cairú é um monumento patriótico que o povo de Sombrio vai erigir para perpetuar a memória dos marinheiros perecidos no vapor Cairú afundado pelos inimigos do Brasil. Quem não der seu auxílio não se mostra solidário com os bons marinheiros que amam sua pátria*”.²¹⁰ Fosse em nome da pátria ou para “*levantar o nível religioso, moral cultural e físico do povo*”²¹¹, os leigos eram convidados a construir e participar do Centro Monsenhor Topp. Os trabalhos de reforma da casa ou de construção da praça geralmente eram feitos por voluntários. A organização geral estava sob a vigilância da Comissão da Igreja, mas para cada seção do centro existia uma diretoria de cinco pessoas responsáveis pela administração e funcionamento de cada setor.

Nesse Centro, aconteciam os festejos de maio das Congregadas Marianas e os festivais de Natal da Catequese. Como se relatou anteriormente, as crianças com assiduidade na doutrina recebiam os cartões catequéticos que serviam de entrada para o matinê infantil do cinema Pio XII. Nas seções de adulto do cine-teatro não eram permitidas cenas obscenas; os filmes nos quais apareciam beijos de algum par romântico sofriam cortes; os ensaios de grupos teatrais locais muitas vezes eram orientados pelo padre. Na seção artística havia ensaio de canto sacro do coro Santa Cecília que se apresentava nas missas e festas. A biblioteca, um local para a cultura e a instrução, continha muitos livros religiosos e, além disto, nela se fazia o serviço de assinaturas e

²¹⁰ Fichas... transcrição do aviso paroquial n. 2.368. de 13-09-1942.

distribuição da imprensa católica; O Museu Paroquial que, segundo Cônego Raulino, “*Lembra aos contemporâneos o trabalho de gerações passadas em favor do progresso*”,²¹² também abrigava muitos objetos religiosos, até mesmo os primeiros paramentos da capela da sede da paróquia.

Nos finais de ano, promoviam-se campeonatos de várias modalidades de jogos na Praça de Esportes Cairú. Incentivava-se os jogadores com a exposição da relação dos nomes dos vencedores em um “Quadro de Honra”. Para estes havia diversos tipos de prêmios: cortes de seda, sapatos de senhoritas, fatiotas de brim, livros, bolas de vôlei, aparelhos de ping-pong, cervejas, gravatas, entre outros. No campeonato de ping-pong de 1946, o segundo colocado levou “uma bela imagem religiosa” e o terceiro “um bom rosário”. Em 1948 o segundo prêmio para os campeões do jogo de bochas foi “uma bela estampa de Santa Terezinha”.²¹³ O bar da Praça de Esportes ficava aberto durante os jogos, nas seções do cine-teatro e nos fins de semana. Para ajudar a manter o Centro, nele se vendiam lanches, frutas e bebidas. O recinto ainda tinha o objetivo de ser educativo, pois seus frequentadores “aprendiam” a comer e principalmente a beber sem excessos.²¹⁴

Os festivais, os campeonatos e as diversas seções e subseções do Centro atraíam paroquianos de todas as idades. Não eram necessariamente atividades religiosas, podiam estar ligadas à cultura, às artes, aos esportes, mas de certa forma faziam alusão à religião católica e controlavam o comportamento das pessoas. Um simples jogo de ping-pong ou uma partida de voleibol era uma atividade desportiva e saudável, sem grandes pretensões. Acontece que sob os olhos do padre, evitavam-se as diversões consideradas imorais. Nos fins de semana, feriados e

²¹¹ Conforme a Ata da primeira reunião do Centro transcrita no livro de REITZ, Paróquia... p. 164.

²¹² REITZ, Paróquia... p. 165.

²¹³ As informações encontram-se na relação da distribuição de prêmios e cartazes dos campeonatos, no Arquivo da Paróquia de Sombrio.

²¹⁴ REITZ, Paróquia... p. 171.

dias santos, quando em geral a população podia dedicar-se ao lazer, o Centro sempre estava aberto.

O senhor Arlindo Rosa, entrevistado pela autora, conta que aos domingos, após a segunda missa da manhã, grande quantidade de pessoas das capelas do interior reuniam-se no Centro com o pessoal da sede.²¹⁵ Durante o carnaval promoviam-se festivais no Centro, para evitar que os paroquianos participassem dos bailes e de “divertimentos menos recomendáveis”. Por ocasião do carnaval de 1942, o vigário falou na missa: *“Procuremos este ano evitar de todos os modos o carnaval grosseiro pagão e imoral. O Centro, com a graça de Deus, proporcionará durante aqueles dias divertimentos honestos a todo o povo. Este movimento moralizador e civilizador já está chamando a atenção do povo. Sobretudo daqueles que valem alguma coisa.”*²¹⁶

Para cuidar do patrimônio do Centro Monsenhor Topp e do comportamento dos frequentadores, existia um grupo de homens voluntários que trabalhavam em sistema de revezamento como zeladores dos jogos ou como “Guardas da Ordem”. Os zeladores tinham como atribuição fiscalizar e zelar pelos jogos e material esportivo; os guardas tinham como encargo zelar pela boa ordem do Centro nos dias em que estivesse aberto.²¹⁷ No Regimento Interno do Centro, na parte referente aos guardas, alguns itens demonstram que o Centro era um local onde se procurava observar a disciplina:

7. Não permitir que pessoas sem educação se assentem nas mesas, ou em outros lugares impróprios.

8. Ninguém deve encostar-se às paredes, impedir o trânsito, etc.

²¹⁵ ROSA, Arlindo Edílio. Entrevista concedida à autora em 15/05/1996.

²¹⁶ Fichas... com data: 13-08-1939. Transcrição do aviso paroquial n. 1.856.

²¹⁷ Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio. p. 40-42v.

9. Por razão nenhuma tolerar que se escarre no soalho, (pavimento) ou calçadas; da mesma forma que se joguem papéis, cascas, pontas de cigarros, no chão.

10. É severamente proibido escrever nas mesas, riscar as paredes, portas etc.

11. Não tolerar palavras, gestos atitudes ou conversas inconvenientes.

12. Quando chamado pelo servente dos jogos ou por outra pessoa, atender imediatamente e resolver o caso.

13. Quando surgir alguma discussão, rixa, procurar atender imediatamente para acalmar os ânimos. Talvez avisar o Diretor, quando achar preciso.

14. Tomar notas dos desordeiros, quando crianças, avisar os pais para que aos poucos todos possam freqüentar a sociedade.

15. Ao terminar o serviço ou mesmo antes, si preciso, certificar o Diretor do Centro de certas ocorrências de maior importância.²¹⁸

No Livro da Paróquia, Cônego Raulino afirma que o Centro Monsenhor Topp é uma instituição que “obedece os requisitos civilizadores: instrução, diversão sadia e moralidade.”²¹⁹ Ora, o catolicismo romanizado insiste no combate da ignorância, da superstição, no controle dos costumes; oferecer instrução religiosa, cultura, divertimentos moralizados significava, pois, civilizar. Portanto, o Centro Monsenhor Topp representava a síntese do trabalho pastoral de padre João Reitz -- local onde se desenvolviam os requisitos civilizadores, de que fala Cônego Raulino, e centro de Ação Católica, não para abrigar grupos como o JOC, JAC, JUC e outros, mas como ponto de atração e de participação dos leigos.

²¹⁸ Regimento Interno do Centro. Arquivo da Paróquia de Sombrio.

²¹⁹ REITZ, *Paróquia...* p.162.

Dom Joaquim acreditava que a Ação Católica ameaçava a hierarquia e a autoridade diocesana;²²⁰ Padre João, ao contrário, apostou neste movimento apregoado por Pio XI e não perdeu sua autoridade e muito menos o controle dos paroquianos que freqüentavam o Centro. Ele controlava as associações religiosas, o Centro Monsenhor Topp, os cursos de religião para as catequistas, os conselhos de fábricas das capelas e, por extensão, os cultos e várias atividades da paróquia, não descuidando também da área da saúde e da educação.

4.7 AS ESCOLAS

Padre José Artulino BESEN lembra que Dom Joaquim via a instrução como um meio indispensável para os interesses da fé.²²¹ A alfabetização possibilitava aos fiéis estudar o catecismo e ler a imprensa católica. A escola com base religiosa fornecia a educação e os preceitos morais, por isso a Igreja investiu na área educacional. Padre João Reitz também preocupou-se com a educação de seus paroquianos.

O analfabetismo grassava na paróquia de Sombrio nos primeiros anos. As escolas públicas praticamente inexistiam. Em setembro de 1939, padre João fundou um curso noturno de alfabetização na sede da paróquia, para as pessoas com mais de 14 anos, e divulgou-o através de avisos paroquiais nas missas. Deixou as matrículas a cargo do secretário da seção cultural do Centro Monsenhor Topp, Francisco Ferreira. Pediu autorização ao Departamento Estadual de Educação para aprovar o contrato dos professores Nicomendes Pereira e Nilza Pereira para lecionarem no curso até o final do ano. Em 1940 houve atraso da licença do Departamento

²²⁰ BESEN, José Artulino. Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Florianópolis: IOESC, 1979. p. 56.

Estadual de Educação e a escola noturna voltou a funcionar somente em 1941, no Centro Monsenhor Topp. Contratou-se também um ex-seminarista para trabalhar como professor e prestar serviços na paróquia, mas ele não satisfaz às expectativas.²²²

Ainda em agosto de 1941, padre João fundou a Sociedade Escolar de Sombrio, visando à construção de um prédio apropriado para a escola da sede. O inspetor das escolas rurais aprovou a formação da Sociedade Escolar que teve o padre como presidente. Os seus membros organizaram um estatuto e alistaram vários sócios que contribuíam com o pagamento de mensalidades e promoção de eventos para a arrecadação de fundos. De início realizaram no Centro Monsenhor Topp um bazar com banda de música em favor da nova entidade.²²³ Além disso, receberam do Ipiranga Futebol Clube a doação de um prédio de sua antiga sede, pois, no período, o clube sombriense havia sido extinto. Por algum tempo funcionou uma escola neste estabelecimento doado.²²⁴

Concomitantemente, a diretoria da Sociedade Escolar engajou-se para conseguir um colégio estadual na sede da vila de Sombrio. Com a venda do prédio doado, com o dinheiro da mensalidade dos sócios e a ajuda da população comprou-se um terreno de 10.000 m². No local, o Estado construiu o Grupo Escolar Catulo da Paixão Cearense, cujas obras iniciaram em 1947. As negociações do padre João Reitz com o Governo Estadual foram essenciais no processo de criação deste Grupo Escolar.²²⁵ No interior, o pároco cuidou de criar escolas para várias comunidades, muitas das quais funcionaram em uma etapa inicial dentro das capelas.²²⁶

²²¹ Ibid. p. 60.

²²² Fichas... com datas: 03-09-1939; 17-02-1941.

²²³ Fichas... com data: 03-08-1941.

²²⁴ PEREIRA, Juventino J. *Sombrio: sua origem, seu povo e tradições*. Canoas: La Salle, 1972. p. 81.

²²⁵ REITZ, Paróquia... p. 175-176.; Ofício da Diretoria do Grupo Escolar de Sombrio para o Interventor Federal Nereu Ramos. 04-12-1944. Ofícios D. PG. jan/dez. 1944. p. 371; Mensagem do Governador em exercício, José

Um outro projeto de padre João na área educacional era instalar um colégio de uma congregação religiosa feminina na vila de Sombrio. Em junho de 1945 a Comissão Construtora da Matriz já tratava da “futura vinda de irmãs de caridade” para a sede paroquial. A Comissão falava das vantagens a serem oferecidas para garantir a permanência das irmãs em Sombrio. Uma casa com terreno para se estabelecerem inicialmente, uma área com cerca de 6.000 m² para a sede definitiva, a concessão dos bens do hospital para o domínio das irmãs eram alguns dos itens oferecidos.²²⁷ Somente 11 anos depois, em 1956, fixou-se em Sombrio a Congregação das Irmãs Sacramentinas de Bérgamo, Itália. Na casa paroquial, instalaram-se a moradia, o jardim de infância e a escola profissional das irmãs.

Em 1963 começaram a edificar o Instituto Educacional Madre Eliza Savoldi, contando com a ajuda da comunidade. Padre João fez campanha financeira e arrecadou materiais para as obras da escola.²²⁸ Na visita pastoral de abril de 1964, o Bispo de Tubarão referiu-se ao edifício das Irmãs Sacramentinas como uma *“construção imponente, a melhor da cidade”*.²²⁹ O Instituto Educacional ficou totalmente concluído em 1968, mas já funcionava antes, oferecendo um ensino confessional e com pedagogia européia. No colégio continuou o jardim de infância, fundou-se a escola de 1^o e 2^o graus, o curso de datilografia, aulas de doutrina para a 1^a Comunhão e Crisma, curso de trabalhos manuais, supletivo de 1^o grau, entre outras atividades que foram implantadas gradualmente.

Boabaid, à Assembléia Legislativa. 14-04-1949. p.65.; mensagem do Governador Irineu Bornhausen à Assembléia Legislativa. 15-03-1952. p. 85. Arquivo Público do Estado (S C)

²²⁶ RETTZ, Alto... p.540.

²²⁷ Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio p. 49v.-50v.

²²⁸ PEREIRA, op. cit. p. 83.; Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio. p. 90-91v.

²²⁹ Livro Tombo da Paróquia de Sombrio. p. 7-8.

Ao contrário do Instituto Educacional das irmãs, o Grupo Escolar é uma escola pública, gratuita e aconfessional. Padre João, contudo, esteve atento ao ensino religioso e fazendo uso da Constituição de 1934 que assegurava o ensino facultativo da matéria, insistiu para que nas escolas públicas da paróquia fossem ministradas aulas de religião.²³⁰ Na visita pastoral de 1958, o Bispo de Tubarão sugeriu que se concedesse a direção do ensino primário do Grupo Escolar às Irmãs Sacramentinas, pois elas ofereceriam *“uma educação mais séria e completa aos estudantes”*.²³¹ Para o Episcopado e o clero católicos ensino e religião não podiam estar dissociados. Com o intuito de pôr a educação a serviço da fé, padre João Reitz ajudou a semear escolas na paróquia de Sombrio, favorecendo várias gerações e contribuindo para erradicar o analfabetismo.

Todavia, em 1940, um ano depois da criação do curso de alfabetização no Centro Monsenhor Topp, padre João entra em contato com o Departamento Estadual de Educação para evitar o registro de uma escola na Igreja Episcopalina de Praia Grande, localidade do território da paróquia de Sombrio, cujo professor era o próprio pastor.²³² Padre João nunca tolerou a presença desta igreja acatólica na paróquia, e o fato de ter tentado impedir o funcionamento desta escola é um sinal de que para ele os interesses do catolicismo estavam acima dos da instrução.

4.8 O HOSPITAL DOM JOAQUIM

A edificação de um hospital na sede da paróquia de Sombrio veio somar-se a mais uma das iniciativas de padre João Reitz. O projeto iniciou já nos primeiros anos da década de 40.

²³⁰ Fichas... com data: 04-10-1942.

²³¹ Livro Tombo da Paróquia de Sombrio, p. 5-6.

²³² Fichas... com data: 03-09-1939.

Promoveram-se várias atividades em favor do hospital com festivais de teatro no Centro Monsenhor Topp, venda de ações por toda a paróquia e doações de material para a construção.²³³

Em 5 de junho de 1943, o Interventor Federal do Estado de Santa Catarina, Nereu Ramos, visitou a vila de Sombrio em companhia do prefeito de Araranguá. Na ocasião da visita, houve uma recepção com grande número de pessoas e o Interventor presidiu a cerimônia de lançamento da pedra fundamental do hospital, organizada pelo pároco.²³⁴

Embora as campanhas pró-hospital tivessem dado bons rendimentos, os trabalhos não seguiram com a mesma rapidez do início das obras. Uma correspondência, com data de 27 de novembro de 1942, do senhor Osvaldo Augusto de Ataíde ao padre João Reitz, deixa pistas sobre o destino de parte do dinheiro do hospital. O senhor Osvaldo de Ataíde, Coletor Estadual, estava em Florianópolis tratando de diversos assuntos da paróquia e da vila de Sombrio. Um trecho da carta diz o seguinte:

Nesse momento vim da casa Hoepcke, onde fui tratar do dinheiro que o Dr. Décio alegou ter ficado em depósito como crédito do "Hospital Colonial de Sombrio". Conforme ficou combinado entre nós em reunião o Dr. Décio me entregaria o recibo do referido depósito, na véspera que saí de Sombrio, ele esteve lá em casa me avisando que tinha sido extraviado o referido recibo, e, para evitar de eu não trazer comigo uma ordem, tomei a liberdade e fiz uma carta firmada pelo Décio autorizando-me a comprar o cimento, e no caso de não ter no Hoepcke a firma poderia me entregar aquela importância que montava em CR\$ 2.500,000. O Hoepcke vai escrever uma carta ao Dr. Décio dizendo que a firma até esta data não teve dinheiro em depósito a favor do referido Hospital. Em telegrama recebido na data enviado pelo Dr. Décio diz o seguinte:

²³³ Fichas... com datas: 21-12-1941; 19-07-1942; 30-08-1942; 06-09-1942.

²³⁴ Diário Oficial do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 06-05-1943. n. 2493. Ano X. p. 3.

"Hoepcke devolveu dinheiro informe ha ou não cimento afim providenciar P. Alegre, sigo aí próxima semana" ass. Botini." pelo exposto em linhas geraes vê-se que tudo estava se tramando conforme eu pressentia. Assim estou com a minha missão cumprida e esclarecido m/ suspeitas.²³⁵

Diante desse relato, faz-se necessário esclarecer que Dr. Décio Bottini, o primeiro médico de Sombrio, fixou-se na vila em dezembro de 1941, recém-formado em medicina, a convite de padre João Reitz. Como o pároco não via com bons olhos o fato de os paroquianos sombrienses serem atendidos somente por farmacêuticos e curandeiros, conseguiu que o filho de seu íntimo amigo Dr. Antônio Bottini, professor da Faculdade de Medicina em Porto Alegre, trabalhasse na paróquia. Dr. Antônio Bottini já havia recebido até uma homenagem em Sombrio, uma rua da vila com o seu nome. No entanto, seu filho Décio, conforme a carta anteriormente citada, teria tentado apropriar-se do dinheiro do hospital. Este fato não foi divulgado à população, provavelmente porque padre João temia que ele abalasse a credibilidade da campanha pró-hospital, e as pessoas deixassem de contribuir para com ela.

Cônego Raulino no seu livro "Frutos da Imigração", de 1963, fala sobre o hospital de Sombrio:

Em 1942 o Dr. Décio Bottini fundou o primeiro hospital de Sombrio denominado Hospital Colonial. Infelizmente durou poucos meses, fechando suas portas com a retirada do médico. Funcionava em prédio alugado. A idéia porém ficou. Em 1950, oito anos depois, o R. Cônego João organizou nova comissão que desde então regeu os destinos do novo Hospital de Caridade Dom Joaquim. Em 1953 começaram as

²³⁵ ATAIDE, Osvaldo Augusto de. - Carta, Florianópolis, 27 de novembro de 1942 - a padre João Reitz. Arquivo Pessoal de padre João Reitz.

*obras. Pouco tempo depois achava-se concluída a primeira parte, de modo que poudes abrir suas portas no ano seguinte (...).*²³⁶

As consultas realizadas aos arquivos revelam que, de fato, os documentos da paróquia só fazem novamente menção ao hospital em 31 de julho de 1949. A Comissão Construtora da Matriz no seu livro de atas fala da realização de um bazar e de um festival. Nomeou-se nas localidades de cada capela um representante dos interesses do hospital e dos moradores da zona. Decidiu-se ainda que o hospital seria dirigido por uma diretoria independente, mas composta também por pessoas da Comissão da Igreja,²³⁷ e sua direção foi entregue em 1965 para as Irmãs Sacramentinas.²³⁸ Em 1977 o padre entregou esta direção a uma outra congregação religiosa, doou-se, então, o patrimônio do hospital às Irmãs Beneditinas da Divina Providência e elas passaram a administrá-lo.²³⁹

O hospital de Sombrio chama-se “Hospital de Caridade Dom Joaquim” em homenagem ao Arcebispo Metropolitano. A Comissão Construtora da Igreja aprovou este nome na reunião de 31 de julho de 1949. É bem provável que a sugestão tenha partido de padre João Reitz, pois ele teve a intenção de fazer esta homenagem, quando fundou o Centro para a Ação Católica. Como não pôde contar com o apoio de Dom Joaquim, o Centro chamou-se Monsenhor Topp. Desde que foi exonerado do cargo de Cura da Catedral e transferido para o sul, padre João sempre esteve em contato com a Arquidiocese. Anualmente participava de retiros para o clero em Florianópolis e continuou cultivando respeito pelo Arcebispo. Em contrapartida foi nomeado Pároco Consultor do Arcebispado em 1939, e recebeu o título de Cônego Catedrático de Cabido Metropolitano de Florianópolis em maio de 1949.

²³⁶ REITZ, Raulino. *Frutos da imigração*. [Blumenau]: Tipografia Blumenauense, 1963. p. 83.

²³⁷ Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio. p. 70-70-v.

²³⁸ REITZ, João Adão - Carta, Sombrio, 8 de janeiro de 1965 - à Oníria. Acervo do Museu Municipal de Sombrio.

²³⁹ REITZ, *Alto...* p. 535.

Ademais, no ano de 1943, Dom Joaquim realizou visita Pastoral na paróquia de Sombrio e demonstrou contentamento com os trabalhos do pároco, deixando elogios e agradecimentos registrados no Livro Tombo. Entretanto, parece que padre João Reitz guardava um certo ressentimento acerca dos desentendimentos com Dom Joaquim, no período em que foi Cura da Catedral. Homenagear o Arcebispo com uma obra tão importante como um hospital, realizada por sua iniciativa, poderia ser mais uma forma de padre João ganhar reconhecimento dos bons resultados do seu trabalho pastoral, em Sombrio, por parte de Dom Joaquim.

Entretanto, como assinalou Cônego Raulino, padre João Reitz teve problema de relacionamento não só com o Arcebispo em Florianópolis, mas também na paróquia de Sombrio onde declarou algumas guerras.

4.9 GUERRA AOS BAILES E OUTRAS GUERRAS

Padre João Reitz declarou verdadeira guerra aos bailes na paróquia de Sombrio. Certamente desde criança ele já ouvira seu pai falar contra os bailes e continuou ouvindo o mesmo discurso no seminário. Como foi assinalado no primeiro capítulo deste trabalho, Nicolau Reitz costumava dizer aos filhos que *“no assoalho da casa em que se dançava era chão do baile infernal dos demônios”*.²⁴⁰ A moral religiosa do catolicismo de imigração bem como a do catolicismo romanizado condenavam diversões com danças, porque estas eram consideradas indecentes.

²⁴⁰ Cf. REITZ, Frutos da imigração. [Blumenau] : Tipografia Blumenauense, 1963.p.47.

Por sua vez na área da paróquia de Sombrio, largamente povoada por luso-brasileiros, os bailes eram extremamente comuns. Era costume dos moradores promoverem bailes nas suas casas antes de terminarem de construí-las, quando ainda não tinham as divisões internas e assemelhavam-se a um salão. Muitas vezes com o dinheiro arrecadado faziam as divisões e concluíam a moradia. Já no provimento de visita pastoral de 1925, da paróquia de Araranguá, o visitador diocesano Frei Silvestre Deusterhaus anota, indignado, a realização de muitas festas com danças em diversas localidades das capelas. No diário de Bernadino de Senna Campos,²⁴¹ um telegrafista de Araranguá que viveu entre 1873 e a década de 30 do século XX, aparecem fotografias de um baile de carnaval em 1922. Ele ainda menciona a promoção de vários bailes na sua casa e em outras da região araranguaense.

Padre João, todavia, não se conformou com tanta dança. No caderno de avisos paroquiais escrevia: “Guerra aos Bailes” cada vez que pretendia referir-se ao assunto. Em fevereiro de 1938, antes da quaresma, avisou na missa: *“A santa quaresma começa a meia noite da terça para a quarta feira. Naquela hora deverão ser terminados todos os folguedos carnavalescos. Durante a quaresma não se toleram bailes e quaisquer outros folguedos em clubes. É, pelo contrário, tempo destinado a compreensão e à penitência”*.²⁴² Na véspera da Páscoa de 1939 falou aos fiéis na hora dos avisos: *“É preciso não esquecer-se que nesta tarde, não pôde haver baile. Seria isto bailar sobre a sepultura de Nosso Senhor morto. Tal profanação nem deve passar pela idéia de um cristão. Portanto, sejam tidos por péssimos cristãos e inimigos da religião todos aqueles donos de casas que as cedem nos Sábados de Aleluia para os bailes”*.²⁴³

²⁴¹ DALL’ALBA, João Leonir (org.) Memórias do Araranguá. (diários de Bernadino de Senna Campos). Florianópolis : Lunardelli, 1987.

²⁴² Fichas... com data: 27-02-1938. Transcrição do aviso paroquial n. 64.

²⁴³ Fichas... com data: 09-4-1939. transcrição do aviso paroquial n. 473.

Não foi somente durante a quaresma que padre João se opôs às danças; manifestava-se contra os bailes em qualquer época do ano e para evitá-los, usou algumas estratégias. As atividades do Centro Monsenhor Topp juntamente com a promoção de diversos festivais de música, teatro e cinema atraíam um grande número de paroquianos, principalmente os jovens, e os afastavam dos bailes. Padre João deixou de realizar casamentos aos sábados, para impedir que se organizassem bailes após a cerimônia. Além disso, constantemente alertava aos fiéis, nos avisos paroquiais, que os bailes eram pecaminosos; procurava proibir aos membros das associações religiosas e às catequistas de dançarem. Estas estratégias tiveram uma certa eficácia. Conforme uma observação de Evado PAULI, em 1948: *“Os bailes eram uma verdadeira praga em Sombrio. Hoje [1948] já tem diminuído. Qualquer festa, mesmo aos sábados e as visitas as capelas eram aproveitadas para este gênero de folguedos. Na forma em que eram realizados o baile em Sombrio, ele era indecente”*.²⁴⁴

Alguns registros do ano de 1950, no caderno de avisos paroquiais das capelas, exemplificam como o padre persuadia os fiéis a se afastarem dos bailes:

Diz São João Crisóstomo “Se durante a noite resplandescem no céu tantas estrelas como pecados mortais que se cometem nos bailes a noite escura se converteria em o dia mais claro”.

São Pedro Crisólogo diz textualmente o seguinte: o demônio preside os bailes e nele só se apresentam os que o coração impuro.

Santo Agostinho antes de sua conversão viu bem o que são os bailes e assim se expressa: “O salão de dança é a caverna infame do diabo”.

Diz um sacerdote que escreveu um bellissimo livro para moças que não é dansando que se vai ao céu.

Santo Ambrósio chama de loucos os que dansam dizendo que o céu não foi feito para os doidos e que a santidade não tem nada haver com o carnaval.

²⁴⁴ Fichas... com data: 27-02-1948.

Diz a Bíblia Sagrada, os filhos dos homens gostam de dançar para se alegrarem ao som dos tamborins, enquanto se entregam aos transportes de sua alegria e descem ao inferno.

Numa celebre igreja da Europa encontra-se esculpida a degolação de São João Batista, vendo-se de um lado Salome que dança e de outro satanaz (tocando) violino.²⁴⁵

Citando passagens bíblicas, falas de santos e de sacerdotes, referindo-se a obras de artes sacras, padre João mostrava, de forma figurada, que os bailes estavam ligados ao mal e ao demônio, por isso induziam ao pecado, impedindo a salvação e a conquista do céu. Para impedir os “indecentes” bailes, ele incutia o medo do inferno nos paroquianos e outras vezes falava diretamente aos que considerava responsáveis terrestres, como neste aviso paroquial: “Os empresários de bailes são responsáveis pela degradação dos costumes que se apoderam da maior parte da mocidade da nossa zona. Os pais devem ser os primeiros a detestá-los e varrê-los da face da terra.”²⁴⁶

Entretanto, toda guerra pressupõe conflitos e resistências. Um caso com um dono de salão de bailes foi relatado por Cônego Raulino. Ele conta que um morador de Sombrio, o senhor Martim Jorge Fernandes, nascido no Uruguai, era proprietário do salão de bailes e do café locais e sentia-se prejudicado, porque perdia sua freguesia para o Centro Monsenhor Topp. Segundo Cônego Raulino, o senhor Martim argumentava que “as Filhas de Maria proibidas de participar do forró domingueiro não eram monjas e queria atraí-las a seu salão”. Em 1944 durante uma procissão do Corpo de Deus, ele desentendeu-se com o vigário, por isso forjou um abaixo-assinado, pedindo a

²⁴⁵ Livro de Anotações e Avisos Paroquiais com datas: 23-04-1950; 23-07-1950; 30-07-1950; 06-08-1950; 13-08-1950; 15-08-1950; 20-08-1950.

²⁴⁶ Livro de Anotações e Avisos Paroquiais com data: 30-04-1950.

remoção de padre João Reitz e o enviou ao Arcebispo. A Comissão da Igreja passou, então, a fazer uma campanha em favor do vigário.²⁴⁷

Sobre esse fato cônego Raulino acrescenta: *“Os ânimos em Sombrio foram-se radicalizando, tanto que as autoridades políticas e policiais da capital enviaram o delegado especial de Criciúma para ouvir os representantes de ambos os lados. Na reunião do dia 4 de março de 1945, travou-se uma polêmica enervante entre Martim Jorge Fernandes e o vigário. O delegado necessitava informações para relatar à segurança pública, em Florianópolis, felizmente não houve arranhões. Só palavras ásperas”.*²⁴⁸

Em uma pasta do arquivo pessoal de padre João Reitz, a qual se encontra no acervo da Mitra Metropolitana de Florianópolis, existem escritos referentes a este caso, indicando que o padre e alguns paroquianos ligados à Igreja movimentaram-se para que o pedido do senhor Martim ao Arcebispado não fosse acatado. Há vários telegramas das associações, do Apostolado da sede e das capelas que contêm o mesmo texto e manifestam apoio ao padre João Reitz. Panfletos organizados pela Comissão da Igreja Matriz relatam as benfeitorias do padre na paróquia e fazem protesto contra a sua transferência. Documentos do senhor Martim Fernandes, certidão de nascimento e outras informações, foram conseguidos por padre João através da Arquidiocese de Montevidéu. De outra parte, uma carta do Arcebispo informa que o caso com o senhor Martim já estava resolvido e não era necessário insistir no assunto, mas nela não está claro como Dom Joaquim resolveu o assunto. Também aqui não se tem a pretensão de julgar os fatos ocorridos no caso relatado, mas apenas registrar a presença de conflitos.

É provável que tenham acontecido outras intrigas de menores proporções entre o pároco e os proprietários de casa de danças, pois, conforme o senhor Arlindo Rosa, por um bom tempo

²⁴⁷ REITZ, *Alto...* p. 532.

padre João acabou com os salões de bailes em Sombrio. Mesmo assim, as pessoas faziam bailes nas casas. Senhor Arlindo, quando jovem, era associado a Congregação Mariana para moços e lembra que em uma certa ocasião foram a um baile realizado em uma casa de família. Ao saber deste fato, padre João expulsou três dos congregados e a punição para senhor Arlindo foi não receber a condecoração com uma fita mais larga que dava distinção aos associados.²⁴⁹

Também uma moça da Congregação Mariana, residente na comunidade da capela de Vista Alegre, remeteu uma carta ao padre, pedindo autorização para fazer um baile:

Salve Maria!

Venho por meio desta, pedir-lhe um grande favor e ao mesmo tempo um ajutorio para conceder licença para fazer um baile na casa desta escola em benefício da mesma. Caso Vossa Exelência der licença, pesso uma ordem por escrita, para depois eu combinar com os fabriqueiros desta Igreja.

Esperando ser atendida neste favor desde já fico-lhe muitíssima agradecida.

Sua serva lhe beija as mãos muito respeitosamente.

Afilha de Maria e professora de Vista Alegre

Iracema de Aguiar.²⁵⁰

Pode-se notar que mesmo alguns membros das associações religiosas, os quais tinham o dever de mostrar um comportamento exemplar, não acatavam as orientações do padre no sentido

²⁴⁸ REITZ, *Alto...* p. 532.

²⁴⁹ ROSA, Arlindo Edílio. Entrevista concedida à autora em 15-05-1996.

²⁵⁰ AGUIAR, Iracema. - Carta, Vista Alegre-Sombrio, 07-05-1946 - a padre João Reitz. Arquivo pessoal de padre João Reitz.

de não freqüentar bailes ou promovê-los. Além disso, de acordo com dona Ceny Rosa, vários moradores da paróquia de Sombrio *"falavam que padre João não gostava de bailes porque era alemão"*.²⁵¹ É difícil precisar se estas falas eram restritas aos luso-brasileiros, entretanto, quando o padre contrariava um costume local, evidenciava-se o preconceito étnico.

Durante a infância, padre João viveu num ambiente onde predominava a cultura teuto-brasileira. Em casa recebeu uma educação religiosa calcada no catolicismo tridentino europeu, a qual teve continuidade no seminário e no curso de Teologia. Sua formação entrou em conflito com muitas práticas religiosas ou profanas da paróquia de Sombrio. Padre João era contra os curandeiros e para substituí-los procurou conseguir um médico para atender os paroquianos. Combateu manifestações que considerava supersticiosas tais como: fazer simpatia com velas bentas, queimar ramos bentos durante uma trovoada, não andar a cavalo na sexta-feira santa, não fazer casamento no mês de agosto.²⁵² Cônego Raulino até mesmo publicou no Livro da Paróquia uma lista destas "crendices religiosas" que, para ele, aconteciam por falta de instrução em matéria de religião. Descreveu, ainda, dois costumes da região:

Coberta de Alma - Entre a população luso-brasileira existe o costume de dar um traje completo a algum pobre, por ocasião de algum falecimento na família. É um ato bom, mas não necessário. Não tem dúvida que um tal ato de caridade, feito em sufrágio da alma do falecido será aceito por Deus.

Mas se alguém supersticiosamente acha que a alma não sai do purgatório sem ter dado a "coberta da alma" está errado. Maior abuso é adiar a missa pelo falecido, quando ainda não pode aprontar o traje.

²⁵¹ ROSA, Ceny Souza da. Entrevista concedida à autora em 15-05-1996.

²⁵² REITZ, *Paróquia...* p. 35.

Mesa dos Inocentes - Em certas famílias, para se alcançar uma graça, há o costume de fazer a promessa de preparar uma mesada de doces e café para as crianças. Convida-se então a petizada, que se servem, num ambiente de contentamento, dos manjares servidos. A moral cristã não condena este costume por ser um ato de caridade.²⁵³

Padre João desprezava as superstições ineficazes e orientava a população. Ensinava por exemplo que “pelo descanso da alma o que se faz é rezar e pedir missa”.²⁵⁴ Também repudiava as religiões e as manifestações religiosas acatólicas. Na localidade da capela de Praia Grande, por volta do ano de 1920, fundou-se a Igreja Episcopalina. Sobre esta Igreja Cônego Raulino pondera: “O ambiente em Praia Grande era favorável à introdução da seita da Igreja Episcopalina Brasileira. Afastada cerca de 80 kms. da sede paroquial (então era Araranguá) recebia só anualmente a visita do vigário, por ocasião da festa, ou raramente duas vezes”.²⁵⁵ Depois que assumiu a paróquia de Sombrio, padre João não conseguiu extinguir esta Igreja, todavia permaneceu intolerante com os episcopalininos.

Quanto ao espiritismo insuflado na paróquia, o padre alertava os fiéis, nos avisos paroquiais, para as penalidades eclesiásticas e até civis a que estavam sujeitos os espíritas.²⁵⁶ No início de 1945, Evaldo PAULI anotou: “Centros espíritas organizados não há. Existem ‘benzedores’ e ‘benzedoras’, mas que se digam espíritas, com ligação com o espiritismo de fora são poucos. Assim temos um ou outro elemento em Sombrio e Santa Rosa, na proximidade. São abundantes e se substituem. Mas o nosso povo que é ignorante e cuja recuperação religiosa se processa aos poucos, acredita facilmente em cousas desse teor”.²⁵⁷ Ainda no provimento de visita pastoral de 1958, o bispo assinalou que a capela da comunidade de Guarita fora construída “com o fim de banir o perigo protestante”.²⁵⁸

²⁵³ Ibid. p. 36.

²⁵⁴ Fichas... com data: 12-03-1939.

²⁵⁵ REITZ, *Paróquia*... p.88.

²⁵⁶ Fichas... com datas: 12-03-1939-; 18-02-1945.

²⁵⁷ Fichas... com data: 18-02-1945.

²⁵⁸ Livro Tombo da Paróquia de Sombrio. p. 5-6.

Para os agentes da Igreja Católica romanizada, a frequência a curandeiros, a participação em religiões acatólicas, as “crendices” e “superstições” somente aconteciam por ignorância em matéria de religião. O remédio para este mal era preciso: a instrução religiosa. Por isso a necessidade das aulas de Catequese, da imprensa católica, do ensino confessional, das visitas dos missionários, das associações religiosas e outras instituições fundadas e promovidas por padre João na paróquia de Sombrio, assim como por outros membros do clero que trabalhavam com uma pastoral de orientação romana e tridentina.

4.10 A CONSTRUÇÃO DA IGREJA MATRIZ

Os primeiros fabriqueiros da Igreja Santo Antônio de Sombrio em 1934 já tinham a intenção de substituir o prédio da capela por outro maior.²⁵⁹ Depois que padre João Reitz passou a ser o pároco de Sombrio, ele retomou esta idéia com muito mais impulso. O conselho de Fábrica da Capela foi substituído por outro, passando a denominar-se Comissão Construtora da Matriz, e introduziu ainda um novo livro de atas para as reuniões a serem realizadas. Alguns fabriqueiros continuaram trabalhando na nova Comissão. Padre João ficou como diretor e formou subcomissões nas capelas do interior; em muitas delas os membros eram os mesmos da diretoria do Apostolado, envolvendo toda a paróquia com a construção.²⁶⁰

Por sua vez o projeto da nova matriz era bastante arrojado para a vila de Sombrio. Comparando-se com a pequena capela de 66m², um templo de 45,05 m de comprimento, 19,40 de

²⁵⁹ Ata da reunião dos fabriqueiros da Igreja de Santo Antônio de Sombrio em 23 de dezembro de 1934. Livro de Atas Relativas a Igreja de Santo Antônio e à Construção da Casa Canônica. p. 25.

²⁶⁰ Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio.

largura das 3 naves, 26,06 m a largura do cruzeiro, 18 m de altura interna e 45 m de altura da torre parecia suntuoso.²⁶¹ Na época muitos paroquianos acreditavam que era impossível construí-lo, provavelmente porque grande parte da população era pobre. O esboço da planta da matriz enviado pela Cúria foi retocado e modificado pelo arquiteto Simão Gramlichh, ficando a planta totalmente concluída em 1941.²⁶² Padre João escolheu o estilo gótico para o templo, pois este, teria maior expressão em uma planície como Sombrio. Diga-se, a propósito, que com a romanização muitas igrejas no Brasil foram substituídas por templos de arquitetura gótica, estilo importado da Europa.

Durante os trabalhos preliminares, mudou-se ainda a localização para edificar a matriz. Na primeira reunião da Comissão da Igreja, em abril de 1938, padre João argumentou que a capela estava acantonada entre o rio da Lage e o banhado dificultando as novas obras, e, além disso, em pouco tempo, a igreja ficaria situada completamente fora do centro. Propôs construir-se o novo templo no terreno da mitra a uns 150 metros da capela. A Comissão visitou o local e aprovou a proposta por unanimidade. Antes disso, padre João havia feito comentários sobre o decreto-lei que estabelecia um prazo às prefeituras para fornecerem os mapas dos perímetros e subperímetros, e delineamento interno das sedes dos municípios e distritos.

Padre João Mostrava-se preocupado, porque no delineamento de Sombrio não convinha que fosse preterida a matriz. Ao contrário, ela deveria servir de base para a futura configuração do lugar e merecia um local de destaque entre os demais edifícios, por isso não deviam esperar muito para escolher o terreno da nova igreja.²⁶³ Posteriormente o próprio padre João tomou a iniciativa de fazer o projeto de arruamento da vila de Sombrio, cujo traçado das ruas projetado pelo Vigário

²⁶¹ REITZ, *Alto...* p. 528.

²⁶² Fichas ... com datas: 28-01-1940; REITZ, *Alto...* p.528.

²⁶³ Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio. p. 18v. 21v.

foi aprovado pela prefeitura municipal em 1942.²⁶⁴ A Igreja Matriz ficou localizada bem ao fundo da avenida principal que dá acesso à cidade. Desta forma, logo na entrada avista-se a igreja.



Capa do Livro "Paróquia de Sombrio"

²⁶⁴ Fichas... com data: 04-7-1942.

A construção de templos grandiosos em lugares estratégicos também era prática comum dos integrantes do clero romanizado. E neste sentido, a capa do livro da paróquia de Sombrio (figura 13), em comemoração ao 10º aniversário, é bastante significativa. Nela aparecem lado a lado três desenhos simbolizando três momentos do catolicismo na paróquia. O primeiro é uma cruz das missões jesuíticas, que pregaram catequese aos indígenas da região de Sombrio entre 1605 e 1637. Em seguida aparece a capela Santo Antônio com as datas da sua inauguração, 1918, e da criação da paróquia, 1938, retratando um período de quase total ausência de sacerdotes, mas que contava com uma pequena capela fundada e administrada por leigos. Por último, destaca-se a imponente matriz com a data dos 10 anos de paróquia 1938-1948, a qual parece demonstrar a organização paroquial, a presença constante do padre, os trabalhos pastorais calcados nas orientações romanas. Um templo de grandes dimensões é símbolo da presença da Igreja Católica romanizada, forte motivo para padre João Reitz dedicar-se com afinco, durante anos, para concluir a matriz de Sombrio.

A campanha financeira para edificar a matriz começou cedo, em outubro de 1938, e estendeu-se por toda a paróquia. Dentro de um mês já atingia uma boa quantia em dinheiro. Padre João anunciou na missa: *"A campanha em favor da matriz está tendo extraordinária aceitação em todas as capelas onde é levada"*.²⁶⁵ Ainda no final de 1938, o padre pediu aos moradores um dia de serviço. Precisava de 30 a 35 homens com enxadas, pás, machados, foices para trabalharem na limpeza do terreno da igreja e da praça. No ano seguinte, também turmas de voluntários desmataram a pedreira, transportaram as pedras e a areia para fazer as bases da nova matriz.²⁶⁶

A festa de lançamento da pedra fundamental da matriz ocorreu nos dias 31 de maio e 1º de junho de 1940. A organização e a programação dos dias de festejos foram preparados com

antecedência. Convites especiais foram enviados a vários padres da região sul. As autoridades de Araranguá, sede do município, não ficaram de fora, tendo sido convidados o Prefeito Caetano Francisco Lummertz, o secretário municipal, o juiz de direito, o promotor público, o diretor do grupo escolar e o diretor de instrução pública. Ergueu-se um grande altar localizado no ponto em que seria o altar da futura igreja, onde se celebrou missa campal e fez-se a recepção dos sacramentos dos fiéis. No local houve a cerimônia de bênção da pedra fundamental e a instalação da Congregação Mariana com a recepção das primeiras moças congregadas.

Outras atividades constavam desse programa: uma conferência religiosa, passeata cívica, a inauguração de um parque de diversões, jogo de futebol, corrida de cavalos e bazar à noite. Os “comes e bebes” foram vendidos em um restaurante montado pelos organizadores. Quanto à música, esta ficou por conta da banda da “Sociedade Musical Vila Lobos” de Sombrio. Com solenes cerimônias religiosas, presença de autoridades, divertimentos e música a festa deu grande destaque à matriz sombriense e proporcionou bons rendimentos para ajudar na construção. Em setembro do mesmo ano tiveram início as obras da igreja.²⁶⁷

Da mesma forma, no dia de Santo Antônio, 13 de junho, padroeiro da paróquia havia variedades de entretenimentos. A data era comemorada anualmente com uma grande festa em louvor ao santo, precedida de novenas e bazares com leilões. Desde 1938 a Comissão Construtora estabeleceu que os rendimentos desta festa seriam destinados para os trabalhos da matriz.²⁶⁸ Na ata da primeira reunião eles trataram da organização da festa:

²⁶⁵ Fichas... com datas: 17-10-1938; 13-11-1938. Transcrição do aviso paroquial n. 320.

²⁶⁶ Fichas... com datas: 29-11-1938; 02-04-1939.

²⁶⁷ Fichas... com data: 31-05-1940.

²⁶⁸ De acordo com Cônego Raulino, a festa de Santo Antônio de Sombrio é comemorada desde 1918, quando inaugurou-se a capela. REITZ, *Paróquia...* p.57.; Não se sabe como eram estes festejos, pois não existe documentação referente ao assunto antes da criação da paróquia. A partir de 1938, os registros sobre as festas de Santo Antônio foram anotados no Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio.

De comum acordo foi assentado que os festejos, como era natural, se fariam constar de duas partes, uma estritamente religiosa e outra cívico-religiosa. Concordou-se que a parte religiosa havia de consistir numa novena preparatória, missa cantada, procissão e solene encerramento com benção do Santíssimo; e a parte cívico-religiosa em leilões bazares botequins, música, fogos etc.

Para tudo se poder levar a efeito, com ordem e facilidade, foram criadas diversas comissões e nomeadas diferentes pessoas, cada qual com a sua incumbência.

Mesmo cada noite de novena teria quem a patrocinasse, ou seja um mordomo, a quem competia dar esportula ao celebrante, custear as velas e fogos que se julgassem necessários.

Seria convidada uma banda de música, provavelmente de Araranguá.

(...)

Seriam impressos convites, em que se faria constar que todos os rendimentos da festa seriam a favor da construção da nova matriz, para o que se podiam ofertar em gêneros, animais e prendas, e que, na primeira visita do vigário as capelas seriam distribuídas ao povo, por intermédio de encarregados, indicados pelo próprio vigário, e em determinado dia haveriam de remeter tudo para Sombrio.²⁶⁹

A estrutura e a organização dessa primeira festa sob a administração de padre João Reitz, permaneceram praticamente as mesmas nos anos posteriores. Toda festa continuou a ser dividida em duas partes. Na religiosa, dava-se grande ênfase à procissão com o Santo. À parte que chamavam de cívico-religiosa, na verdade os entretenimentos, com o tempo a comissão acrescentou novos divertimentos e promoções, visando atrair cada vez mais pessoas para os festejos. Permaneceram as comissões formadas por membros das associações religiosas e diversas outras pessoas da paróquia, responsáveis pelos preparativos, pela arrecadação de prendas entre os

moradores e para trabalhar durante a festa. Tiveram continuidade também as figuras dos mordomos, responsáveis por cada novena, e ainda a do festeiro. Este último era quem promovia e patrocinava a festa, em vista disto o escolhido sempre era alguém em boas condições econômicas.

A festa de Santo Antônio passou a ser o dia escolhido para a população dar a sua contribuição em dinheiro para o templo da matriz. Em geral as rendas das comemorações aumentavam anualmente. Entretanto, Evaldo PAULI fez em 1947 a seguinte anotação a respeito do comportamento dos paroquianos: *"O povo daqui costuma dar em pequenas quantidades o dinheiro limpo, embora tenha o hábito de gastar muito quando se trata de comprar prendas"*.²⁷⁰ Estas prendas, que em grande parte consistiam de assados, vinhos e bolos, eram leiloadas nos bazares e acabavam vendidas por preços bastante altos. Ora, quem dava bons lances e arrematava tais prendas, ficava em evidência, de forma que o bazar servia para distinguir as pessoas mais aquinhoadas das demais.

Outra promoção bastante concorrida era o concurso da Rainha da Festa de Santo Antônio, instituído em 1946. Em alguns anos as candidatas de acordo com a facção política de seus pais acabavam representando os respectivos partidos políticos de cada um. A campanha para eleger a rainha transformava-se em uma verdadeira disputa político-eleitoral. Os votos das candidatas eram vendidos e quanto mais acirrada era a campanha, mais rendimentos tinha a Igreja. Na festa de 1945 introduziu-se nova estratégia. Fez-se uma concorrência entre várias comunidades da paróquia, divididas nas categorias grandes e pequenas. A Comissão Construtora concederia o

²⁶⁹ Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio, p. 1-1v.

²⁷⁰ Fichas... com data: 11-04-47.

título de “Coluna da Paróquia de Sombrio” à localidade que obtivesse maior renda na novena a seu encargo.²⁷¹

Com tantas promoções e campanhas arrecadava-se bastante dinheiro, mesmo assim os trabalhos da matriz paralisaram algumas vezes e a sua conclusão demorou. No ano de 1945 Evaldo PAULI escreveu nas suas fichas dos atos da paróquia: *“Por certo tempo paralisaram as obras da matriz e foi necessário explicar ao povo os motivos para evitar dúvidas e comentários. A razão foi a falta de material. Estamos na crise do após-guerra. Foi preciso mesmo obter uma máquina para a fabricação de telhas e assim poder cobrir a matriz. Mas estas providências foram morosas e difíceis”*.²⁷² Os trabalhos somente recomeçaram em 1947. Como a crise do pós-guerra persistia e estava ocorrendo no país uma diminuição considerável da moeda circulante, criou-se a 1ª Festa da Farinha na paróquia, visando angariar fundos para a matriz. A produção de farinha de mandioca era comum na região e com as doações do produto foi possível realizar a festa que continuou em anos posteriores.²⁷³

Em março de 1948, sob os cuidados de um engenheiro, colocaram o telhado da igreja para tornar possível a celebração de missas e outra solenidades no novo templo, durante as comemorações dos 10 anos de paróquia.²⁷⁴ Houve novamente grandes festejos no dia da criação da paróquia, em 31 de maio. Em setembro, mês em que foi instalada, fez-se outra festa com a transladação do Santíssimo Sacramento, da imagem de Santo Antônio e das alfainas sagradas para o novo templo. Neste mesmo dia, a antiga capela foi vendida em leilão.

Ainda, no ano de 1948 foi publicado o livro “Paróquia de Sombrio” do Cônego Raulino Reitz, irmão de padre João. Seu sobrinho, Evaldo Pauli, que trabalhou em Sombrio quando era

²⁷¹ Fichas... com data: 13-06-1945.

²⁷² Fichas... com data: 13-06-1945.

seminarista, fez uma “Estatística” do perímetro urbano da vila de Sombrio. O levantamento de dados numéricos registrou um total de 887 habitantes e 167 famílias. Os prédios da sede somavam 218 e, destes, 156 eram residenciais e 62 tinham outras finalidades. Por outro lado, Evaldo PAULI constatou que na vila havia cidadãos com “grandes valores”, porém a maioria da população aparentava ser pobre.²⁷⁵

Embora a comunidade da sede e de muitas capelas tivessem poucos recursos, o paróquiato de padre João Reitz foi pautado por festas. Devido à forma como eram organizadas, com trabalhos voluntários e comissões que recolhiam da população qualquer gênero que pudesse oferecer, elas sempre davam bons lucros. Acontece que o novo templo foi inaugurado oficialmente apenas em 1963, no aniversário dos 25 anos da paróquia, com mais uma festa grandiosa.²⁷⁶ De fato, a execução do projeto da matriz exigia grande soma de dinheiro, e a igreja precisou adquirir boa quantidade de novos paramentos. Além disso, Cônego Raulino viu outras causas para a demora da conclusão da matriz de Sombrio:

As obras da construção da igreja matriz foram muitas vezes paralisadas em parte por falta de meios, em parte propositadamente para concluir obras inadiáveis na área social paroquial. Durante os 23 anos da construção da grande igreja, o vigário, na década de quarenta, instalou um equipamento de cultura, esporte e lazer denominado CENTRO SOCIAL MONSENHOR TOPP, (...). Enriqueceu o patrimônio da paróquia pela compra de extensa área de terra para essa e outras futuras obras paroquiais. Partia o vigário do seguinte princípio: têm preferência em nossa época

²⁷³ Fichas... com data: 13-06-1947.

²⁷⁴ Fichas... com datas: 07-09-1947; março de 1948.

²⁷⁵ Fichas... com datas: fevereiro de 1948; 31-05-1948; 19-09-1948.; Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio. p.57-68.

²⁷⁶ Os dados referentes à preparação da festa de aniversário dos 25 anos da paróquia e da inauguração da matriz estão no Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio. p.80-91.

*as obras sociais, cuja prioridade em organização paroquial é questão pacífica, ante a construção de uma igreja ampla e cômoda.*²⁷⁷

Como se pode perceber nessas considerações, para Cônego Raulino, o motivo principal desse adiamento se deve à proposta de trabalho pastoral de padre João, a qual não se restringia à assistência religiosa dos paroquianos, mas se estendia por outros campos e incluía muitas obras sociais. De qualquer forma se as obras sociais tinham prioridade, muitas das festas e campanhas realizaram-se em nome da matriz. Desde a cerimônia da pedra fundamental até a inauguração oficial do templo, a comunidade da paróquia de Sombrio continuamente esteve envolvida com uma matriz em construção. Período este em que a atividade pastoral de padre João foi mais intensa, em meio a uma população com manifestações religiosas semelhantes às do catolicismo popular luso-brasileiro, onde ele imprimiu o catolicismo europeu de modelo romano.

Por isso o ano da inauguração da matriz, 1963, serviu como uma baliza temporal final para este trabalho. Foi o ano da conclusão da grande “Igreja Matriz”, símbolo de uma ação pastoral romanizadora, quando o próprio catolicismo romanizado já cedia lugar a outras práticas pastorais. Entretanto, este fato não significa que padre João Reitz tenha-se voltado para uma outra pastoral mais moderna ou tenha deixado de trabalhar. Ele ainda atuou como Vigário até 1973 e viveu em Sombrio até 8 de junho de 1984, quando faleceu. Contudo, neste trabalho, procurou-se enfocar apenas alguns aspectos dos primeiros 25 anos de paroquiato de padre João Reitz em Sombrio.

²⁷⁷ REITZ, Alto... p. 528-529.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado o momento das palavras finais pode-se dizer que padre João Reitz, descendente de imigrantes alemães católicos, passou a infância em um ambiente rural no qual os teutos cultivavam a moral religiosa, valorizavam a missa, a figura do padre e a recepção dos sacramentos. Estas práticas diferiam em muitos aspectos das do catolicismo popular dos luso-brasileiros, que dispensava a autoridade eclesiástica e a doutrina formal, predominante no Brasil por quase quatro séculos. A partir da segunda metade do século XIX, a Igreja Católica no Brasil iniciou o processo de romanização, isto é, começou a aumentar o vínculo com a Santa Sé e a seguir as normas prescritas por Roma, fundamentadas nos princípios do Concílio de Trento e do Concílio Vaticano I.

O Episcopado passou, então, a intensificar a catequese, incentivar a prática dos sacramentos e as vocações sacerdotais, fomentar a fundação de novas associações para leigos controladas por clérigos, promover as missões religiosas, fazer visitas pastorais, criar novas dioceses e paróquias, enfim, uma série de medidas que procurava adaptar o catolicismo popular luso-brasileiro ao modelo romano. Para isto a hierarquia eclesiástica promoveu a entrada de grande número de religiosos europeus e empenhou-se em formar um clero nacional disciplinado, instalando seminários rígidos nos aspectos religioso, moral e intelectual.

Padre João Reitz estudou no seminário de São Leopoldo, quando a Igreja Católica estava em pleno processo de romanização. A educação religiosa que ele recebeu na infância ajustava-se bem a este modelo. O fato de ir para Roma estudar Teologia e Filosofia na Universidade Gregoriana, administrada por jesuítas, reforçou a sua formação de linha tridentina. Lá também conheceu a Ação Católica, movimento preconizado pelo Papa, o qual propunha a participação dos leigos junto ao apostolado hierárquico para desenvolverem, na esfera pública, atividades em prol dos princípios católicos.

Após ser ordenado sacerdote, em outubro de 1930, regressou ao Brasil para o seu Estado natal. Trabalhou como Vigário coadjutor, professor do Seminário de Azambuja e Cura da Catedral Metropolitana de Florianópolis. No período em que esteve no Curato da Catedral, desentendeu-se com Dom Joaquim Domingues de Oliveira, seu Arcebispo, principalmente porque tentou trabalhar com o movimento da Ação Católica. Foi transferido, em fins de 1937, para o sul do Estado catarinense. Trabalhou como Vigário coadjutor da paróquia de Araranguá com residência em Sombrio, com o encargo de organizar a paróquia a ser criada nesta localidade em 1938.

Por sua vez a paróquia de Sombrio, situada no litoral, contava com uma população predominantemente lusa, que tinha práticas semelhantes às do catolicismo popular e era pouco habituada à disciplina religiosa formal. Contudo, foi neste ambiente distante da Arquidiocese onde padre João teve oportunidade de exercer plenamente suas atividades pastorais de linha romana. Instalou associações religiosas, incentivou o exercício dos sacramentos, instituiu cursos de religião para formar catequistas e capelãs, possibilitando a realização de aulas de doutrina em todo território paroquial e o controle do culto nas capelas. Criou várias escolas e um hospital. Construiu um grande templo para a igreja matriz, envolvendo os paroquianos durante 23 anos nos trabalhos para a sua conclusão. Combateu os curandeiros e muitos costumes locais que

considerava supersticiosos. Posicionou-se contra a realização de bailes na região paroquial e procurou moralizar o comportamento da população. Criou o Centro Monsenhor Topp com biblioteca, cinema, teatro, jogos de mesa, praça de esportes e um bar, para onde conseguia atrair os fiéis, afastando-os de divertimentos imorais.

Todas essas medidas tomadas por padre João causaram intrigas e muitos paroquianos resistiram em assimilá-las. Mas nos seus 25 anos de trabalhos pastorais, este padre exerceu posição tutelar na espaço moral e religioso e, de certa forma, intensificou a participação dos paroquianos em práticas católicas, sociais e culturais europeizadas que faziam parte de seu mundo e de sua formação, mas não da realidade local.

Essas considerações de forma alguma pretendem ser conclusivas. Neste trabalho utilizou-se a documentação de alguns arquivos, as informações de três obras de Cônego Raulino Reitz e selecionaram-se apenas alguns elementos da ação pastoral de padre João Reitz em Sombrio, para serem abordados. Muitos outros aspectos poderiam ser explorados como, por exemplo, a atuação do padre no setor econômico da zona sombriense. Mesmo os itens levantados poderiam ser tratados com maior atenção e serem melhor desenvolvidos. O uso em maior escala da história oral como fonte, sem dúvida, seria enriquecedor, pois as entrevistas com os paroquianos acrescentariam novos dados que não aparecem nos documentos escritos e poderiam revelar outras facetas do padre.

Mas este estudo não é senão um começo, uma base inicial para um trabalho mais sólido que se pretende fazer no futuro. Cônego Raulino Reitz ao concluir o verbete biográfico de seu irmão João Reitz, escreveu: "(...) Sua biografia não se esgota nessas linhas. Iniciei a confecção do rico manto de

sua memória, urdindo copiosas notas e notícias com base no arquivo pessoal dele (1925-1984), no meu (1937-1985), no Arquivo da Arquidiocese de Florianópolis e entrevistando contemporâneos. (...) Esta biografia é apenas um urdume. Outro tecelão mais hábil aparecerá na comunidade sambriense para tecer o rico manto da memória de seu bem feitor.” Pois bem, mais um pedaço deste manto foi tecido, no qual se empregou não maior habilidade, e sim outros pontos e outra linha. O tecido, porém, é incompleto e está aberto a muitos tecelões...

FONTES

ACERVOS :

PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA DE SOMBRIO

- Livro Tombo da Paróquia de Sombrio.
- Livro de Atas Relativas à Igreja de Santo Antônio e à Construção da Casa Canônica-1934-1938.
- Livro de Anotações e Avisos Paroquiais-1950-1958.
- Livro de Atas da Construção da Igreja e da Paróquia de Sombrio-1938-1973.
- Documentos relativos à construção da Praça de Esportes Cairú e ao Centro Monsenhor Topp.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOMBRIO

- Livro de Protocolo da Intendência Distrital de Sombrio 1939-1943.
- Livro de Registros de Ofícios-1943-1847.
- Livro para Atas Cívicas do Distrito de Sombrio-1942-1944.

MUSEU MUNICIPAL DE SOMBRIO

- Carta de padre João Adão Reitz a Dona Oníria - 08-01-1965.
- Carta de padre João Adão Reitz à Irmã Leonilda - 29-03-67.

PARÓQUIA DE ARARANGUÁ

-- Livro Tombo da Paróquia de Araranguá -1896-1956.

CÚRIA METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS

Arquivo Pessoal de Padre João Adão Reitz :

-- Cartas a padre João Adão Reitz entre 1935 e 1965.

-- Fichas de cronologia dos atos da paróquia de Sombrio 1931-1948. Por Evaldo Pauli (263 fichas).

-- Jornais e fotografias.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

-- Ofícios das Câmaras Municipais ao Presidente da Província (partes referentes a Araranguá) 1883-1888.

-- Ofício da Diretoria do Grupo Escolar de Sombrio para o Interventor Federal Nereu Ramos - 04- 12-1944. Ofícios D P.G., jan. / dez 1944, p.85.

-- Mensagem do Governador em Exercício, José Boabaid, à Assembléia Legislativa 19-04-1949, p.65

-- Mensagem do Governador Irineu Bornhausen à Assembléia Legislativa 15-03-1952, p.85

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

-- Recenseamento do Brasil : população. V. IV, Parte I. IBGE, 1920.

-- Censo Demográfico : população e habitação. Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Parte XIX. IBGE, 1940.

JORNAIS :

-- Diário Oficial do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 06 maio, 1943, n. 2493, ano X , p.3.

-- O Apóstolo. Florianópolis, 01 nov., 1943, n. 321, ano XV , p.1.

ENTREVISTAS :

-- Rosa, Arlindo Edílio da. Entrevista concedida a Vera Regina Alves Valerim em 15-05-1996.

-- Rosa, Ceny Souza da. Entrevista concedida a Vera Regina Alves Valerim em 15-05-1996.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Márcio Moreira. **A Igreja e a política no Brasil** . São Paulo : Brasiliense, 1979.
- ARNS, Paulo Evaristo; BEOZZO, José Oscar. **O que é Igreja?** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- AZZI, Riolando. O catolicismo de imigração. **Estudios Migratorios Latino-Americanos**. Buenos Aires. CEMLA, p. 5-32, 1990.
- _____ Elementos para a história do catolicismo popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 36, n.141, p. 95-130, mar. 1976.
- _____ et. alli. **História da teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 21-43.
- BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização.
In: FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Difel, t. 3, v.11, 1986. p.271-341.
- BESSEN, José Artulino ; PAULI, Evaldo. **A comunidade de Antônio Carlos** . [S.l.; s.e.], 1983.
- BESSEN, José Artulino. **A arquidiocese de Florianópolis** . [S.l.; s.e.], 1983.
- _____ (org.) D. Jaime de Barros Câmara. **Revista Pastoral de Conjunto**. Tubarão : Dehon, 1994. (ed. Especial)
- _____ **Dom Joaquim Domingues de Oliveira** . Florianópolis : IOESC, 1979.
- _____ Monsenhor Francisco Xavier Topp: o institucionalizador da Igreja catarinense. **Encontros Teológicos** , Florianópolis, n.2, p. 27-32. 1990.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **Um Estado entre duas repúblicas: a revolução de 30 e a política em Santa Catarina.** Florianópolis : UFSC, 1984.

_____. **História oral: teoria e técnica.** Florianópolis : UFSC, 1978.

CORREIA, Ana Maria Martins Coelho. **A expansão da Igreja em Santa Catarina, a reação anticlerical e a questão do clero nacional (1892-1920).** Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.

DALL'ALBA, João Leonir (org.) **Memórias do Araranguá.** (Diários de Bernadino de Senna Campos) Florianópolis : Lunardelli, 1987.

DALLABRIDA, Norberto. **A sombra do campanário: o catolicismo romanizado na área de imigração italiana no médio vale do Itajaí-Açu (1892-1918).** Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

DE BONI, Luís Alberto. **O catolicismo de imigração: do triunfo à crise.** In: LANDO, Aldair Marli (org.). **Rio Grande do Sul : imigração e colonização.** Porto Alegre : Mercado Aberto, 1980. p.234-255.

DICCIONÁRIO, **del cristianismo.** Herder. Barcelona. 1986.

GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil .** Porto Alegre : Mercado Aberto, 1987.

HOBOLD, Paulo. **A história de Araranguá.** Porto Alegre : Palmarica, 1994.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina .** Florianópolis : Papa-Livro, 1984.

KRISCHKE, Paulo José. **A Igreja e as crises políticas no Brasil .** Petrópolis: Vozes, 1979.

LIBANIO, João Batista. **O que é pastoral .** São Paulo: Brasiliense, 1982.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A Igreja e o integralismo no Brasil 1932-1939.** *Revista de História* , v. LIV, n.108, p. 503-532, 1976.

MARQUES, Ana Maria. **Cotidiano e religião: a construção de uma cultura religiosa em Nova Trento**. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____ **Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro**.
Revista Eclesiástica Brasileira , v.36, n.141. p.71-131, 1976.

PAULI, Evaldo. **Evolução religiosa do Sombrio de Outora (1605-1637)** in: **Paróquia de Sombrio**. Brusque : [s.e.], 1948.

PÉREIRA, Juventino J. **Sombrio: sua origem, seu povo e tradições**. Canoas : La Salle, 1972.

PIAZZA, Walter F. **A colonização de Santa Catarina** . Florianópolis : Lunardelli, 1988.

_____ **A constituição de 1891 e a separação entre a Igreja e o Estado**. in: **Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**, 11, Anais. São Paulo, p.34-42, 1981.

_____ **Os "diários" de Dom José de Camargo e Barros e as suas visitas pastorais ao território catarinense**. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Florianópolis, n.5, p.58-118, 1984.

_____ **A Igreja em Santa Catarina: notas para sua história**. Florianópolis : IOESC, 1987.

_____ **Santa Catarina: sua história** . Florianópolis: Lunardelli, 1983.

REITZ, Raulino. **Alto Biguaçu: narrativa cultural e tetrarracial**. Florianópolis : Lunardelli, 1988.

_____ **Frutos da imigração: história e genealogia da família Reitz**. [Blumenau] : Tipografia Blumenauense, 1963.

_____ **Paróquia de Sombrio**. Brusque : [s.e.], 1948.

SALEM, Helena (org.). **A Igreja dos oprimidos** . São Paulo : Brasil Debates, 1981.

SANTA CATARINA. SEPLAN. **Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-Econômico.**

(Apostila referente ao município de Sombrio). Florianópolis: IOESC, 1990.

SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e catolicismo popular no planalto serrano catarinense 1891-**

1930. Dissertação (Mestrado em História) Centro de Ciências Humanas, Universidade

Federal de Santa Catarina, 1989.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil** . Brasília : UNB, 1990.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30.** São Paulo : Difel,

1979.

VETTORETTI, Amádio. **História de Tubarão** . Tubarão : Incopel, 1992.

WERNET, Augustin. **A Igreja paulista no século XIX** . São Paulo : Ática, 1987.

Revisão Final: Ivone Franciozi.